



Jon Bloom

Prefácio de
John Piper

*Certeza
do que se
espera*

Um novo olhar sobre
antigas histórias de
caminhada por fé,
para fortalecer a sua





Jon Bloom

Prefácio de
John Piper

*Certeza
do que se
espera*

Um novo olhar sobre
antigas histórias de
caminhada por fé,
para fortalecer a sua



Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[Prefácio](#)

[Uma palavra ao leitor](#)

[Gratidão](#)

[1. “Onde está a vossa fé?”](#)

[2. “Nem eu tampouco te condeno”](#)

[3. Ela ainda tinha de voltar para casa](#)

[4. Dúvidas na escuridão](#)

[5. Despedaçando um ídolo](#)

[6. Você está desapontado?](#)

[7. Você consegue suportar a incerteza?](#)

[8. “De modo algum acreditarei”](#)

[9. A noite em que o anjo não veio](#)

[10. Enfrentando uma decisão dolorosa](#)

[11. Nos estábulos do desespero nasce a graça de Deus](#)

12. Desvios (não) planejados
13. “Não temais”
14. O que é o amor para Deus
15. Quando uma rocha lentamente afunda
16. A fé que deixou Jesus admirado
17. Você tem se regozijado na fraqueza?
18. Peça!
19. “Crês isto?”
20. Quando você não sabe o que fazer
21. Jesus escolhe e usa fracassados
22. Quando uma repreensão se torna uma recompensa
23. Esperança para nossos familiares descrentes
24. O sucesso pode ser perigoso
25. Mais do que suficiente
26. Os propósitos de Deus podem ser opostos à nossa percepção
27. Os olhos que Jesus primeiro abriu
28. “O que eu faço não o sabes agora”
29. Permanecendo fiel quando as coisas vão mal
30. Servindo no lugar sem destaque em que Deus te pôs
31. O dia da sua libertação está decretado
32. Jesus merece isto?

[33. O poderoso e pragmático peão da providência](#)

[34. “Segue-me”](#)

[35. Quando seguir a Jesus significa voltar para casa](#)

[Sobre o autor](#)

“Esboços vívidos e instrutivos de personagens bíblicos aprendendo a viver com o seu quase sempre surpreendente Senhor.”

J. I. Packer, professor de Teologia no Regent College

“Viver pela fé não é coisa pequena. Este livro de Jon Bloom fornece breves leituras — uma por dia seria ideal — para nos ajudar a repensar nossa vida à luz da fidelidade de Cristo. A audácia deste livro é que ele é simples, mas nos conduz cuidadosamente a Cristo em sua Palavra. Que livro raro e poderoso!”

Ray Ortlund, Immanuel Church, Nashville

“Spurgeon disse: ‘Meus livros são minhas ferramentas’. E este livro que você tem em mãos é uma sábia escolha para a caminhada. As histórias e insights de Bloom inflamam — fazem arder os ossos, lançam luz sobre os velhos e bons caminhos, e são vislumbres de glória que nos fazem querer correr a caminhada da fé!”

Ann Voskamp, escritora best-seller na lista do New York Times

“Jon Bloom é um homem centrado em Cristo, na adoração a Deus e na busca do Reino. E uma vez que nem todos os escritores são assim, essas são boas razões para ler este livro! Porém, há mais do que isso. Jon é um escritor dotado de algo que nós precisamos mais: contar histórias não fictícias cheias de imaginação. Durante anos tenho lido o blog dele no *Desiring God* e ponderado a esse respeito, guardando algumas dessas histórias para citar em livros futuros. Amo o modo como Jon repetidamente me leva de volta às Escrituras. Deus diz que sua

Palavra não volta para ele vazia, sem que cumpra seu propósito. Ele nunca disse nada sobre as nossas palavras. Eis por que Certeza do que se espera perdurará para além deste mundo: ele está inundado com a Palavra de Deus, que é doadora de vida e nunca morrerá.”

Randy Alcorn, Eternal Perspective Ministries

“De modo criativo e sábio, este livro nos convida às realidades relatadas nos evangelhos, nos fazendo ouvir as pedras dos acusadores da mulher adúltera caírem no chão, sentir o arrepio da saúde correndo pelo corpo do leproso, ver o pânico nos olhos de Pedro quando ele começou a afundar, cheirar a fragrância que foi derramada sobre os pés de Jesus, e provar do peixe que Jesus serviu aos discípulos num café da manhã.”

Nancy Guthrie, autora de Hearing Jesus Speak into Your Sorrow

“Esquecimento e familiaridade. A fé é geralmente afligida por esses dois erros tão assemelhados. Facilmente esquecemos aquilo que sabemos sobre quem Deus é e o que ele fez por nós em Jesus Cristo. Quando nos voltamos à Escritura para obter auxílio, nossa familiaridade embota o que há de extraordinário nas esplêndidas histórias da misericórdia de Deus para com meros homens. Precisamos ser lembrados das antigas histórias da Escritura, que podem irrigar nossa alma ressequida e inflamar a nossa fé. Em Certeza do que se espera, meu amigo Jon Bloom estilhaça nossa familiaridade com a Bíblia ao nos ajudar a ver de um modo novo como o drama da Escritura se desenrola na arenosa realidade da experiência humana e como essas histórias são infundidas com graça à medida que se encaixam numa história maior: o plano de Deus de salvar pecadores por meio de seu Filho. Você precisa ser lembrado daquilo que já sabe? Você precisa ser sacudido de sua familiaridade com o texto? O vívido recontar de antigas histórias irá ajudar você a recuperar a surpresa e o deleite nas histórias da Escritura.”

C. J. Mahaney, Sovereign Grace Ministries

“Nada como as histórias da Escritura, vigorosas e cheias de graça para despertar o nosso coração para o todo-suficiente Jesus Cristo. E dificilmente haverá alguém que eu conheça mais dotado ou capacitado para trazê-las à vida e extrair aplicações agudas e tão bem elaboradas quanto o meu bom amigo Jon Bloom. Não tenho como recomendar o suficiente este livro maravilhosamente perspicaz, poderosamente edificante e que tanto exalta a Cristo.”

Sam Storms, Bridgeway Church, Oklahoma City, Oklahoma

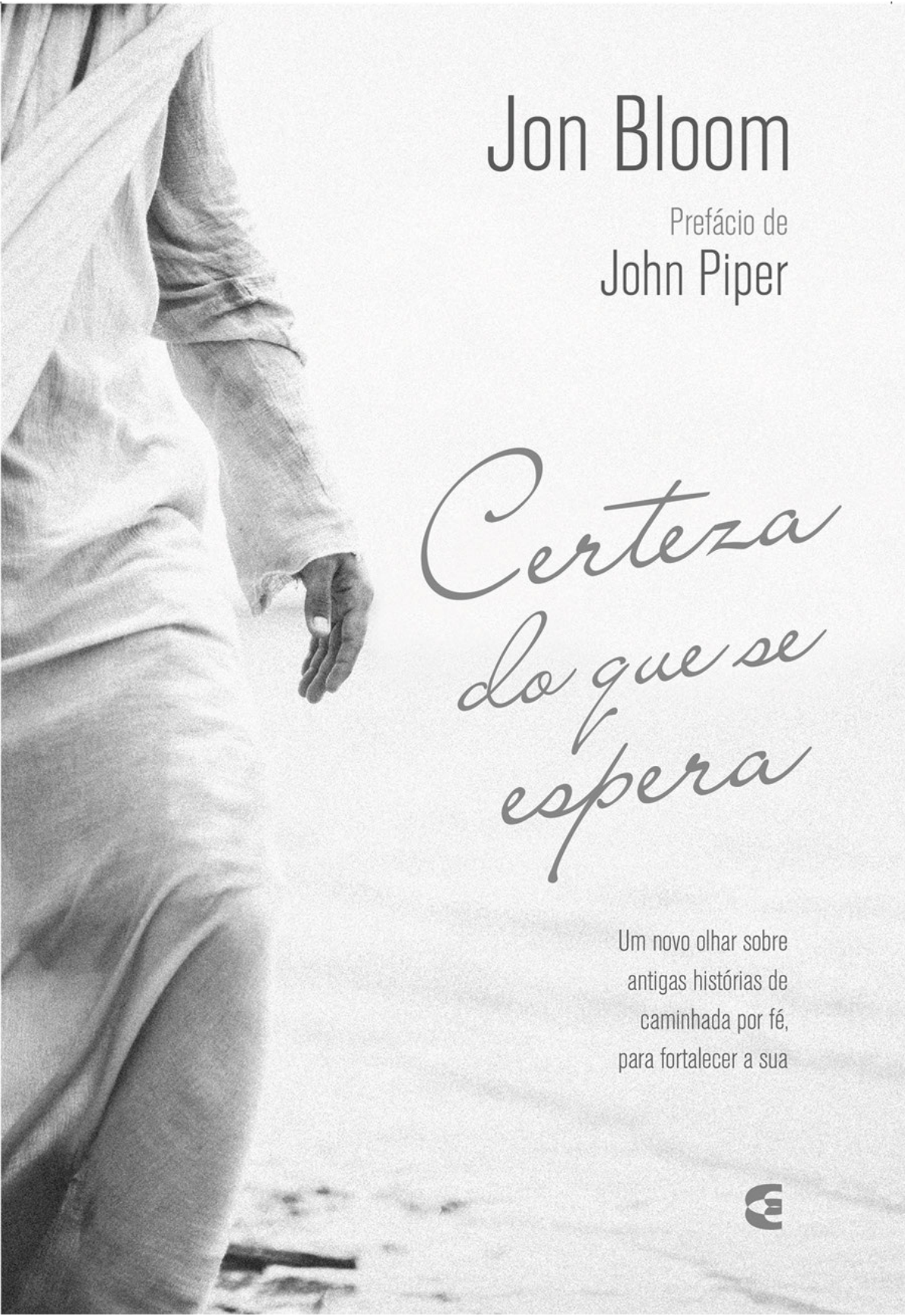
“Você, como eu, sente a futilidade de tentar obter esperança das coisas que vê? Usando as vozes daqueles que vieram antes de nós, Jon Bloom descreve o melhor modo de obter esperança: andar pela fé com Jesus, nossa esperança bendita. Certeza do que se espera leva você em uma caminhada através da nuvem de testemunhas, cuja declaração da sempre suficiente graça de Deus ecoa ao longo das eras. Sou grata por esta meditação sobre a preciosa promessa de provisão divina que nos capacita a dar passos na caminhada da fé.”

Gloria Furman, autora de Glimpses of Grace

“O que acontece quando humilde e esperançosamente meditamos nos relatos da Escritura enquanto usamos as lentes do evangelho? Pergunte a Jon Bloom ou, melhor ainda, leia seu novo livro, Certeza do que se espera, e descubra você mesmo. Esse tesouro de curtas devocionais é o nutritivo fruto de um homem crucificado com Cristo e faminto da graça — um irmão cujas palavras apresentam o evangelho de um modo lindo e crível, para crentes ou descrentes. Este é um livro que você vai querer dar de presente a uma porção de amigos, não

importa em que estágio eles estejam na história da fé.”

Scotty Smith, pastor fundador da Christ Community Church, Franklin, Tennessee. Autor de The Reign of Grace e Restoring Broken Things



Jon Bloom

Prefácio de
John Piper

Certeza do que se espera

Um novo olhar sobre
antigas histórias de
caminhada por fé,
para fortalecer a sua



Certeza do que se espera © 2015 Editora Cultura Cristã. Título original Not by Sight © 2013 by Desiring God. Publicado por Crossway, ministério de publicações de Good News Publishers Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Filipe Fontes Heber Carlos

■

B655c Bloom, Jon

Certeza do que se espera / Jon Bloom; traduzido por Márcio Santana Sobrinho.
São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-018-7

Tradução: Not by sight.

1. Estudos Bíblicos 2. Vida Cristã I. Título

CDU 232.9

■

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato

de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Pamela,

Minha preciosa parceira de crença nas “preciosas e mui grandes promessas” de Deus (2Pe 1.4). Obrigado por me ajudar mais do que qualquer outra pessoa a crer em Jesus, e por orar mais do que qualquer um por este pequeno livro.

Sumário

[Prefácio](#)

[Uma palavra ao leitor](#)

[Gratidão](#)

[1. “Onde está a vossa fé?”](#)

[2. “Nem eu tampouco te condeno”](#)

[3. Ela ainda tinha de voltar para casa](#)

[4. Dúvidas na escuridão](#)

[5. Despedaçando um ídolo](#)

[6. Você está desapontado?](#)

7. Você consegue suportar a incerteza?

8. “De modo algum acreditarei”

9. A noite em que o anjo não veio

10. Enfrentando uma decisão dolorosa

11. Nos estábulos do desespero nasce a graça de Deus

12. Desvios (não) planejados

13. “Não temais”

14. O que é o amor para Deus

15. Quando uma rocha lentamente afunda

16. A fé que deixou Jesus admirado

17. Você tem se regozijado na fraqueza?

18. Peça!

19. “Crês isto?”

20. Quando você não sabe o que fazer

21. Jesus escolhe e usa fracassados

22. Quando uma repreensão se torna uma recompensa

23. Esperança para nossos familiares descrentes

24. O sucesso pode ser perigoso

25. Mais do que suficiente

26. Os propósitos de Deus podem ser opostos à nossa percepção

27. Os olhos que Jesus primeiro abriu

28. “O que eu faço não o sabes agora”

29. Permanecendo fiel quando as coisas vão mal

30. Servindo no lugar sem destaque em que Deus te pôs

31. O dia da sua libertação está decretado

32. Jesus merece isto?

33. O poderoso e pragmático peão da providência

34. “Segue-me”

35. Quando seguir a Jesus significa voltar para casa

Prefácio

Com o apóstolo João, digo: “Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa” (1Jo 1.4). A nossa alegria. Sim, a minha e a sua também.

Escrever algo a respeito de Jon Bloom e seu livro é uma alegria. Então, deleite-se comigo por um momento, se estiver disposto.

Primeiro, eu amo Jon Bloom. Quero aqui elogiar esse homem. Ele é digno de sua atenção.

Jon é um homem de adoração. Ele vive sob a graça soberana de Deus com um alegre senso de submissão e louvor. De fato, é um líder de adoração em sua igreja.

Jon é apaixonado pelo evangelho de Jesus. Ele é manifestamente grato porque os seus pecados foram perdoados em Cristo, e suas obras são o fruto de sua justificação, não a raiz.

Jon é humilde e pronto a confessar seu pecado e curar relacionamentos.

Jon é forte nas Escrituras. Ele tem substância e não se deixa enganar.

Jon é um homem de visão — visão para sua vida e família, e visão para o Desiring God. Ele tem cuidado desse ministério desde o começo, quando tudo era apenas sonho.

Jon é confiável. Eu confiaria a ele a minha vida. De fato, eu já confiei a ele o ministério — que é uma boa parte da minha vida.

Jon é sábio. Embora seja uma geração mais jovem do que eu, sempre o procuro antes de ir até outros mais velhos. Existe o dom da sabedoria. E Jon o possui. Ele é o meu conselheiro.

Não é de surpreender, então, que este livro também seja digno de sua atenção. Tudo o que Jon é como pessoa e os dons que possui estão escorrendo por estas páginas.

Jon é criativo. Estas meditações não são exposições comuns. São histórias. Histórias realmente extraordinárias. Elas estão enraizadas naquilo que a Bíblia diz. As adições criativas nunca vão além daquilo que realmente poderia ter acontecido. As verdades que Jon aplica à nossa vida não são baseadas naquilo que poderia ter sido, mas naquilo que foi. O poderia-ter-sido adiciona carne aos ossos da verdade. Eles são palpáveis.

Jon está convencido de que se você conhecer a verdade, a verdade o libertará. E as verdades sobre as grandezas de Cristo são as melhores para nos libertar da incredulidade. E ser liberto da incredulidade é ser liberto do temor, avareza, orgulho, ira, concupiscência, desespero e uma centena de outras variações de pecados que estragam a nossa vida.

Cristãos novos e velhos, o que precisamos para andar pela fé e não pelo que vemos são vislumbres. Sei que isso soa contraditório. Precisamos ver para não andar por vista? Mas isso não é contraditório, porque a visão que precisamos não é daquilo que o dia nos reserva, mas uma visão daquele que controla o dia.

E mesmo essa visão ocorre quando olhamos através da janela da Palavra. O que significa que vemos com nossos ouvidos. Sim, isso soa estranho. Mas, escute: “Continuou o Senhor a aparecer em Silo, enquanto por sua palavra o Senhor se manifestava ali a Samuel” (1Sm 3.21). Assim, “olhamos” por meio da janela da Palavra com nossos ouvidos, e o que ouvimos é uma visão de Deus!

Se isso não faz sentido para você, eis aqui uma sugestão: escolha um capítulo deste livro cujo título lhe pareça relevante. Ouça enquanto lê. Olhe através do que você ouve. E veja se Jesus não se mostra a você de tal modo que você passe a confiar nele ainda mais.

Isso é o que Jon Bloom deseja. É por isso que nós estamos orando — por sua alegria na fé. Então, de fato, eu escrevi isto para a minha alegria. E a minha alegria será completa se eu ouvir que minha feliz recomendação e as lindas narrativas de Jon despertaram em você a alegria de andar pela fé, tendo Certeza do que se espera.

John Piper

Fundador e professor no Desiring God

Chanceler da Faculdade e Seminário Bethlehem

“Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”

João 20.31

Uma palavra ao leitor

O que Jesus realmente quer de você? Muita coisa pode ser dita a esse respeito. Mas cosendo tudo em uma só sentença: “Credes em Deus, crede também em mim” (Jo 14.1). Foi por isso que quando o apóstolo João escreveu seu evangelho usou formas da palavra “crer” oitenta e cinco vezes em vinte e um capítulos. Ele relembrou que Jesus enfatizou o crer em sua pregação e ensino.

Crer ou não em Jesus é a questão mais importante da sua vida porque “quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36). Veja, “sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6).

Mas crer em Jesus é muito difícil. É difícil porque “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1Jo 5.19), e ele trabalha com todo o seu poder para cegar “o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2Co 4.4). E está constantemente tentando desviar os crentes (Mt 24.24).

Por causa disso, é crucial que os seguidores de Jesus aprendam a “andar pela fé e não pelo que vemos” (2Co 5.7). Em outras palavras, devemos aprender a confiar nas promessas de Deus mais do que confiamos em nossa percepção. Esse tema perpassa toda a Bíblia, do começo ao fim.

O propósito deste pequeno livro é imaginativamente refletir sobre as experiências reais de pessoas da Bíblia com o propósito de ajudar você a captar e

viver o que significa confiar no Senhor de todo o seu coração... e não se estribar em seu próprio entendimento (Pv 3.5). O objetivo é ajudar você a crer em Jesus enquanto vive neste mundo tão confuso e sofrido.

Jesus disse: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” (Jo 6.29). Minha oração é que Deus use este livro para o encorajar na mais importante obra que você tem a fazer nesta vida.

Gratidão

É uma bênção além da compreensão estar casado com Pamela, que tem andado comigo pela fé em Jesus desde que nos apaixonamos ainda adolescentes. Nenhum outro ser humano entende tão profundamente quão significativo 2Coríntios 5.7 é para mim e ninguém tem me ajudado tanto a viver essa passagem. Pam, junto com o meu simples “muito obrigado” vai aquilo que não pode ser expresso. Este livro é dedicado a você.

John Piper tem sido para mim um pastor, professor, mentor, pai e amigo querido por mais de vinte anos, e sua influência sobre mim é generalizada e inigualável. John, nossa longa parceria no *Desiring God* está e sempre estará entre os mais altos privilégios que tive na vida. Escrever o prefácio deste livro é mais um gesto de generosidade que se soma à miríade de outros que tenho recebido de sua parte.

A existência deste livro se deve em boa parte ao encorajamento e ajuda de meus incríveis colegas (passados e presentes) no *Desiring God*, especialmente John Knight, Carol Steinbach, Bryan DeWire, Joe Scheumann e Andrea Froehlich, que revisaram e melhoraram essas meditações à medida que eram escritas como devocionais mensais para os nossos leitores. E por causa de Justin Taylor e da equipe da Crossway que estiveram dispostos a trabalhar nele. Minha gratidão a todos vocês é mais profunda do que posso expressar.

Mas, Jesus, meu mais profundo agradecimento é para ti. Desde quando pela primeira vez confiei em ti na minha juventude, jamais o Senhor quebrou uma única promessa, mas tem fielmente me conduzido nos caminhos da justiça (Sl 23.3), o tipo de caminho que só pode ser trilhado pela fé (2Co 5.7). Seguirte nesses caminhos com a tua Palavra como minha lâmpada (Sl 119.105) tem sido mais difícil do que jamais imaginei, e a coisa mais doce que jamais provei. De

fato, as coisas mais doces vêm das partes mais difíceis, sombrias e sofridas da jornada. O doce e o amargo me fazem ansiar pelo dia em que a visão da fé finalmente irá ceder espaço à visão da tua face (1Co 13.12). E espero que não demore.

“Chegando-se a ele, despertaram-no dizendo: Mestre, Mestre, estamos perecendo! Despertando-se Jesus, repreendeu o vento e a fúria da água. Tudo cessou, e veio a bonança. Então, lhes disse: Onde está a vossa fé? Eles, possuídos de temor e admiração, diziam uns aos outros: Quem é este que até aos ventos e às ondas repreende, e lhe obedecem?”

Lucas 8.24-25

1

“ONDE ESTÁ A

VOSSA FÉ?”

TIAGO ZEBEDEU E O TEMOR

Lucas 8.22-25

O MAR ESTAVA CALMO agora. E a brisa que soprava apenas empurrava o barco suavemente.

Os discípulos também estavam quietos. André estava conduzindo a embarcação.

Ele havia assumido depois de Pedro, que estava enrolado em um manto, exausto e perdido em pensamentos, depois de ter se molhado até aos ossos. Os demais tratavam de esvaziar o resto da água.

Jesus estava dormindo novamente.

Tiago inclinou-se sobre a borda da barcaça contemplando a dança dos reflexos sobre as mansas ondas.

Aquele homem conhecia o mar. Ele e João haviam gastado grande parte da vida sobre as águas ou dentro delas. Seu pai havia sido pescador. E assim também os filhos homens e os amigos dele. Sua memória recompunha as faces de alguns daqueles que haviam perecido nas imprevisíveis tempestades da Galileia, como aquela que os havia açoitado meia hora atrás.

Navegante experimentado, Tiago não se alarmava facilmente. No mar, ele sabia reconhecer o que era de fato um perigo. E aquela tempestade tinha aberto a boca para arrastá-los ao fundo dos abismos.

Havia terror nos olhos de João quando ele agarrou-se a Tiago e exclamou: “Temos de dizer ao Mestre!” Eles cambaleavam na popa. Foi em si algo maravilhoso Jesus ter permanecido dormindo enquanto as furiosas ondas atiravam o barco de um lado a outro. Eles o despertaram gritando: “Mestre, Mestre, estamos perecendo!” (v. 24).

Tiago nunca iria esquecer o modo como Jesus o olhou. Seus olhos eram ao mesmo tempo vibrantes e tranquilos. Nenhum traço de medo se via. Pondo de lado o cobertor, Jesus se ergueu completamente no convés. Tiago, temendo que

Jesus estivesse prestes a ser tragado pelas ondas, tentou agarrá-lo no instante mesmo em que Jesus gritou: “Acalma-te! Emudece!” (Mc 4.39).

Nem bem tais palavras saíram de sua boca e o vento havia cessado completamente. Aquele uivo tornou-se em silêncio repentino, de outro mundo. As ondas imediatamente começaram a diminuir. Cada discípulo ficou onde se encontrava, olhando atônito para a água e o céu, e uns para os outros.

O olhar de Jesus permaneceu por um momento sobre as colinas íngremes ao longo da costa ocidental. Então, ele olhou em volta para os doze e disse: “Onde está a vossa fé?” (v. 25).

Ele olhou diretamente para Tiago quando disse “fé”.

Agora, a pergunta de Jesus não saía da mente de Tiago, enquanto ele jazia inclinado no barco.

“Onde está a vossa fé?” Quando Jesus disse isso pela primeira vez, Tiago sentiu que estava sendo repreendido. Não tinha ele confiança em Deus? Até então, pensava que sim. Mas a tempestade provou que toda a confiança que sentia quando não havia pressão externa alguma era somente a fé num clima ameno. Os ventos do oeste da Galileia sopraram. E ele achou-se aturdido e humilhado.

Quanto mais Tiago pensava sobre a questão, mais conclusões tirava. “Onde está vossa fé?” Onde? Minha fé está no que vejo. Minha fé está no que eu sinto. Quando a tempestade bateu, confiei no que meus olhos viram. Confiei no que minha pele sentiu. Confiei na força violenta que jogueteava o barco como um brinquedo. Confiei nas histórias que meu pai me contava. Confiei nas tragédias

das quais me lembrava. Confiei na força da tempestade, porque elas matam pessoas.

Isso está errado? Há alguns poucos minutos, isso seria visto meramente como bom senso. Mas Jesus mudou tudo.

Tiago olhou para trás e viu Jesus dormindo. Ele parecia quase o mesmo de quando a tempestade zunia em cólera. Mas o que parecia mais poderoso ali? O que os seus olhos viram. Mas quem realmente era mais poderoso? Jesus havia posto fim à aniquiladora tempestade com uma só palavra.

Tiago sentiu o temor encharcando-o novamente. Mas era um tipo bem diferente de temor. Ele pensou: “Quem é este?” (v. 25).

Enquanto olhava de volta para a água, as palavras do salmista vieram à sua mente:

Com efeito, eu sei que o

Senhor

é grande e que o nosso Deus está acima de todos os deuses. Tudo quanto aprova ao

Senhor

, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos. Faz subir as nuvens dos confins da terra, faz os relâmpagos para a chuva, faz sair o vento dos seus reservatórios (Sl 135.5-7).

Tiago tremia.

**

O que Jesus fez por Tiago e os outros discípulos quando acalmou a tempestade foi uma transferência de temor. Em um momento eles temiam a tempestade e no momento seguinte temiam a Jesus, com um temor santo e reverente. Essa tempestade foi uma bênção de Deus para eles, porque os ensinou quão poderoso Jesus era e serviu para que aprofundassem a fé em Jesus. Esse evento os preparou para outro clima, com tipos bem mais mortais de tempestade, que estavam por sobrevir.

Quando as tempestades da vida nos golpeiam, elas quase sempre parecem ser mais fortes do que a Palavra de Deus. É crucial nos lembrarmos que nossas percepções podem ser enganosas. Quando as circunstâncias instilam medo em nosso coração, a pergunta que devemos nos fazer é: “onde está a nossa fé?”.

Deus quer que você confie naquilo que ele diz, e não no que está vendo.

“Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.”

João 8.10-11

2

“NEM EU TAMPOUCO

TE CONDENO”

A ADÚLTERA E A CULPA

JOÃO 8.2-11

“SUA SEM-VERGONHA!”

Ela era casada, mas não com o homem em cujos braços havia se deitado. De repente a porta foi bruscamente aberta. E ela subitamente tomada por homens furiosos que a arrastaram — e o seu segredo proibido — para o meio da rua.

“Adúltera!” Esse vulgo a rasgou como uma flecha. A sensação de asco parecia ter nela se impregnado. Sua vida foi desfeita em um momento, por seus próprios atos.

E ela estava prestes a ser esmagada. Eles estavam falando sobre apedrejamento. “Ó, meu Deus, vou ser apedrejada! Por favor, meu Deus, tenha misericórdia!”

Mas o veredito de Deus para o caso dela era claro:

Se um homem for achado deitado com uma mulher que tem marido, então, ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher e a mulher; assim, eliminarás o mal de Israel (Dt 22.22).

“Os dois devem morrer!” Ela estava prestes a perecer. Mas, onde ele estava? Por que não o pegaram?

Não havia tempo para pensar nisso. Ela estava sendo ao mesmo tempo empurrada e arrastada por Jerusalém. Foi desprezada e rejeitada, como alguém de quem os homens escondem o rosto.

O templo? Por que estamos entrando no templo? Subitamente, ela foi deixada em frente a um homem jovem. Um homem que estava atrás dela berrou: “Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério” (Jo 8.4). “Ó Deus, ó Deus!” Ela implorava em silêncio. “E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?” (v. 5).

O mestre nada diz. Ele olhou para ela, e então para os seus acusadores. Em seguida se abaixou. Ela permanecia estática. Por que ele estava escrevendo na areia? Os homens em volta dela estavam munindo-se de brutais pedaços de pedra. Os impacientes executores queriam uma sentença.

O mestre ergueu-se. Ela prendeu a respiração, olhava para os pés do jovem homem. “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”, disse ele (v. 7).

A multidão de juízes silenciou seus sussurros. Confusa, ela arriscou olhar para ele de relance. Ele estava escrevendo na areia novamente. Ela ouviu murmúrios e grunhidos repugnantes em volta de si. Então começaram a recuar. Uma pedra caiu com um baque surdo ao lado dela. À medida que passavam por ela, lhe dirigiam entre dentes seu antigo xingamento: “vagabunda!”. Mas estavam indo embora. Ninguém a pegou.

Isso lhe deu coragem para olhar em volta. Seus acusadores haviam se retirado. Ela olhou outra vez para o Mestre. Ele estava de pé, olhando para ela, que abaixou a cabeça de novo.

“Mulher”, ele disse, “onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?”. Ela respondeu: “Ninguém, Senhor!”. E Jesus disse: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (v. 10-11).

**

Esqueça por um momento a autojustiça dos acusadores e a aparente injustiça de o homem adúltero não estar presente. Você prestou atenção no que Jesus disse? “Nem eu tampouco te condeno.” Mas a culpa dessa mulher era real. Ela cometeu o crime de adultério. Deus, por meio de Moisés, havia ordenado a morte dela.

Ora, se Deus o Filho não a condenasse, Deus estava violando seu próprio mandamento e deixando a culpada sair impune? Se assim é, então Deus estaria sendo injusto. Então, como se pode entender ter Jesus dito aquilo à mulher?

É aqui que as notícias realmente ficam boas. Deus realmente planejou que o pecado de adultério fosse punido com o cumprimento cabal da lei. Mas aquela mulher não seria punida. Ela sairia livremente. Aquele jovem mestre, que não a condenava, seria condenado em lugar dela. Será que ele estava escrevendo na areia estas palavras do profeta Isaías?

Ele foi traspassado pelas nossas transgressões

e moído pelas nossas iniquidades;

o castigo que nos traz a paz estava sobre ele,

e pelas suas pisaduras fomos sarados.

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas;

cada um se desviava pelo caminho,

mas o

Senhor

fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos (Is 53.5-6).

Em certo sentido, cada um de nós é aquela mulher. Nossos terríveis pecados — nossa vergonhosa concupiscência, língua destrutiva, ódio assassino, corrupta ganância, avarento orgulho — estão expostos perante Deus de modo tão cru quanto os sacrifícios oferecidos naquele templo. Nossa condenação é merecida.

Contudo, se você crê em Jesus, ele tem para você essas palavras perturbadoras: “Nem eu tampouco te condeno”. Por quê? Porque ele foi condenado em seu lugar. Toda a sua culpa foi removida. Nenhuma pedra da justa ira de Deus irá esmagá-lo porque Jesus foi moído pelas suas iniquidades.

Naquele dia, Jesus era o único na multidão que poderia, com perfeita justiça, exigir a morte daquela mulher. E ele era o único que poderia, com perfeita justiça, perdoá-la. A misericórdia triunfou sobre o juízo para ela, com grande custo para Jesus. E o mesmo é verdade para nós.

Há muita glória embutida na verdade de que “agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

“Vai e não peques mais.”

João 8.11

3

ELA AINDA TINHA DE

VOLTAR PARA CASA

A ADÚLTERA E AS CONSEQUÊNCIAS DE SEU PECADO

Baseado em João 8.2-11

A ADÚLTERA QUE TEVE SEUS PECADOS PERDOADOS por Jesus em João 8 toma o caminho de casa e percebe o que ainda teria de enfrentar: todas as consequências de seu pecado.

“Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (v. 11).

Essas palavras eram quase inacreditáveis. Meia hora atrás ela havia sido tomada da casa de seu amante ilícito e ridicularizada pelas ruas. Mais alguns minutos e ela teria sido esmagada pelas pedras de julgamento.

Agora essas pedras estavam no chão, a esquadra de executores havia partido, e o jovem rabino, com olhos compassivos, estava lhe dizendo que ela estava livre para ir. Livre? Para onde havia ido sua culpa? Era difícil de compreender. Em um momento ela era uma pecadora condenada, no momento seguinte estava livre de condenação.

Enquanto começava a andar para casa, ela sentiu algo estranho. Estava limpa — mais limpa do que poderia se recordar jamais ter estado. Como poderia ser aquilo? Ela não havia feito nada para merecer estar limpa. Não houve nem mesmo um sacrifício ritual ou lavagem com água de acordo com a lei. Aquele rabino simplesmente declarou que ela estava livre de culpa, e assim aconteceu.

Ninguém jamais falou como aquele homem. Ela ouviu Deus quando ele falou.

Mas após alguns minutos andando, esse pensamento a golpeou: tenho de voltar para casa. O medo a solapou. Ela queria fugir. O rabino a havia perdoado. Mas esperando em casa estava seu marido traído. E seus filhos. E seus pais. E os pais de seu marido. E seus vizinhos. E a família de seu amante ilícito. Ela trouxe vergonha e indescritível sofrimento sobre todos eles. Sua vida era como um vaso de barro despedaçado, com estilhaços por toda parte, esmigalhados por seu pecado. Ela quase desejou ser amassada pelas pedras.

Mas ela ainda se sentia limpa.

Passou seu véu em volta do rosto e pegou um atalho, andando por ruas nas quais não poderia ser reconhecida. Precisava de tempo para pensar. E orar.

Aquilo também era estranho. Não fazia uma oração do íntimo de si havia muito tempo. Não tinha nenhum assunto a tratar com Deus. Simplesmente seguia um ritual religioso enquanto secretamente buscava sua própria felicidade em coisas proibidas. Apenas tentava se esgueirar para escapar da atenção do Juiz.

Mas agora tudo era diferente. À medida que pensava em Deus, aquela nítida limpeza refrescante novamente lhe sobrevinha, como no momento em que falara o rabino. Ela sentiu-se desejando correr para Deus e se esconder nele, em vez de se esconder dele. Era surpreendente que ele fosse a pessoa com quem mais ela desejava falar. Aquilo era novo. Deus não era mais um Juiz condenador. Ele havia se tornado Pai perdoador.

Então ela se esquivou por uma viela deserta para se arrepender de seu pecado vil e egoísta e pedir ao Pai que a ajudasse com aquela situação que parecia insolúvel. À medida que orou, ela ouviu novamente as palavras do rabino: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais”. E então essas palavras se seguiram: “Eis que estou convosco (Mt 28.20). Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível” (Mc 10.27).

Com uma paz que excedia seu entendimento, ela tomou fôlego e seguiu para aquilo que restava de seu lar.

**

Não sabemos o que essa mulher enfrentou após ter deixado Jesus. Mas deve ter sido algo muito doloroso.

Jesus removeu dela a culpa pelo pecado, tomando sobre si o pecado e a ira de Deus. Mas ele não removeu o fato de que ela havia pecado, nem o sofrimento relacionado a ele que deve ter se seguido. Talvez o marido dela também fosse salvo e agora eles estivessem reconciliados. Talvez ele tenha pedido o divórcio.

Mas, o que quer que tenha acontecido, ela permaneceu perdoada e purificada. Ela foi justificada aos olhos de Deus. Em Cristo ela se tornou nova criatura. Cobrindo-se com a justiça de Jesus, o Pai a viu como se ela jamais tivesse pecado e como se tivesse obedecido perfeitamente, porque Jesus se fez pecado por ela, ou seja, obedeceu perfeitamente o Pai em favor dela. E mesmo as consequências terrenas do pecado daquela mulher se tornaram um meio de graça para ela, porque Deus fez com que todas as coisas cooperassem juntas para o seu bem.

E essa é a esperança que todos nós temos. Precisamos da esperança de que fomos justificados pela expiação substitutiva de Jesus. E precisamos da esperança da promessa de Romanos 8.28, de que Deus fará com que todas as coisas, mesmo as que resultam de nossos pecados do passado, cooperem para o nosso bem.

A graça de Deus era o bastante para aquela mulher, tanto para cobrir seus pecados como para redimir sua vida. E, do mesmo modo, essa graça será suficiente para você.

“Todas essas coisas foram referidas a João pelos seus discípulos. E João, chamando dois deles, enviou-os ao Senhor para perguntar: És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?”

Lucas 7.18-19

4

DÚVIDAS NA

ESCURIDÃO

JOÃO BATISTA E A DÚVIDA

Lucas 7.18-28

ENQUANTO ESTAVA NA PRISÃO DE HERODES ANTIPAS, próximo a ser executado, João Batista foi afligido por dúvidas sobre Jesus.

“És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (v. 19).

Essa era uma questão surpreendente quando vinda de João Batista.

Não está claro o momento em que João primeiro soube com consciência que Jesus era o Filho de Deus, cujo caminho ele estivera preparando. O apóstolo João o cita, algum tempo depois de ele ter batizado a Jesus, dizendo: “Eu mesmo não o conhecia” (Jo 1.31).

Ora, isso é notável porque Isabel, mãe de João, já conhecia o Cristo. Ela o conheceu quando João o anunciou desde o útero, ao sobressaltar-se quando sua mãe ouviu a voz de Maria. Por que ela não lhe contou? Não sabemos. De qualquer forma, João não sabia nada dele antes de conhecê-lo.

O que está claro é que quando a revelação ocorreu, essa foi uma grande experiência para João. Aquele dia, quando Jesus se aproximou dele no Jordão, à altura de Betânia, João não pôde conter o brado: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). Com espanto e mãos trêmulas, ele batizara seu Senhor. E então viu o Espírito descer e permanecer no Cristo.

Aquele dia também marcou o começo do fim de seu ministério. A partir daquele momento, ele alegremente guiou as pessoas para longe de si, para que seguissem a Jesus. E elas o fizeram.

Agora ele estava na fétida prisão de Antipas. Ele já esperava por isso. Os profetas que repreenderam reis ímpios geralmente se deram mal. Infelizmente, ele não havia sido uma exceção. Herodias o queria morto. E João não estava otimista quanto a Herodes negar o desejo dela.

O que ele não esperava era ser atormentado por tais dúvidas e temores opressivos. Desde aquele encontro no Jordão, ele não duvidava de que Jesus era o Cristo. Mas mofando sozinho naquela cela pútrida João foi assaltado por pensamentos horríveis e acusadores.

E se ele estivesse errado? Muitos falsos profetas já haviam aparecido em Israel. O que lhe garantia que ele não era um desses? E se ele tivesse conduzido milhares à perdição?

Até ali, não era daquele modo que João havia imaginado o ministério do Messias. Seria aquela prisão o juízo de Deus?

Ele sentia como se Deus o tivesse deixado e o diabo mesmo tivesse assumido o lugar. Tentou relembrar-se de todas as profecias e sinais que então lhe pareciam tão nítidos. Mas era difícil pensar com clareza. Sua alma simplesmente não se deixava confortar. Dúvidas zuniam em volta de seu cérebro como as moscas que voavam em torno de seu rosto.

João poderia tolerar ser executado em razão da retidão e justiça. Mas não suportaria o pensamento de que poderia ter se equivocado quanto a Jesus. Sua única missão era preparar o caminho para o Senhor. Se ele estivesse de fato errado, seu ministério, sua vida, seria em vão.

Mas, mesmo com as suas dúvidas, permanecia em João uma profunda e inabalável confiança em Jesus. Jesus lhe diria a verdade. Ele apenas precisava ouvi-lo novamente.

Então enviou dois de seus discípulos mais próximos para perguntar a Jesus: “És tu aquele que estava para vir ou esperamos outro?” (v. 20).

Quando os homens fizeram a pergunta, a feição que irradiava de Jesus era palpável. Ele amava João. E Jesus estava afeito aos problemas de João e ao pesar e às tempestades satânicas que recaíam sobre os santos quando estão fracos e sozinhos. Ele também já sofreu tais assaltos, e sofreria novamente.

Por isso ele convidou os fiéis amigos de João a assentarem-se próximo a ele enquanto curava a muitos e libertava a muitos de demoníacas prisões.

Então Cristo dirigiu-se a eles com olhos doces e afetuosos e disse: “Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho” (Lc 7.22). João reconheceria as profecias de Isaías naquelas palavras. Essa promessa traria a paz que João necessitava para sustentá-lo naqueles dias de dificuldade que lhe restavam.

Por amor aos amigos de João, Jesus não incluiu a frase de Isaías: “para proclamar liberdade aos cativos” (Is 61.1).

Então acrescentou: “E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço” (Lc 7.23). Confie em mim, João.

Quando Jesus enviou de volta aqueles discípulos, ele disse algo assombroso: “entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João” (v. 28). E a graça e a paciência do Senhor para com os aflitos são mais claramente vistas, ele disse isso logo após João ter expressado suas dúvidas.

**

Nesta terra, mesmo o maior e mais forte dos santos experimenta profunda escuridão. Nenhum de nós é poupado do sofrimento ou da opressão satânica. Muitos cristãos sofrem agonizante aflição em algum ponto, experimentam épocas nas quais sentem como se tivessem sido abandonados, enfrentam uma morte cruel.

O Salvador não esmaga a cana quebrada. Escuta nossa súplica por socorro e é paciente com nossas dúvidas. Não nos condena. Ele pagou completamente por todo pecado exposto em nosso sofrimento.

Ele nem sempre responde com a rapidez que desejamos, nem fazendo aquilo que esperávamos que acontecesse. Mas ele irá sempre enviar auxílio ao que está necessitado. Sua graça sempre irá ser suficiente para os que nele confiam. A esperança que experimentamos nas promessas nas quais confiamos será com frequência a coisa mais doce que desfrutaremos nesta vida. E a recompensa do cumprimento dessas promessas por parte de Deus será mais gloriosa do que podemos imaginar.

Na escuridão e sofrimento de João, lhe foi enviada por Jesus uma promessa para sustentá-lo na fé. Cristo fará o mesmo por você.

“Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais. Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.”

Lucas 19.8-10

5

DESPEDAÇANDO

UM ÍDOLO

ZAQUEU E A IDOLATRIA

Baseado em Lucas 19.1-10

ZAQUEU, O COLETOR DE IMPOSTOS, FOI CONVERTIDO, e jurou restituir o quádruplo a todos que havia defraudado. Imagine uma conversa que pode ter acontecido numa dessas devoluções de dinheiro.

**

“Pai, tem um homem na porta. Ele disse que se chama Zaqueu.”

“Zaqueu!” O rosto de Judá avermelhou-se repentinamente em ira.

“O que ele quer?” Esbaforido, ele resmunga: “Esse vermezinho...”. Sua filha, que não precisava ouvir aquilo, responde: “Não sei o que ele quer”.

Judá se moveu bruscamente deixando para trás a filha e contraindo a mandíbula. Se esse pequeno rato estiver pensando em roer mais algum trocado, eu juro que... Uma tempestade de violentos pensamentos agitava sua mente.

Quando ele viu Zaqueu, explodiu: “De novo?” Zaqueu tremeu sutilmente ante o golpe verbal.

“Estou aqui para lhe entregar algo de volta, Judá.”

“Como assim?” O tom era o mesmo de “dê o fora daqui!”.

Zaqueu chacoalhou uma pequena bolsa de dinheiro. Judá estava confuso e desconfiado. Aquele homem tinha roubado meia Jericó coletando impostos para Tibério. Ninguém era tão matreiro e escorregadio com as palavras. Temendo algum tipo de abordagem, Judá não se moveu.

“O que você está fazendo, Zaqueu?” A boca de Judá exalava cinismo.

“Estou despedaçando meu ídolo.”

O ardente brilho de Judá se tornou completa perplexidade. “Do que você está falando?”

“Judá, sei quanto isso pode parecer estranho. E você tem toda a razão de não confiar em mim. Estou aqui porque eu o defraudei. Cobrei mais impostos do que Roma exigia e os embolsei para meu bel-prazer. Sei que você e todo mundo sabiam disso. Mas agora estou aqui para pedir o seu perdão porque pequei contra você desse modo, e para fazer restituição. É o que está nessa bolsa.”

Zaqueu chacoalhou a bolsa novamente. Dessa vez Judá a apanhou. Ele a abriu. “Há muito aqui. Bem mais do que você me cobrou indevidamente.”

“Sim. É quatro vezes o que cobrei a mais de você. Tenho tudo registrado, você sabe.” Zaqueu sorriu.

“Por que você está me dando quatro vezes além daquilo que era meu?” a desconfiança de Judá não havia sido dissipada.

“Estou cumprindo um voto. Prometi a Jesus que eu iria devolver o quádruplo a todos aqueles a quem defraudei.”

“Você quer dizer o mestre Jesus? Você o conhece?”

“Agora o conheço. Ele está na cidade, como você sabe. E um dia eu o vi. Mas como, bem, sou baixinho, pensei que o único jeito de vê-lo era de cima de uma árvore! Você não imagina, mas, quando Jesus passou, ele parou, procurou-me no sicômoro e disse: ‘Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa’.”

Judá pôs nele um olhar confuso.

Zaqueu disse: “Eu sei, eu sei! Fiquei tão chocado quanto todos que estavam ali! Como ele sabia meu nome, não é? Então Jesus e seus discípulos vieram à minha casa e em questão de minutos meu mundo desabou e começou novamente”.

“Como assim desabou e começou novamente?”

“Judá, quando eu era garoto, admirava-me com o que o dinheiro podia fazer pelas pessoas. Ele parecia abrir todas as portas para o poder e o prazer. Então eu decidi que não importava quanto esforço aquilo custasse, eu seria rico. E mantive meu voto. Naquele momento, eu não tinha ideia de quão vazio era ser rico. Mas, há dois dias, percebi que havia uma alternativa melhor.”

“Enquanto estava assentado em minha casa com Jesus e seus discípulos, que nada possuíam — nada senão Deus — Judá, eu nunca vi pessoas tão felizes em toda a minha vida! E à medida que Jesus falava, era como se suas palavras estivessem vivas. Meu coração ardeu em desejo por Deus como nunca senti

antes! E também pela profunda vergonha de tê-lo trocado por dinheiro.”

“Então esse pensamento me atingiu como um tronco de cedro: não sou rico, mas pobre! Eles têm Deus; eu tenho um ídolo morto: o dinheiro. Eles eram ricos; eu não era mais do que um mendigo. Eles eram livres; mas a única porta que o dinheiro me havia aberto conduzia a masmorras solitárias. Meu mundo, tal como eu o conhecia, desmoronou.”

“E ali sentou Jesus, olhando para mim como se me pudesse ler como o rolo de um livro. Tudo em mim simplesmente queria segui-lo. Eu queria o perdão e a salvação que ele tinha pregado. Pela primeira vez em minha vida eu quis mais Deus do que... qualquer outra coisa! De repente, era como se a vida nunca tivesse feito sentido. Antes que eu percebesse, já estava de pé fazendo meu voto perante todos: bem, eu iria despedaçar meu ídolo.”

“Dar o seu dinheiro?”

“Exato. E uma parte dele era seu dinheiro.” Nesse momento Judá sorriu.

Mais tarde, a esposa de Judá o encontrou olhando para uma pequena bolsa de dinheiro sobre a mesa.

“O que é isso?”

“Uma devolução de imposto.”

“Uma o quê?”

“Nós precisamos ouvir o Rabi Jesus.”

“Rabi Jesus? Por quê?”

“Nós somos pobres.”

**

Alguns de nossos ídolos precisam ser despedaçados por nós para que nos libertemos deles. Jesus sabe o que eles são e como nos ajudar a vê-los. Pode parecer que vamos perder nosso mundo ao perdê-los.

Que seja. Jesus disse: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mt 16.25-26). E como disse Jim Elliot: “Não é tolo aquele que abre mão do que não pode reter, para ganhar o que não pode perder”. Há perdas que vêm a ser grande lucro.

“Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15).

“Então, propuseram dois: José, chamado Barsabás, cognominado Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar. E os lançaram em sortes, vindo a sorte recair sobre Matias, sendo-lhe, então, votado lugar com os onze apóstolos.”

Atos 1.23-26

6

VOCÊ ESTÁ

DESAPONTADO?

JOSÉ BARSABÁS E O DESAPONTAMENTO

Baseado em Lucas 19.1-10

JOSÉ BARSABÁS ERA CANDIDATO a ocupar o posto de Judas Iscariotes como um dos doze apóstolos. Mas quando a sorte veio a “recair sobre Matias” (At 1.26), José ficou desapontado (pois não fora apontado).

A Bíblia não menciona José novamente. Mas a tradição diz que ele depois se tornou bispo de Eleuterópolis (cerca de 50 quilômetros a sudoeste de Jerusalém) e morreu fielmente como mártir. Imagine o que o desapontamento de José o ensinou sobre confiar em Deus, e como anos depois ele pode ter aconselhado um jovem discípulo que estivesse decepcionado.

**

O bispo José olhou para seu cabisbaixo discípulo. “Você está desapontado.”

“Sim”, respondeu Primus.

“Por quê?”

A resposta parecia óbvia. Primus suspeitou que o bispo queria lhe ensinar algo. “Eu estava contando com a nomeação para a igreja de Antioquia, mas Aser é que foi indicado.”

“Esse é o evento que causou o seu desapontamento. Minha pergunta é: por que você está desapontado”.

Suspeita confirmada. Primus só queria ficar emburrado em paz. Talvez se ele minimizasse seu descontentamento, a lição pudesse ser mais curta. “Aser é um grande amigo. Estou feliz por ele. Só pensei que estudar em Antioquia seria uma grande oportunidade. Mas vou superar isso.”

O sábio pastor não se deixava enganar facilmente. “Estudar em Antioquia é uma grande oportunidade. Você não está errado em desejar isso. Minha pergunta permanece: por que você está desapontado?” O rosto de Primus ardeu impaciente. “Bem, se Antioquia é uma grande oportunidade e estou perdendo a oportunidade, isso não é suficiente para me deixar desapontado?”

“Depende. De que tipo de desapontamento nós estamos falando?”, perguntou o bispo.

“Não estou entendendo o que você quer dizer.”

“O evento desapontador foi você ter sido removido ou, melhor dizendo, não indicado — a uma posição, responsabilidade ou oportunidade de algum tipo. Esses eventos podem ocorrer por razões boas e más. O sentimento de desapontamento — e é dele que eu estou falando — ocorre quando tal evento contraria nossas esperanças. Se é legítimo ou não sentir-se desapontado vai depender do solo no qual esse desapontamento germina.”

Primus olhou fixamente para ele.

“Desapontamento é semelhante à ira, que pode ter razões legítimas ou não. Se algum mal causou o evento que nos desaponta, o sentimento pode ser justo porque não glorifica a Deus. Mas, seja qual for a causa, se nosso sentimento está crescendo no terreno do amor e da fé, ele irá produzir fruto de justiça, como contentamento, atitude justa ou graciosa paciência. Mas se as suas raízes estão no solo do egoísmo, ele irá produzir frutos de injustiça, como o ciúme e a ambição, que são daninhos em si mesmos e não trazem glória a Deus.”

O jovem olhou pela janela.

“Primus, qual é a minha passagem preferida do maior homem já nascido de mulher?”

“O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3.27).

“Correto. Então, você acredita nisso?”

“Sim. Sei que Deus, em última instância, decreta todas essas coisas.” Voltando seus olhos ao bispo, Primus disse: “Agora me deixe fazer uma pergunta. Quando a sorte recaiu sobre Matias, você não ficou desapontado?”

“Sim, fiquei. Fiquei bem desapontado — e um tanto constrangido.”

“Isso foi errado? Quero dizer, você era quase um dos doze. Simplesmente parecia natural sentir-se desapontado com uma coisa dessas, mesmo sendo a vontade de Deus.”

“Bem, aspirar ao apostolado não era errado. Mas quando o Senhor apontou outro, e me desapontou, descobri que muito do meu desapontamento pessoal tinha raízes em um desejo frustrado por minha própria glória. E isso era errado. Eu estava duvidando da promessa de que ‘nenhum bem sonega aos que andam retamente’ (Sl 84.11). Eu estava duvidando de que aquele que foi crucificado por

meu pecado e me chamou das trevas para sua maravilhosa luz (1Pe 2.9) realmente estivesse pensando no meu bem. E isso expunha minha egoísta ambição. Até a sorte recair sobre Matias eu não havia entendido quanto o meu amor por reputação influenciava meu desejo pela posição de apóstolo.”

Primus olhou pensativamente para o chão.

“Sentir-se desapontado nunca é neutro, Primus. Não é algo vago e distante. É algo com raízes diretamente ligadas àquilo em que acreditamos. Jesus quer que você siga as raízes. Se você descobrir que há pecado alimentando o seu sentimento de desapontamento, então o evento que o desaponta é um favor que tem o objetivo de conduzi-lo ao arrependimento.”

“E, como eu, um dia você pode olhar para trás e ver o seu desapontamento como a melhor coisa que jamais lhe aconteceu.”

**

Uma promessa muito preciosa de Jesus para ter em mente é esta: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto” (Jo 15.16).

Mas se Jesus nos aponta ou designa, isso também implica que ele irá nos desapontar — no sentido de que há alguns apontamentos dos quais Jesus irá nos livrar, e outros que não irá nos conceder.

Nesses casos, nossa postura deve ser: “Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento” (Pv 3.5). Raramente entendemos todos os propósitos dele. Quando o desapontamento provém de uma fonte terrena e perversa, precisamos trazer à mente a verdade que José descobriu após ser desapontado por seus irmãos: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gn 50.20). E, em todos os casos, lembre-se de que, em Cristo, Deus está nos seguindo somente com bondade e misericórdia (Sl 23.6). Sua promessa é esta: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8.32).

Investigue as raízes de seu desapontamento. Se você descobrir que a incredulidade e o orgulho é que o estão alimentando, aplique o herbicida das promessas de Deus para você.

“Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores.”

Lucas 9.57

7

VOCÊ CONSEGUE

SUPORTAR A INCERTEZA?

UM CANDIDATO A DISCÍPULO E A PROVISÃO

Lucas 9.57

NÃO É FÁCIL LIDAR COM A INCERTEZA. Queremos saber de onde chegará provisão ou se vamos morrer dessa doença ou como um filho irá se sair ou se o nosso trabalho ainda estará lá no próximo mês.

Mas Jesus deixa claro que seus discípulos devem ser capazes de suportar incertezas se desejam segui-lo.

**

“Seguir-te-ei para onde quer que fores.”

Tenho certeza de que quem fez essa declaração pública a Jesus estava sendo sincero. Ele provavelmente o havia ouvido pregar e visto operar impressionantes sinais e maravilhas. À medida que a fama de Jesus crescia, aumentava também o número de candidatos a discípulo.

O que tal pessoa poderia não ter conhecimento era de que naquele momento Jesus não tinha onde morar.

Jesus e sua corte estavam viajando pelo sul da Galileia. Ele tinha o rosto voltado para Jerusalém, e o intrépido propósito de ali morrer. Mas para chegar lá teve de atravessar a Samaria.

Por aquele tempo havia uma grande quantidade de sangue derramada entre judeus e samaritanos. Mais precisamente, para os judeus eram os samaritanos que não eram flor que se cheire. Eles eram o resultado de séculos de casamentos mistos e sincretismo religioso entre judeus e antigos povos gentios conquistados por Israel.

Ao longo de muitos séculos os samaritanos desenvolveram sua própria versão das Escrituras e construíram seu próprio templo sobre o seu próprio monte. As crenças samaritanas eram distorções profanas da ortodoxia judaica. Portanto, “os judeus não se dão com os samaritanos” (Jo 4.9), e vice-versa.

Mas Jesus tinha se tornado um tanto conhecido entre os samaritanos porque tratava com eles. Como judeu, Jesus falou com bondade e compaixão sem precedentes para com os samaritanos. De fato, próximo à cidade de Sicar ele falou com uma mulher de reputação questionável, e como resultado ela e muitos outros samaritanos creram que Jesus realmente era o Messias (Jo 4.1-42).

Mas para os samaritanos na cidade onde Jesus queria passar a noite não importava. O que importava era que o seu rosto estava voltado para Jerusalém. E se aquele era o caso, não queriam conversa com ele (Lc 9.52-53). Jesus sofreu discriminação.

Isso tornou os discípulos de Jesus indigentes. Os samaritanos não eram apenas heréticos, eles eram ingratos. Tiago e João queriam fulminar a cidade do mapa (Lc 9.54).

Mas Jesus não tinha vindo para julgar o mundo. Veio para salvá-lo (Jo 12.47). Por isso, ele simplesmente seguiu em frente sem ter lugar onde passar a noite.

Então, quando um fã ardoroso anunciou publicamente seu desejo de segui-lo aonde quer que fosse, Jesus replicou com um pouco da realidade: “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9.58).

**

Deus não nos diz como esse aspirante a discípulo respondeu porque o importante

aqui é a questão em jogo: você pode lidar com a incerteza? Você pode não saber como Deus irá prover as suas mais urgentes necessidades e ainda assim crer que ele irá prover?

Jesus deu àquele homem, e a nós, um alerta honesto. Segui-lo é seguir um sem-teto e tornar-se “estrangeiro e peregrino sobre a terra” (Hb 11.13). Não é que em alguns momentos a obediência ou fidelidade ao chamado de Cristo implicará que não teremos certeza de onde virá a provisão para as nossas necessidades. Circunstâncias imprevistas ocorrem. Planos falharão. O salário pode não permitir uma boa aposentadoria. Você pode precisar de apoio financeiro. Um ladrão pode arrombar e furtar. A economia pode entrar em colapso. Uma generosidade radical pode ser exigida para atender as necessidades de outros que estejam desesperados. Uma doença debilitante pode sobrevir. Perseguição racial ou religiosa pode ter espaço.

Quando essas coisas acontecem, geralmente somos tentados a temer porque nossa segurança terrena está sendo removida. Mas não devemos nos surpreender. “O servo não é maior do que seu senhor” (Jo 13.16). Se essas coisas aconteceram a Jesus, também nos acontecerão.

Em tais ocasiões, Jesus não quer que nos deixemos levar pelo medo. Ele quer que nos deixemos levar pela fé. A incerteza que nos defronta é incerteza apenas aparentemente. Nosso futuro, provisão e triunfo final estão certos para Deus. Ele tem todo o conhecimento prévio, poder, e recursos necessários para assegurar isto, e tem igualmente o desejo de fazer com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que o amam e são segundo o seu propósito (Rm 8.28).

Períodos de aparente incerteza são geralmente alguns dos momentos mais poderosos que experimentamos com Deus neste mundo. Mais do que os períodos de segurança e prosperidade, eles demonstram que Deus existe e é galardoador daqueles que o buscam (Hb 11.6).

Então, se você se encontra em um desses períodos difíceis, ânimo! Deus está graciosamente permitindo que você experimente a realidade de que ele “trabalha para aquele que nele espera” (Is 64.4).

“Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei. (...) Senhor meu e Deus meu!”

João 20.25, 28

8

“DE MODO ALGUM

ACREDITAREI”

TOMÉ E O CETICISMO

João 20.24-29

É DIFÍCIL ACREDITAR NO QUE NÃO VEMOS. Todos nós somos céticos em algum grau, alguns mais do que outros. Mas com frequência há mais coisas no interior de um cético do que os olhos podem ver. E, como vemos na experiência de Tomé, Jesus sabia como tocar em tais coisas. ¹

A morte de Jesus tem sido difícil e confusa para todos. Tendo entrado em Jerusalém como um rei, ele foi morto antes do fim daquela mesma semana. E quando o pastor é ferido, as ovelhas se dispersam (Mc 14.27). Mas elas foram unidas novamente em um esconderijo secreto em Jerusalém.

No domingo, as coisas estavam um tanto estranhas. Começou com Maria Madalena insistindo que tinha visto Jesus vivo naquela manhã. De fato, o desaparecimento do corpo de Jesus era realmente estranho. Mesmo porque todos sabiam que Jesus havia morrido. Ninguém podia realmente acreditar na afirmação de Madalena, exceto talvez João.

Então, ao fim do dia, Pedro anunciou que ele também tinha visto Jesus vivo. Isso deixou Tomé encucado. Mas ele supôs que poderia dar um desconto ao que Pedro estava dizendo. Após negar a Jesus publicamente, quem poderia condenar Pedro por, desesperadamente, desejar que aquilo fosse verdade? Ele precisava de um tempo.

Mas, então, Cleopas entrou esbaforido em casa no domingo à noite clamando que esteve andando — andando! — com Jesus para Emaús naquela tarde. O que Tomé achou particularmente difícil de acreditar era que Cleopas e seu amigo não tinham reconhecido Jesus em momento algum até o jantar, quando, como num estalo, ele simplesmente desapareceu.

Bem, aquilo deixara a todos empolgados, mas Tomé apenas se sentia agitado. Ele também sentia terrivelmente a falta de Jesus, mas não iria deixar que a dor da perda o fizesse crer em coisas bizarras. Jesus estava morto.

Até o momento ele não aconchegara a esperança irreal de nenhum deles com um

cobertor encharcado de realidade. Eles não estavam mesmo prontos para ouvir aquilo. Tomé decidiu que precisava arejar a cabeça com uma caminhada. Sozinho.

Então, após sussurrar uma discreta desculpa a Natanael, ele conseguiu escapar sem ser notado. Após sair com muito cuidado para não revelar o esconderijo, cobriu a cabeça e começou a descer por uma rua vazia.

O silêncio era revigorador. Mas a caminhada não foi tão útil quanto ele esperava. As aparições de Jesus o perturbaram, especialmente porque as testemunhas eram dignas de crédito. Ele os conhecia. Eles com certeza não estavam mentindo. E nem eram pessoas instáveis, entregues a delírios. Pedro, particularmente, era uma rocha de razão.

Um fluxo de memórias dos três últimos anos fluiu pela mente de Tomé. Ele tinha visto muitas coisas que seriam igualmente inacreditáveis se ele mesmo não as tivesse visto. O caso mais assombroso agora era Lázaro.

E Jesus parecia saber que seria morto em Jerusalém. Ele disse aquelas coisas estranhas sobre morte e ressurreição.

De repente Tomé entendeu que estava discutindo consigo mesmo. Seus amigos se recusavam a aceitar os fatos, mas não era isso que o deixava agitado. Os fatos é que estavam agora confusos. Sentia-se abalado porque parte dele realmente cria que Jesus estava vivo de novo. Era o que Jesus tinha dito, não era? Mas isso frustrava o cético que havia nele e que se orgulhava de ser um homem com noção da realidade. Uma ressurreição simplesmente parecia incrível demais para ser verdade.

Quanto mais pensava, menos certeza chegava a ter. Ninguém sabia onde estava o corpo de Jesus. Aqueles que diziam tê-lo visto eram pessoas de confiança. Isso dava sentido a certas profecias. Poderá ser isso?

Mostre-me o corpo! Seu lado cético gritava. Ao menos Lázaro pôde ser visto e tocado em Betânia por qualquer um que duvidasse. Se Jesus realmente está vivo, por que esse joguinho de esconde-esconde? Por que ele não podia simplesmente aparecer diante de todos?

Ele creria que Jesus estava vivo quando visse que ele estava.

Quando Tomé retornou para casa, quatro de seus amigos se lançaram sobre ele: “Vimos o Senhor (v. 25), Tomé! É verdade! Ele esteve conosco! Onde você estava?”

Tomé sentiu crescer em seu peito a incredulidade. Então se arrependeu de ter saído. E sentiu-se excluído. Ele era o único que não tinha visto Jesus.

Em sua ira alimentada por autocomiseração, sentenciou com mais convicção do que sentia: “Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei” (v. 25).

A maioria dos seus amigos ficou chocada. Mas Pedro apenas o assistia, sorrindo consigo.

Os oito dias seguintes foram longos e solitários para Tomé. Seus amigos foram

graciosos. Ninguém debateu com ele. E a tranquila confiança de seus amigos na ressurreição de Cristo estava agravando em Tomé a convicção crescente de que ele estava errado. Por fora ele tentou manter uma fachada de ceticismo intelectual resoluto, mas por dentro estava lutando e se desmanchando e esperando mais do que qualquer outra coisa ver Jesus também.

E então aconteceu. Tomé estava olhando para o chão, afundando novamente sob o medo de que talvez Jesus o tivesse rejeitado em razão de sua teimosa incredulidade. Se assim o fosse, ele sabia que era merecido. Então alguém se engasgou. Tomé olhou para cima, e seu coração foi parar na boca. Jesus estava de pé do outro lado da sala olhando para ele. “Paz seja convosco!” (v. 26).

Tomé respirou com dificuldade. Jesus falou com ele: “Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente” (v. 27).

A resistência de Tomé evaporou com todas as suas objeções. E em lágrimas de arrependimento, alívio e louvor Tomé prostrou-se sobre os joelhos perante Jesus e exclamou: “Senhor meu e Deus meu!” (v. 28).

**

Seja paciente e gracioso com os cétricos com quem convive. Não suponha que neles a confiança exterior reflita com precisão uma condição interior. Continue orando por eles e compartilhe o que pode ajudá-los, sempre que for útil. Continue seguindo a Jesus com confiança e humildade. E confie no tempo dele. Ele sabe melhor como e quando revelar-se aos cétricos.

1. O ceticismo de Tomé sobre a ressurreição de Jesus está registrado neste texto, mas a cronologia de eventos foi obtida a partir de uma combinação dos registros que os evangelhos fazem dos dias que se seguem à crucificação.

“Por aquele tempo, mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar, fazendo passar a fio de espada a Tiago, irmão de João.”

Atos 12.1-2

9

A NOITE EM QUE O

ANJO NÃO VEIO

TIAGO ZEBEDEU E A MORTE

Atos 12.1-2

LUCAS DIZ ISSO de modo muito sucinto e como fato consumado: “fazendo passar a fio de espada a Tiago, irmão de João”.

No fluxo da história, essa pequena frase cria o palco para o episódio do livramento dramático de Pedro da prisão por um anjo. Então, é disso que nos lembramos. Quando Pedro escreveu mais tarde: “o Senhor sabe livrar da provação os piedosos” (2Pe 2.9), esse é o tipo de livramento que facilmente nos

vem à mente.

Mas na noite que Tiago estava na prisão, o anjo não veio.

Tenho certeza de que ele orou por um anjo. Ele sabia que Deus podia enviar um anjo, caso desejasse. Um anjo já tinha salvado ele e os outros discípulos certa vez (At 5.17-21).

Mas essa noite não houve brilho de luz, cadeias caindo das mãos, guardas dormindo. Apenas orações desesperadas e cochilos intermitentes — se é que chegou a dormir.

Pela manhã, Tiago estava ainda na prisão quando a temida voz do capitão da guarda se ouviu: “Tragam o prisioneiro!” Ele caminhou em oração e cheio de ansiedade para o local da execução. Houve um pronunciamento de culpa. Houve uma oferta de perdão em troca de retratação, que foi recusada. Uma espada foi erguida. Nenhuma voz de anjo deteve aquela mão, como aconteceu a Abraão no monte (Gn 22.11-12). Um estremecimento antecipou o golpe. A espada veio abaixo. Sem livramento.

Ou será que houve?

Deus permitiu que a espada recaísse sobre Tiago de forma tão intencional como quando abriu as portas da prisão para Pedro. Assim, é tão crucial para nós nos lembrarmos da morte de Tiago como do resgate de Pedro.

Por que Deus deixou Tiago morrer?

Essa questão é relevante, porque em certo ponto muitos de nós irão se encontrar em face da morte, suplicando por livramento, sem receber aquilo que pensamos que estamos pedindo. E isso aponta para uma difícil lição que todos os discípulos de Jesus devem aprender: Jesus muitas vezes tem prioridades diferentes das nossas. O que podemos sentir que é desesperadamente urgente para nós pode não ser urgente para ele — ao menos não da mesma forma.

Lembra-se de como Jesus dormiu num barco durante a tormenta? Os discípulos disseram: “Mestre, não te importa que pereçamos?” (Mc 4.38). Ele acalmou a tempestade e então disse a eles: “Por que sois assim tímidos? Como é que não tendes fé?” (v. 40). A lição de Jesus era clara: você está temendo a coisa errada. Não tema aquilo ou aqueles que podem matar o seu corpo, mas tema e confie em mim porque eu governo sobre as tempestades e a morte (Mt 10.28). Jesus sabia que havia mais tempestades perigosas adiante para os discípulos, algumas das quais realmente iriam matá-los. Eles precisavam saber a quem temer.

E assim é conosco. A menos que Jesus retorne antes, cada um de nós irá enfrentar a tempestade que nos matará. E nossa resposta inicial pode ser similar à dos discípulos no barco: Jesus, não te importa que pereçamos? Nesses momentos devemos nos lembrar de que Cristo se importa profundamente conosco. Aquele que chorou junto à tumba de Lázaro irá chorar conosco — e nos ressuscitará. E devemos nos lembrar de que ele sabe com o que se parece a morte e estará conosco durante a nossa e nos ajudará a dizer ao Pai: “não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26.39).

Também precisamos nos lembrar de Tiago, que encarou a morte: “não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição” (Hb 11.35). Eis a verdadeira chave para entender Atos 12.2: Jesus deixou Tiago morrer porque tinha vida melhor para conceder a ele.

Tiago não estava sendo negligenciado por Jesus. Ele foi, na verdade, o primeiro dos doze apóstolos a experimentar aquilo a respeito do que Jesus orou em João 17.24: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.24). A libertação de Pedro da prisão foi algo notável. Mas ele viveu para morrer em outro dia. Tiago experimentou verdadeira libertação: a morte foi tragada (1Co 15.54) pela ressurreição e a vida (Jo 11.25).

E é isso o que Jesus anseia e deseja dar a nós também. Foi por isso que ele enfrentou a ira do Pai na cruz para nos resgatar. Ele quer que vejamos e apreciemos e nos regozijemos em sua glória eternamente.

Chegará um tempo em que a oração de Jesus para que sejamos como ele vai sobrepor nossa oração por mais dias nesta terra. E quando isso acontecer, iremos experimentar uma vida muito melhor, mais rica, mais plena, mais pura e mais alegre que moveremos nossa cabeça, ponderando que nunca deveríamos ter pedido para ficar.

Que Deus aumente o nosso “desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.23).

“Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.”

Mateus 1.19

10

ENFRENTANDO UMA

DECISÃO DOLOROSA

JOSÉ CARPINTEIRO E AS ESCOLHAS

Mateus 1.18-25

VOCÊ ALGUMA VEZ JÁ se perguntou por que Deus enviou um anjo para contar a Maria que ela havia concebido o Messias pelo Espírito Santo, enquanto forçou José a agonizar sobre o que fazer com a gravidez de Maria em vez de enviar o anjo a ele? Imagine como essas horas pulsantes e pensativas devem ter sido para ele.

José sentiu uma pontada de ansiedade. Ele sentiu algo incomum no pedido de Maria para que ele viesse quanto antes.

Quando ele chegou, ela estava em pé debaixo da árvore junto à casa de seu pai onde, como casal de noivos, tinham certa privacidade supervisionada. Maria não era ela mesma. Estava olhando para o chão. Parecia estar sobrecarregada.

“Maria, o que há de errado?”

Ela olhou para ele intensamente. “José...” Uma pausa. “Estou grávida.”

Uma explosão de choque e descrença o atingiu, consumindo por um momento a sua capacidade de pensar coerentemente. Suas pernas balançavam. Ele segurou-se à árvore para permanecer de pé, já que a sentia sólida, enraizada.

José olhou para Maria. Ele estava entorpecido. Nenhuma palavra saía. Tudo parecia surreal.

Maria ainda estava olhando para ele com olhos intensos. Ele não percebeu qualquer vergonha em seu olhar. Sem defensivas, sem teimosia. Nem mesmo lágrimas. Seus olhos pareciam... inocentes. E aqueles olhos buscavam os olhos de José para uma resposta.

Maria quebrou aquele grave silêncio. “O que quero lhe dizer agora eu nem mesmo sei como dizer.”

José segurou ainda mais firme na árvore, preparando-se. Ele baixou o olhar, para os pés de Maria. Os pés. Ele olhou do mesmo modo que fazia quando cria que ela era pura.

Foi aquilo que tornou tudo tão estranho. Maria parecia tão casta como sempre fora. Se ela fosse do tipo dissimulada ou mesmo tivesse alguma fraqueza de caráter perceptível, esta notícia poderia ter sido compreensível. Maria, porém, era literalmente a última pessoa de quem ele suspeitaria infidelidade. Ele não conseguia imaginá-la com outro homem. E não queria saber quem ele era.

“Sei que isso pode ser bem difícil de acreditar. Mas eu preciso que você me escute.” Ainda olhando para os pés de Maria, o gesto de José era quase imperceptível.

“Eu não fui infiel a você.”

José olhou para ela. Estupro? Isso poderia explicar a inocência dela. Mas por que ela não me disse...

“Deus me levou a estar grávida.”

Essa afirmação vagou ao redor de sua mente, buscando local para pouso. E não encontrou.

“José, eu sei o que você pode estar pensando. Mas estou dizendo a verdade a

você.” Então Maria descreveu a visita angelical e a mensagem que lhe fora entregue. Ela teria um filho, concebido pelo Espírito Santo, que seria chamado o Filho do Altíssimo, o qual se sentaria no trono de Davi para sempre. Deus era o pai daquele filho. Maria estava grávida do Messias.

Ela parecia lúcida como nunca. Coisa alguma nela estava diferente. Exceto dizer que estava grávida com um filho de Deus. José sentiu que seu cérebro iria explodir. Seria aquilo blasfêmia ou adultério? Ele não podia conceber que ela fosse capaz de quaisquer dessas duas hipóteses.

O silêncio foi longo, estralando nas brechas com tensão.

“Eu... eu não faço ideia do que dizer a você, Maria. Não consigo nem pensar direito. Preciso ficar sozinho.”

José passou o resto da tarde subindo no topo da colina que se sobressaía à cidade de Nazaré. As coisas estavam nítidas ali. Daquela altura ele podia ver o Mar da Galileia a leste, e ao oeste o azul Mediterrâneo no horizonte.

Mas não podia ver como a história de Maria era verdade. Não havia nada como aquilo na Lei ou nos Profetas que ele pudesse se lembrar. “Deus, mostra-me o que fazer!”, havia orado uma centena de vezes.

O sol já estava se pondo quando José chegou à quase terminada casa que seria sua. Naquela manhã, trabalhando no telhado, ele havia sonhado com as vozes felizes de crianças — suas com Maria — que algum dia poderiam encher a casa. Aquele sonho agora estava morto. Sua decisão estava tomada. As alegações de Maria eram incríveis demais, talvez até delirantes. Ele precisava acabar com o

noivado. Mas resolveu fazê-lo o mais silenciosamente possível para proteger Maria da inevitável vergonha. Ele ainda a amava.

Naquela noite ele adormeceu, exausto de tristeza. E então um anjo veio a ele e ressuscitou seu sonho com uma veemência e maravilha que estavam além da compreensão.

**

Deus escolheu José para uma missão, tal como escolheu Maria e lhe deu uma missão. Mas lidou com os dois de modo diferente. Ele poderia ter dito a ambos com antecedência a respeito de Jesus, mas não o fez. Deus informou a Maria, mas não a José. Então permitiu que acontecesse o que deve ter sido uma conversa terrível e complicada.

Nesse momento, José enfrentou uma decisão muito dolorosa. E Deus não o salvou dessa situação imediatamente. Ele permitiu que José agonizasse em sofrimento e espanto por um tempo. Sendo um homem justo (Mt 1.19), José avaliou as alegações de Maria na integridade de seu coração, e, penso que podemos presumir, com uma profunda confiança em Deus. Ele tomou a melhor decisão que poderia tomar, e que cria ser ao mesmo tempo justa e misericordiosa.

Mas acabou por ser errada, porque Deus estava fazendo infinitamente mais do que tudo quanto José pediu ou pensou (Ef 3.20). E foi aí que Deus, cheio de misericórdia, interveio. Ele gentilmente corrigiu José e lhe deu a direção de que ele necessitava.

Deus não vai nos poupar de todas as decisões terríveis e dolorosas. Nem irá nos poupar de todas as decisões equivocadas que resultam de nossa finitude caída, mesmo que feitas na integridade de nosso coração. Deus tem seus propósitos em tudo isso. Mas o que podemos confiar nele para fazer é: fielmente nos sujeitarmos à correção e direção de que precisamos, até o tempo que ele considerar melhor.

“E ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.”

Lucas 2.7

11

NOS ESTÁBULOS DO DESESPERO

NASCE A GRAÇA DE DEUS

JOSÉ CARPINTEIRO E A CONFIANÇA

Lucas 2.1-7

A PRIMEIRA NOITE DE NATAL foi santa. Mas não foi silenciosa. Nem tudo estava calmo. Após andar uma centena de quilômetros, José chegou à superlotada Jerusalém, com uma esposa em trabalho avançado de parto, somente para ouvir que “não havia lugar para eles na hospedaria”.

“Estamos completamente lotados. Não podemos receber mais ninguém.”

“Por favor, minha mulher está para dar à luz! Só queremos um cômodo com um mínimo de privacidade.”

Compaixão e desespero se misturavam nos olhos fatigados do dono da hospedaria. Esfregando sua mão cansada sobre a cabeça, disse: “Olha, eu daria a você o meu próprio quarto, se eu já não tivesse cedido a outras pessoas. Temos gente em cada brecha e fresta da casa. Não temos espaço, especialmente para um parto”.

Lá em Nazaré, quão confiante José sentia-se. Ele não sabia nada sobre ser assistente de parto. Aquilo era domínio das mulheres. Mas Deus tinha enviado seu anjo a Maria e a ele. Deus tinha feito com que Maria ficasse grávida. Deus tinha inclinado o coração do poderoso Augusto (Pv 21.1), para que a profecia messiânica sobre Belém pudesse ser cumprida. Além disso, aquele menino era Filho de Deus!

Mas agora José estava ficando desesperado. Belém estava abarrotada de gente. O censo romano levou o Messias a Belém, mas não lhe deu lugar onde reclinar a cabeça.

“Há outras hospedarias aqui?”

“Não. Em dias normais, Belém não comporta duas hospedarias funcionando ao mesmo tempo. Você não tem nenhum parente próximo?”

Maria gritou de dor.

Quase frenético, José insiste: “Não. Por favor! Não há ninguém mais que possa nos receber?”

“Todo mundo que eu conheço já está com visita em casa.”

Por favor, Deus! Por favor! Precisamos de um lugar! Dá-nos um quarto! Envia teu anjo! Age!

Os dois homens se olharam vagamente um para o outro por cinco tensos segundos. Então José disparou: “Por favor, nos dê qualquer lugar!”

Naquele momento uma mulher apareceu por trás do dono da hospedaria e disse: “Temos um estábulo nos fundos”.

“Raquel,² a esposa dele está para dar à luz! Não podemos pôr ela no estábulo!”

“Eu ouvi”, respondeu ela. “Mas deixá-la na rua seria pior, Jacó. Vou pegar alguns lençóis e palha limpa.” Ela olhou para José: “Encontro você lá atrás. Posso ajudar com o parto também”. Ela começou a andar e então parou. “Qual o nome da sua esposa?”

“Maria.”

“Diga a Maria que vai ficar tudo bem. Deus vai ajudá-la.”

“Obrigado!”, disse José. Obrigado, meu Deus!

Mas, dentro dele, o alívio entrou em colisão com o pesar. A ajuda de Raquel era uma bênção. Mas e o estábulo? Aquilo era o melhor que ele podia prover para sua confiante esposa e seu santo bebê? Como podia o filho de Deus nascer num estábulo?

Maria gritou novamente: “José!”

Não havia mais tempo. Com gentil rapidez José apanhou Maria e a carregou para os fundos da casa.

Maria respirava com esforço. “Eles tinham quarto?”

José sentiu-se um tanto envergonhado. “O único lugar disponível era o estábulo. Vai dar certo. Nós vamos deixá-lo limpo. A esposa do hospedeiro vem ajudar. Deus está providenciando tudo.”

“Obrigada, meu Deus!”, ela sussurrou. E então apertou o pescoço de João, porque outra dor a comprimia e empurrava a Luz ao mundo.

**

Não era em um estábulo que José desejava estar naquela noite. Aquilo não tinha nada de ideal para ele. Foi somente em razão da necessidade.

Mas o estábulo não dizia respeito a José ou Maria. Dizia respeito ao Filho de Deus esvaziar-se a si mesmo (Fp 2.7). Ele tinha de vir para humilhar-se a uma profundidade insondável. Por isso tomou emprestado um estábulo para seu nascimento. Em seguida, após uma morte excruciante para fazer propiciação por nossos pecados (1Jo 4.10), emprestaram-lhe uma tumba (Mt 27.59-60).

Mas José provavelmente não percebeu nada daquilo em Belém. No calor do momento, tudo o que ele sabia era que o melhor que pôde conseguir para Maria e o Messias tinha sido um estábulo cheio de impureza real e ritual. E para combater o temor e a vergonha, tudo que ele poderia ter feito era confiar que de algum modo Deus, que poderia ter providenciado algo diferente, tinha algum misterioso propósito naquela humilhação.

E essa é a mensagem do nascimento de Jesus para nós. Há períodos, conquanto busquemos seguir a Deus fielmente, em que deparamos momentos de desespero, forçados a lugares que não escolheríamos ir. É aí que devemos nos lembrar: nossa vida e as nossas circunstâncias não dizem respeito, em último caso, a nós mesmos (1Co 6.19-20). Dizem respeito a Jesus Cristo.

O Pai tem propósitos para nós e o nosso sofrimento que se estendem muito além de nós. O que geralmente parece infortúnio, em momento posterior prova ser meio de grande misericórdia.

O seu lugar de desespero pode indicar, na verdade, que você não precisa tanto de menos tumulto, mas de mais confiança. Pois Deus escolhe os estábulos do desespero como os lugares de nascimento de sua graça esmagadora.

2. “Raquel” e “José” são nomes fictícios. Estou usando os mesmos nomes para esses personagens e coordenando os eventos em harmonia com o poema *The Innkeeper*, de John Piper (Wheaton, IL: Crossway, 1998).

“Eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho.”

Mateus 2.13

12

DESVIOS (NÃO) PLANEJADOS

JOSÉ CARPINTEIRO E AS ESCOLHAS

Mateus 1—2

“O CORAÇÃO DO HOMEM traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos” (Pv 16.9). Como o pai terreno de Jesus descobriu, esse é simplesmente outro modo de dizer que, quando seus planos são desviados e redirecionados, você descobre quem realmente está traçando o caminho.

Nazaré. José sentia-se bem em voltar para casa. O mesmo antigo mercado e os mesmos velhos mercadores. Os mesmos antigos vizinhos com as mesmas antigas reclamações. A mesma antiga sinagoga e o mesmo antigo rabi.

Curiosamente, porém, a normalidade é que era algo estranho após os dois últimos anos de aventuras inesperadas. Que odisseia esse simples carpinteiro galileu teve de enfrentar!

Tudo começou com o anúncio aterrador da gravidez de Maria, que fez com que um anjo viesse para ajudá-lo a crer. Ele finalmente parou de reprisar esse filme quando foi atingido com o decreto do censo romano.

José lembrou-se da ira que sentira. Um vão imperador a meio mundo de distância estava ordenando que o povo voltasse às suas cidades de nascimento para registro. Deus proibia que se negasse a Augusto qualquer possível receita auferida de impostos dos cidadãos. Para José, como descendente do rei Davi, isso significava uma caminhada de bem mais de uma centena de quilômetros até Belém. Parecia algo escandalosamente injusto. Isso não somente iria atrapalhar seus negócios e significar uma viagem cara com a qual não podia arcar, mas também sua esposa estaria em avançado estágio de gravidez.

Ele lembrou-se de extravasar sua exasperação a um amigo que lhe respondeu: “Que Deus mande logo o Messias para que nos livre desses tiranos!” E, para animar José, acrescentou: “Ei, talvez lá você encontre o Messias! Você sabe o que disse o profeta: ‘E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade (Mq 5.2)’”.

Aquele amigo parecia ter acertado José na cabeça com uma viga. Era a primeira vez que ele via aquilo! Augusto, em toda a sua pompa imperial, era meramente um instrumento na mão de Deus para cumprir a Escritura. A ira de José transformou-se em uma alegria cheia de espanto. Sim, ele com certeza veria o Messias em Belém.

De fato, após o inusitado nascimento de Jesus, José estava cheio de expectativa de fazer de Belém o seu novo lar permanente. Com certeza era isso o que o profeta Miqueias queria dizer. E ele tinha acabado de voltar aos negócios quando o anjo apareceu novamente em seus sonhos, pouco depois da surpreendente visita dos magos da Pérsia. “Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise” (Mt 2.13). Herodes queria matar seu bebê!

José sentiu a ira surgir em si contra Herodes. E uma onda de temor. As fronteiras do Egito eram outra jornada de mais de cem quilômetros a pé para a sua esposa e filho, a maior parte pelo meio do deserto.

Mas ele rapidamente lembrou-se: se Augusto era um instrumento de Deus, quem era Herodes? Deus tinha suas razões para enviar seu Filho ao Egito. Então José escapou com sua família da cidade na penumbra da noite.

Egito. Aquele era um lugar que José nunca teve expectativa de ver, muito menos de ali viver. Não tinha a menor ideia de como iria alimentar e abrigar sua família. Mas ele não precisava temer. Deus o supriu tal como havia feito em outras ocasiões.

E então, após alguns meses, outro sonho e outra comissão: Herodes tinha morrido, e José deveria levar o menino de volta para Israel. José entendeu que isso significava retornar a Belém.

Mas logo soube que o filho de Herodes, Arquelau, governava sobre a Judeia. Arquelau tinha o mesmo amálgama cruel daquela rocha bruta. Se ele sequer imaginasse um Messias em Belém, sem dúvida haveria outra tentativa de

assassinato. Outra visita angélica em sonho, e eles voltaram para Nazaré.

E quem sabia quanto tempo isso iria durar...

**

Uma coisa José aprendeu muito rapidamente após Deus o ter escolhido para ser o pai terreno de Jesus: seus planos pessoais não eram coisa a ser alcançada. Fosse qual fosse o futuro que ele tivesse originalmente imaginado para si mesmo e Maria, aquilo havia evaporado com o sopro de uma realidade determinada por Outro.

E à medida que seguia sua caminhada de fé, José repetidamente achou-se tomando rumos imprevistos: um censo romano, uma viagem esgotante durante o período mais difícil da gravidez, um nascimento em um celeiro, nenhuma renda fixa, uma tentativa de assassinato, cruzar duas vezes o deserto a pé com uma criança, viver em um país estrangeiro, e esperar em Deus até o último minuto por direção e provisão. Esse caminho era difícil, perigoso, caro, consumia tempo e o fazia adiar projetos pessoais.

E era tudo vontade de Deus.

Como na vida de José, os desvios trabalhosos e não planejados de nossa vida também são planejados por Deus. Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos (Is 55.8-9). Eles geralmente nos deixam desconcertados, mas são sempre melhores porque Deus está orquestrando mais do que podemos ver ou conhecer em cada evento ou atraso inesperado.

Assim, quando você se encontrar repentinamente movendo-se em uma direção que não planejou, tenha bom ânimo; o Grande Planejador tem algo muito melhor para você e muito mais.

“Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus.”

2crônicas 20.15

13

“NÃO TEMAIS”

JOSAFÁ E O TEMOR

2crônicas 20.1-30

OS EXÉRCITOS DE MOABE, Amom e Edom estavam em marcha. Destino: Jerusalém. Eles eram parentes de Israel, sendo Moabe e Amom descendentes de Ló, e Edom descendendo de Esaú. Mas aquela não seria uma reunião de família. Uma matança estava em curso.

Essas três nações faziam fronteira com Israel e Judá a leste e sul. E desde os reinados de Davi e Salomão, elas tinham, vez por outra, sido sujeitas aos reis de Israel, pagando tributos e servindo a trabalhos forçados.

Mas já havia transcorrido sessenta anos da morte de Salomão, e Israel dividira-se em dois reinos. Sua força estava dividida. E o reino do norte estava enfraquecido por suas batalhas com a Síria. Essa era a hora. Se eles juntassem forças agora, aquele clã poderia esmagar o exército de Judá e pilhar a riqueza do rei Josafá. Depois disso, quem sabe, o próprio reino do norte.

Quando Josafá tomou conhecimento, o ataque já era iminente. Não era necessário ser um Pitágoras para ver a diferença numérica. Seus exércitos eram como um castelo de areia contra uma bola de demolição. O reino de Judá seria varrido, a menos que eles conseguissem uma ajuda muito forte.

Ora, esqueça por um momento que você sabe o final da história. Como seria estar no lugar de Josafá? Aproximava-se uma morte brutal para ele, os seus entes queridos, e dezenas de milhares do seu povo. E todos estavam esperando que o rei fizesse alguma coisa para salvá-los. Que pressão!

As opções de Josafá eram limitadas. Ele poderia tentar negociar uma rendição. Mas provavelmente veria seu pedido recusado. E mesmo se aceita, a rendição provavelmente significaria a sua morte e a destruição de Judá.

Ele poderia ter rapidamente enviado uma pilha de dinheiro e promessas de subserviência à Síria ou Egito. Mas realmente não restava muito tempo. Como um rei jovem, Asa clamou ao Senhor por livramento quando seu pequeno exército enfrentou um milhão de soldados etíopes, e Deus respondeu ao clamor de maneira miraculosa (2Cr 14). Mas em seus últimos anos, Asa abandonou aquela confiança e costurou uma aliança com a Síria. E Deus o disciplinou severamente por isso (2Cr 16.1-10).

A coisa maravilhosa sobre Josafá era que ele realmente confiava no Senhor e cria em suas promessas. Ele cria que Deus poderia salvar Judá. Ele queria honrar

a Deus com a sua confiança. E, nesse caso, ele não tinha muitas alternativas. Algumas vezes, essa é uma grande misericórdia.

Então, Josafá juntou o povo de Judá em Jerusalém para um jejum. Eles pararam perante o templo e o rei, em um gesto de grande liderança, pleiteou a causa perante o Senhor, dizendo: “Em nós não há força para resistirmos a essa grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em ti” (2Cr 20.12).

Não foi uma bela confissão? Foi como uma criança em sua humildade e fé. Essa é, de fato, outra figura do evangelho no Antigo Testamento. Não há força em nós para salvarmos a nós mesmos. Mas quando olhamos para Deus e clamamos a ele por livramento do julgamento iminente, ele nos traz uma salvação que ultrapassa a nossa tosca capacidade de imaginação.

A razão para Deus orquestrar todo esse sufoco sobre Josafá é a mesma para as tribulações e crises de nossa vida: ele quer que cada vez mais encontremos liberdade do medo.

Perceba, verdadeira liberdade não é a liberdade de fazer o que você quer ou a ausência de aflição. Verdadeira liberdade é uma profunda confiança de que Deus realmente irá prover tudo de que precisamos. Aquele que crer desse modo é a mais livre de todas as pessoas na terra, porque não importa em qual situação ele se encontre, nada tem a temer.

Mas o único meio de pecadores como nós, com uma tendência a não crer em Deus, encontrarem esse tipo de liberdade é experimentando repetidamente o poder libertador e a fidelidade de Deus. É por isso que devemos ter “por motivo de toda alegria” ... quando passamos “por várias provas” (Tg 1.2). Essas provas estão nos tornando livres.

Deus respondeu de uma maneira espetacular a oração cheia de fé feita por Josafá. Ele lançou em confusão os exércitos de Amom, Moabe e Edom, e eles mataram uns aos outros. Josafá e seu exército, liderado por cantores, não tiveram de erguer uma espada. E gastaram três dias levando para casa todo o despojo.

A Palavra de Deus para você através desta história, e em todas as crises que você enfrenta, é esta: “Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus” (2Cr 20.15).

“Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.”

Lucas 7.47

14

O QUE É O AMOR

PARA DEUS

SIMÃO FARISEU E A ADORAÇÃO

Lucas 7.36-50

ELE TINHA O SANTO DE ISRAEL (Is 54.5) em sua casa, reclinado à sua mesa. O Profeta que Moisés tinha predito (Dt 18.15) estava com-partilhando com ele o jantar. O Senhor da glória, a Ressurreição e a Vida (Jo 11.25) estava falando com ele face a face. O clímax da história que ele queria estar vivendo havia chegado. Recepcionar em casa o Messias deveria ter sido para Simão uma honra indescritivelmente maravilhosa, algo de tirar o fôlego.

Mas Simão não estava impressionado. Enquanto olhava para Jesus, tudo o que via era um nazareno empoeirado cujas alegações poderiam ser interpretadas como, digamos, delirantes.

E os pés de Jesus estavam ainda mais empoeirados. Oferecer lavagem de pés aos convidados tinha sido, por milhares de anos, um costume profundamente enraizado para as pessoas do Oriente Próximo. Não oferecer era desonrar o convidado. Não é plausível que Simão tenha simplesmente esquecido disso.

Porém, Jesus não demonstrou estar ofendido. E com a refeição sobre a mesa, os sinais de cordialidade foram alterados. Umas poucas perguntas formais foram feitas.

De repente todos os olhos que encaravam Jesus estavam cheios de inquietação, direcionada para seus pés. Jesus olhou para trás.

Uma mulher estava próxima a ele, e claramente não fazia parte dos servos da casa. Ela estava olhando intensamente para ele, segurando um pequeno vaso em suas mãos. Ela começou a soluçar e caiu de joelhos. E à medida que suas lágrimas eram vertidas, ela inclinou-se e deixou que caíssem aos pés de Jesus para limpar deles a sujeira com seus próprios cabelos.

Ela então beijou os pés de Jesus.

Suspiros e murmúrios se ouviram em torno da mesa. Essa mulher tinha uma reputação conhecida por todos os convidados locais. Era impróprio até mesmo falar abertamente sobre o que lhe havia garantido aquela reputação. Ela era simplesmente chamada de “pecadora”. E todo mundo ali sabia o que estava

dentro daquela expressão.

Assim, todos estavam aterrados com aquele contato claramente inapropriado, até mesmo íntimo. Exceto, aparentemente, Jesus. Ele não parecia chocado. E não a deteve.

Um servo alarmado moveu-se em direção à mulher, mas Simão o impediu com um gesto. Esse era um momento revelador.

Enquanto assistia à mulher derramar seu unguento aromático nos pés de Jesus, Simão sentia um misto de desprezo e prazer. Seu pré-julgamento a respeito de Jesus estava se confirmando diante de seus olhos. Nada denunciaria de modo mais eloquente a falsidade daquele assim chamado profeta do que sua tremenda falta de discernimento a respeito daquela mulher imoral. Nenhum homem santo se deixaria manchar com aquele toque. Ele começou a ensaiar o que contaria ao Concílio.

“Simão, uma coisa tenho a dizer-te.” As palavras de Jesus trouxeram Simão de volta à sala. “Dize-a, Mestre”, ele replicou.

“Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais?”

“Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou.” E Jesus disse a ele: “Julgaste bem”.

Então, voltando-se para a mulher, Jesus disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou”.

Então, olhando de volta, olhando penetrantemente nos olhos de Simão, Jesus disse: “Mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama”.

Um chocante silêncio expandiu-se no ar.

E então, com terna autoridade, Jesus falou à mulher: “Perdoados são os teus pecados. A tua fé te salvou; vai-te em paz”.

**

Como um fariseu, Simão gozava de reputação de homem piedoso. Ele tinha expressiva educação teológica, tinha memorizado extensas porções da Escritura, exercitava rigorosa autodisciplina, orava religiosamente e dizimava de modo meticuloso. A sorte de coisas que os homens admiram.

A reputação da mulher era desprezível. Ela era publicamente conhecida por sua transgressão da lei. Ninguém a confundiria com uma serva de Deus. Embora os homens até pudessem desejá-la, nenhum deles a admirava.

Ainda em frente a todos os convidados daquele jantar festivo, Jesus declarou que a mulher devassa realmente amou muito a Deus, enquanto o fariseu, ritualmente limpo, amara pouco. Por quê? Simplesmente porque a mulher creu que precisava desesperadamente do perdão que Jesus oferecia em seu evangelho, enquanto Simão não julgava necessitar.

“Aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.” Essa pequena sentença nos revela uma gigantesca verdade: o tamanho do nosso amor a Deus depende do quanto reconhecemos a magnitude de nossos pecados e a imensidão da graça de Deus em perdoá-los.

É isso que Jesus procura. Esse é o tipo de adoradores que o Pai está buscando (Jo 4.23).

Em sua essência, a verdadeira adoração é um amor intenso por Deus, não a observância de regras moralistas ou gestos de autodisciplina. Para pecadores como nós, o combustível de tal amor é uma profunda compreensão, nas palavras do pastor John Newton, exmercador de escravos, uma profunda compreensão “de que eu sou um grande pecador, e de que Cristo é um grande salvador”.³

3. Conforme citado em Jonathan Aitken, John Newton: From Disgrace to Amazing Grace. Wheaton, IL: Crossway, 2007, p. 347.

“Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor! E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?”

Mateus 14.30-31

15

QUANDO UMA ROCHA

LENTAMENTE AFUNDA

PEDRO E A FÉ

Mateus 14.13-33 e João 6.1-21

HAVIA SIDO OUTRO DIA CHEIO para os discípulos.

Enquanto remavam para Cafarnaum, era difícil parar de falar sobre o que tinham visto. Cinco mil homens, além das mulheres e crianças, e Jesus os tinha alimentado a todos com o almoço de um garoto! O poder de Jesus os punha ao mesmo tempo emocionados e temerosos.

E eles tinham experimentado o inebriante momento em que surgiu apoio público, quando o grande banquete transformou-se no brado “Jesus para rei”. O povo tinha começado a entender! O Messias havia chegado! O reino estava começando a emergir bem diante dos olhos deles.

E então aquilo tinha acabado de forma muito estranha. Causou surpresa o fato de Jesus estar perturbado com o entusiasmo da multidão, e ter rapidamente buscado extinguir tal entusiasmo com palavras duras, que causaram perplexidade. O apoio do povo minguou, virou desilusão.

Não dá para entender como Jesus pôde ser tão duro.

E por que ele tinha insistido que saíssem tão depressa de Cafarnaum a ponto de terem de remar durante a noite? E por que tiveram de partir sem ele? Eles pegaram o último barco na costa. Se Jesus pretendia juntar-se a eles em Cafarnaum pela manhã, teria de palmilhar longa caminhada.

Então o vento levantou-se e as ondas se agigantaram na contramão de cada remada. Aquilo atrasaria em horas a viagem. A discussão, cheia de adrenalina, foi substituída pela irritabilidade cheia de cansaço. Um deles comentou que, naquela velocidade, Jesus poderia alcançá-los a pé.

Logo em seguida, outro gritou: “O que é aquilo?” E todos olharam tensamente para a popa. Uma forma estava se aproximando na sinistra escuridão. Pedro segurou-se à pequena plataforma e fixou o olhar. Não podia ser verdade o que ele parecia enxergar. Mas logo se tornou inegável. Alguém — ou alguma coisa — estava andando por sobre as águas! Um pavor de outro mundo cresceu sobre os homens. Alguém disse em estado de pânico: “É um fantasma!” Os remadores

encontraram nisso mais energia.

Mas uma voz familiar os chamou: “Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!”

Jesus? Parecia ser Jesus. Mas ele estava andando sobre a superfície da água! Talvez um espírito pudesse fazer aquilo, mas não um ser humano! Pedro fez sinal para que os remadores parassem. Era Jesus. As bocas estavam escancaradas, mas nenhuma palavra saía delas.

Exceto por Pedro: “Se és tu, Senhor, mandame ir ter contigo, por sobre as águas”. Todas aquelas faces estupefatas viraram-se para Pedro. Ninguém ali tinha sequer pensado naquilo ainda. Jesus respondeu: “Vem!”.

Então Pedro sentou-se na popa, balançando suas pernas do lado de fora, e cuidadosamente pôs seu peso sobre aquilo que deveria engolfá-lo. Daí ficou de pé e houve um suspiro coletivo dos que estavam no barco. Tudo aquilo ficava cada vez mais surreal. Então ele começou a dar alguns passos em direção a Jesus e os demais prenderam o fôlego.

Subitamente, Pedro congelou. Ele olhou para baixo e viu as ondas que salpicavam suas pernas. Havia pânico nos seus olhos. Então ele começou a submergir, como se estivesse em um poço de lama. Virando-se para Jesus, gritou: “Salva-me, Senhor!” Jesus adiantou-se, o alcançou, agarrou em seu braço, e o puxou para cima. Pedro, olhando intensamente para Jesus, respirava com dificuldade.

Jesus disse a ele, num tom firme e afetuoso: “Homem de pequena fé, por que duvidaste?”

**

Pedro demonstrou uma fé notável ao pedir para seguir a Jesus por sobre as águas. Ninguém mais o fez.

Mas quando ele começou a andar, o que o segurou por cima? Podemos rapidamente presumir que foi a fé de Pedro. Mas essa resposta não é muito acurada. A fé de Pedro não o estava impedindo de afundar. Jesus é que estava. Pedro sabia daquilo. E foi por isso que ele não saltou para fora do barco por conta própria. Ele pediu que Jesus ordenasse que ele fosse. O que Jesus fez foi honrar a fé de Pedro ordenando à água que suportasse o peso do apóstolo.

1ª lição: a fé não é fé em nossa fé em Jesus, é fé no poder da palavra de Jesus. Mas uma vez que Pedro estava longe da segurança do barco, nas ondas agitadas, tudo começou a parecer escorregadio. Por quê? Bem, porque as pessoas simplesmente não andam sobre a água. Estamos tão familiarizados com esse evento que o inusitado andar sobre as águas não nos espanta. Mas aquilo deixou Pedro perplexo naquele momento.

E ele começou a afundar.

Porém, você alguma vez chegou a notar que Pedro, a Rocha, não afundou como uma rocha? Da última vez em que você pulou na piscina, você foi afundando gradualmente? Há algo profundo aqui. Pedro começou a afundar quando sua fé apartou-se da firmeza da palavra de Jesus rumo à instabilidade de suas circunstâncias. E quando isso aconteceu, Jesus permitiu que ele afundasse — lentamente. E, para Pedro, aquilo foi uma dádiva.

Por quê? Porque afundar fez com que Pedro clamasse a Jesus. Ao começar a afundar, Pedro rapidamente parou de olhar para o mundo ou para si mesmo como fonte da verdade e salvação e pôs seu foco em seu Salvador. Ao fazer isso, Jesus o trouxe de volta à superfície.

2ª lição: a palavra de Jesus é mais verdadeira e mais forte do que aquilo que podemos ver ou sentir, e quando duvidamos disso, algumas vezes ele graciosamente nos permite afundar como uma forma de nos ajudar a focar novamente nele.

Confiar em Jesus e em sua palavra acima de nossa percepção é uma lição difícil de aprender. Eis por que o Senhor nos faz passar por tantos testes diferentes na fé, e tantas experiências que produzem edificação.

E ele faz isso, não somente para nosso benefício pessoal. Ele está mostrando seu poder para que a fé de outros possa também ser fortalecida. E, como aconteceu ao restante dos discípulos quando Jesus e Pedro estavam de volta ao barco, nós terminaremos dizendo ao Senhor: “Verdadeiramente és Filho de Deus!” (Mt 14.33).

“Ouidas estas palavras, admirou-se Jesus dele e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta.”

Lucas 7.9

16

A FÉ QUE DEIXOU

JESUS ADMIRADO

O CENTURIÃO E A FÉ

Lucas 7.1-10

JESUS, O “AUTOR E CONSUMADOR DA NOSSA FÉ” (Hb 12.2), certa vez admirou-se da grande fé que encontrou em um homem. Quem era esse homem? Um mestre da lei? Não. Um discípulo? Também não. Era um soldado romano.

Jesus desceu do cimo do monte que ficava fora de Cafarnaum, seu lar adotivo (Mt 4.13). Ele tinha acabado de proferir aquilo que se tornaria o mais famoso sermão da História.

Quando entrou na cidade, foi recebido por um grupo de anciãos judeus. Eles tinham um pedido urgente. Será que Jesus poderia ir rapidamente à casa de um centurião romano cujo servo estava gravemente enfermo, à beira da morte? O próprio centurião enviara os anciãos a Jesus para fazer aquele pedido.

Aquilo era estranho. Líderes judeus não costumavam ter relações tão amistosas com os soldados romanos.

Sentindo que transparecia algo de incomum naquele pedido, um dos anciãos rapidamente acrescentou: “Ele é digno de que lhe façam isso; porque é amigo do nosso povo, e ele mesmo nos edificou a sinagoga”.

Aquilo também era estranho. Soldados romanos não costumavam ter relações tão amistosas com líderes judeus.

Jesus discerniu a direção do Pai naquele caso e seguiu com eles à casa do centurião. Ele havia também acabado de pregar sobre a importância de amar os inimigos. Aquele era um episódio encorajador.

À medida que se aproximavam da casa, outro grupo de homens os interceptou. Eles se amontoaram em uma breve e sussurrada conferência com os anciãos, agora confusos. Alguns observadores imaginaram que já seria tarde demais.

Então um representante daquele segundo grupo parou em frente a Jesus e disse respeitosamente: “Mestre, trago uma mensagem do meu amigo romano. Ele manda dizer:

Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa. Por isso, eu mesmo não me julguei digno de ir ter contigo; porém manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens, e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz”.

Um murmúrio cresceu em volta da multidão. Ele não queria que Jesus viesse.

Os olhos de Jesus estavam sobre o homem enquanto ponderava naquelas profundas palavras. Palavras de um soldado romano.

Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR? (Is 53.1)

A boca de Jesus prenunciava um sorriso. Ele balançou a cabeça ligeiramente.

Porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão (Is 52.15).

Aquele emissário do inimigo de Israel entendeu aquilo que nem mesmo os anciãos judeus conseguiam entender. Jesus olhou para os anciãos.

A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos (Sl 118.22-24).

Então voltou-se para seus discípulos e a pequena multidão que o tinha seguido desde o monte e disse em alta voz: “Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta” (v. 9).

**

Jesus “admirou-se” com a fé daquele homem. Precisamos meditar naquilo que deixa Jesus admirado.

Lucas — e também Mateus (8.10) — escolheu a palavra grega *thaumazo*, que traduzimos como “admirado” ou “impressionado” para descrever a resposta de Jesus à fé do centurião. A outra vez em que essa palavra é usada para descrever a resposta de Jesus à fé de alguém está em Marcos 6.6, quando ele se admirou da falta de fé do povo de Nazaré, que eram os que melhor o conheciam.

É uma ironia do evangelho que a única pessoa registrada nos evangelhos de cuja fé Jesus se admirou fosse um soldado romano. A única razão para ele estar na Palestina era ajudar a manter os judeus sob o governo autoritário do pagão Tibério.

Jesus admirou-se de que, dentre todo o povo, um soldado gentio, um estrangeiro ao pacto, um homem com uma compreensão limitada da Escritura, para dizer o mínimo, tinha visto o que poucos do povo do pacto viram ao olhar para Jesus: o Filho de Deus. Os judeus se amontoavam em volta de Jesus. Os líderes judeus o questionavam e debatiam com ele. Mas, como Pedro no barco cheio de peixes

(Lc 5.7-8), o centurião reconheceu a divina santidade em Jesus e a pecaminosidade em si mesmo, e sabia que não era digno da presença de Jesus.

Ele também reconheceu a autoridade de Jesus. Enquanto os anciãos judeus faziam a Jesus perguntas do tipo: “Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade?” (Mt 21.23), aquele centurião estrangeiro sabia exatamente quem Jesus era. Ele sabia que Jesus tinha autoridade do Pai para comandar o mundo natural. Ele sabia que a distância não era empecilho. Jesus poderia ordenar de qualquer distância que a enfermidade cessasse.

E Jesus admirou-se de ver naquele centurião o prenúncio e os primeiros frutos daquilo que faria acontecer: “muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus” (Mt 8.11).

Aquele homem, cuja fé causou admiração a Jesus, não era um discípulo, não fez milagres, não plantou igrejas, não tinha posição ou títulos religiosos. Seu currículo espiritual era desprezível. O homem com a maior fé em Israel era um centurião que simplesmente sabia quem Jesus era, o que ele era capaz de fazer, e humildemente pediu, e confiou que receberia aquilo de que necessitava.⁴ Ele realmente creu em Jesus.

Essa ainda é a fé que deixa Jesus admirado.

4. “E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis” (Mt 21.22).

“Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.”

2Coríntios 12.10

17

VOCÊ TEM SE REGOZIJADO

NA FRAQUEZA?

PAULO E A HUMILDADE

2Coríntios 11—12

A CADA DIA, À MEDIDA QUE buscamos seguir a Jesus, lidamos com incessante fraqueza em nosso corpo, em nossas emoções, relacionamentos, famílias, vocações e igrejas. Estamos “rodeados de fraquezas” (Hb 5.2). E elas tentam nos desencorajar, e algumas vezes nos exasperar.

Mas um dos dons preciosos de 2Coríntios é que, por meio de Paulo, Deus nos

ensina um grande paradoxo de uma vida de fé no evangelho: a graça de Deus é mais claramente vista e mais profundamente saboreada em nossas fraquezas do que em nossa força.

**

Paulo estava profundamente preocupado com a igreja de Corinto. Pseudoapóstolos tinham encontrado o caminho de Corinto. Eles eram parasitas charlatões que haviam seguido na esteira de Paulo e agora o estavam difamando.

Então Paulo escreve sua carta. Mas sua preocupação primária não era com sua própria reputação. Ele escreveu porque aqueles homens estavam sugando a glória de Deus e colocando os coríntios em perigo ao distorcer o evangelho. E estavam desacreditando Paulo, com o objetivo de aumentar a importância que atribuíam a si mesmos. Isso o forçou a repreender estes impostores e confrontar sua própria doutrina, caráter e modo de agir com o que eles apresentavam.

Mas essa era uma tarefa tortuosa. Ao defender-se, ele sentiu como se estivesse “falando como fora de si” (2Co 11.23). Relutantemente, Paulo listou as revelações que havia recebido, as maneiras como sofreu por causa do evangelho e as igrejas, e como nunca teve qualquer proveito financeiro dos coríntios.

Por que Paulo estava tão relutante em falar sobre essas coisas? Era muito mais do que acentuada modéstia. Paulo estava muito preocupado com o fato de que, ao chamar a atenção para os seus dons, experiências e persistência ele pudesse obscurecer a graça de Deus — ele poderia simplesmente fazer aquilo que os pseudoapóstolos estavam fazendo. Havia o risco de vangloriar-se.

Mas quão arriscado era? Imaginemos. Quando lemos em 2Coríntios sobre as chicotadas, espancamentos, prisões, naufrágios, perigos, fome, exposição às intempéries e revelações extraordinárias, o que somos tentados a pensar? Você se compara a ele? Você olha para a fé, a mente, a coragem, a tenacidade e o trabalho ético de Paulo e pensa: “Que tipo de cristão sou eu perto de Paulo?”.

Esse era o perigo que Paulo temia. Porque quando isso acontece, nós normalmente tiramos os olhos de Cristo, paramos de confiar na suficiência de sua graça, e olhamos para o modo como nossas experiências e conquistas se comparam às de outros como a base para nossa aceitação perante Deus.

Nossa natureza caída implora por glória pessoal. Buscamos a admiração alheia. Amamos o mito do super-herói porque queremos ser super-heróis. Queremos que nossos sucessos e forças sejam conhecidos e nossas falhas e fraquezas fiquem ocultas. E uma vez que força, competência e grandes feitos recebem admiração humana, somos tentados a crer que essas coisas também impressionam a Deus.

Essa é a última coisa que Paulo quer que pensemos. Ele sabia melhor do que a maioria que não são as conquistas humanas que exibem a graça de Deus. É a fragilidade humana.

Por todos os seus feitos, Paulo via-se como o principal dos pecadores (1Tm 1.15). Separado da graça de Deus que lhe garantia o livre dom da justiça de Cristo, todas as conquistas de Paulo eram “esterco” (Fp 3.8-9). Paulo sabia que a autojustiça nada valia (Fp 3.6-9). Ele sabia quem o havia trazido à fé (At 9.5), vocacionado ao apostolado (Rm 1.1), enviado para fazer discípulos entre os gentios (Rm 1.5) e chamado para sofrer pelo seu nome (At 9.16). Sim, Paulo sabia que trabalhava mais do que todos os outros apóstolos. Mas sabia que não era ele, mas a graça de Deus nele (1Co 15.10).

E a razão para Paulo saber essas verdades tão profundamente era que Jesus o havia disciplinado. Sabendo como o pecado interior de Paulo podia responder ao poder e às maravilhas que ele havia experimentado, Jesus lhe pôs um “espinho na carne”, um “mensageiro de Satanás”, para esbofeteá-lo (2Co 12.7). Aquilo seria para Paulo um lembrete contínuo de que ele dependia de Jesus para tudo.

Você ama o poder e a sabedoria de Deus? Ele designou um mensageiro de Satanás para servir a Paulo! Isso deve ter sido enlouquecedor para os demônios. Jesus sabia como expô-los “ao desprezo” (Cl 2.15).

Porém, como nós, Paulo não reconheceu imediatamente o espinho como bênção. Ele suplicou por livramento. Mas Jesus respondeu: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9).

Isso abriu um mundo de conhecimento para Paulo. O padrão de Deus, ao longo de toda a história da redenção, culminando na cruz, foi mostrar sua força por meio das coisas fracas.

É por isso que Paulo diz: “Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza” (2Co 11.30). Ele chegou a ir além: “Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2Co 12.10).

**

Assim como fez com Paulo, o Senhor tem designado certas fraquezas para você. Você tem se regozijado nelas?

Quando falo de fraquezas não estou me referindo a pecados: “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões” (Rm 6.12). Nem me refiro à tolice: “Como o cão que torna ao seu vômito, assim é o insensato que reitera a sua estultícia” (Pv 26.11).

Mas todos nós temos diferentes tipos de limitação constitutiva, enfermidades, e incapacidades (“fraquezas”), e adversidades circunstanciais (“conflitos, privações, perseguições, calamidades”). Tudo isso nos faz gemer. E parecem, a princípio, ladrões de nossa alegria. Contudo, o que Deus quer que saibamos por meio dessa passagem é que ele está nos dando tais coisas para nossa alegria — sim, nossa alegria — mesmo se Satanás estiver nos esbofeteando.

Eis o segredo: quanto mais consciente você estiver da graça de Deus, mais humilde, súplice, agradecido, paciente, gracioso, contente e feliz você será. E você não estará mais consciente da graça de Deus em sua força do que em sua fraqueza.

Deus irá usar as forças que ele lhe tem dado. Ele certamente usou as forças de Paulo. Mas se contentamento em Deus é o que você deseja, então agradeça a Deus por suas fraquezas. Porque é através delas que você e outros irão realmente saber que a graça de Deus é suficiente.

“E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra.”

Mateus 8.2-3

18

PEÇA!

A LEPRA E A PROVISÃO

Mateus 8.1-4

ELE ERA UM DAQUELES mortos-vivos. Passaram-se quase três anos desde que o sacerdote examinou aquela mancha suspeita em seu braço esquerdo e olhou para ele com compaixão. “Lamento muito. Trata-se de lepra. Deus tenha misericórdia de você, meu filho.”

A lepra faz você morrer muitas vezes antes de matá-lo. Ela o separa daqueles que você mais ama no mundo. Ela o força a viver com outras pessoas impuras, fora da cidade, em uma colônia de desesperançados. E os casos mais avançados são um aviso do que você deve esperar.

Ela também o força a gritar “impuro!” sempre que alguém se aproximar, e a sofrer a humilhação de se cobrir e fugir, apartando-se uma ampla distância. E o pior de tudo, o exclui da comunidade de adoração que uma vez já foi o centro da sua vida.

Ele tinha certa vez pedido a Deus que o protegesse dessa enfermidade. Então orou para que Deus o curasse. Deus não fez nem uma coisa nem outra.

O que havia feito para merecer a lepra? Deve ter sido algum pecado. Mas isso não fazia sentido. Ele conhecia outros que estavam vivendo em pecado e eram perfeitamente saudáveis. Ele estava confuso e cada vez mais desanimado.

Então lhe chegaram notícias de que o mestre Jesus estava nas redondezas. A palavra era que o ensino de Jesus era controverso. Mas parece que ele havia curado pessoas enfermas em Cafarnaum — algumas delas leprosas. Valia a pena conferir.

Assim, ele juntou-se à multidão sobre o monte, guardando a devida distância, para ouvir o rabi ensinar e ver se as histórias de cura eram verdadeiras.

Aquilo que ele ouviu o transformou. Jesus era diferente — de qualquer outro. Ele falava com poder e autoridade. Era como se suas palavras abrissem o caminho da vida. Ele falava sobre o reino de Deus e o fim da morte e a promessa da vida eterna. E afirmava que poderia concedê-la!

Normalmente, ele descartaria Jesus como mais um “messias” delirante. Um

homem morrendo não tinha tempo para delírios. Contudo, ali estava ele, atado às palavras de Jesus.

Talvez fosse porque Jesus não só falava. Aqueles que se reconheciam como pecadores arrependidos recebiam perdão. Os que estavam possessos por demônios recebiam libertação. E os enfermos recebiam cura.

Mas era mais do que isso. A alegria de seus seguidores parecia ser algo que estava além de uma boa saúde. Eles eram interiormente limpos. Estavam livres. Ele não tinha certeza do que era aquilo, mas a esperança que provara nas palavras de Jesus o fazia ansiar por algo mais do que a cura.

Então se decidiu. Custasse o que custasse, iria a Jesus e lhe pediria que fosse limpo de sua lepra e de qualquer outra coisa que o contaminasse. E se Jesus lhe concedesse esse dom, estava pronto para segui-lo.

Assim ele acompanhou Jesus descer do monte, olhando e orando pelo momento certo. Trazia um nó de ansiedade na garganta. E se aquele momento nunca chegasse? E se acontecesse de Jesus dizer não?

Tão logo Jesus alcançou a parte inferior do monte, o homem moveu-se rapidamente e se pôs de joelhos perante o rabi e desmanchou-se: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”.

Ele mesmo ficou espantado da confiança com que disse tais palavras.

Jesus olhou para ele. Parecia que o tempo havia parado. Todo o alarido em volta cessou. O homem podia sentir que todos o olhavam. Então o mais doce sorriso jamais visto abriu-se na face de Jesus enquanto estendeu sua mão e o tocou. “Quero, fica limpo!”

A primeira coisa que o homem sentiu foi a misericórdia de Jesus. Fazia três anos que ele não era tocado por ninguém que não tivesse lepra.

Então sentiu uma onda de calor percorrer todo o seu corpo. Em seguida um formigamento! Sentiu formigar as pontas de seus dedos — dedos que não pensava sentir novamente! Houve suspiros da multidão. Ele puxou as mangas de sua roupa. Não havia manchas. Olhou para cima, para Jesus, com indizível alegria. Sabia que estava limpo.

Jesus o ajudou a levantar e firmemente o instruiu a não contar a ninguém, mas ir ele mesmo ao sacerdote com a oferta ordenada por Moisés “para servir de testemunho”. Dizendo sim com a cabeça, o homem gaguejou: “obrigado!” E, com outro sorriso, Jesus se despediu.

Enquanto o ex-leproso caminhava em direção ao templo, as palavras de Jesus iam soando em seus ouvidos: “Quero, fica limpo!”. Ele estremeceu. “Quero”. Jesus quis conceder a ele o que pedira. “Fica limpo!” Jesus tinha o poder para fazer aquilo.

Naquela manhã, tudo o que ele queria era ser curado da lepra. Mas agora parecia que aquilo era apenas o prelúdio de algo muito maior.

O que você quer? A palavra de Jesus para você é: “Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á” (Lc 11.9-10). “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino” (Lc 12.32).

É verdade que ele “nenhum bem sonega aos que andam retamente” (Sl 84.11). Algumas vezes o bem é a cura. Outras vezes é a aflição para que conheçamos mais profundamente quão suficiente é a graça de Deus para nós (2Co 12.9). Mas mesmo se a cura for adiada, ela virá.

Deus deseja, profundamente, dar-nos o seu reino por completo. Então, “tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o Senhor falou” (Is 25.8). Pois “aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8.32).

Assim, peça! Deus está disposto, decidido e determinado a dar a você o melhor!

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?”

João 11.25-26

19

“CRÊS ISTO?”

MARTA E A MORTE

João 11.1-44

“ORA, AMAVA JESUS A MARTA, e a sua irmã, e a Lázaro. Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava.”

Você pode conciliar essas duas sentenças? O maior gesto de amor que Jesus pôde demonstrar naquele momento foi deixar Lázaro morrer. Mas isso não parecia muito amável para Marta.

“Marta, o Mestre chegou. Ele está próximo à vila.”

As emoções de Marta colidiam. Apenas ouvir que Jesus estava próximo ressuscitava a esperança em sua alma — a mesma esperança que ela havia sentido no dia em que enviou o pedido para que ele viesse.

Mas esse sentimento foi depressa sufocado por sofrimento e desapontamento. Lázaro tinha morrido há quatro dias. Ela havia orado desesperadamente para que Jesus viesse a tempo. Deus não havia respondido suas orações. O que Jesus poderia fazer agora?

E, todavia... se existia alguém que poderia fazer alguma coisa, era Jesus. Ele tinha “as palavras da vida eterna” (Jo 6.68). Marta apressou-se.

Quando viu Jesus, não pôde conter seu luto e amor. Desmoronou aos seus pés e lamentou: “Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão”.

Jesus pôs a mão sobre a cabeça dela.

Ele viera a Betânia para destruir as obras do diabo (1Jo 3.8). Ele veio para dar à morte uma prévia de sua derrota final (1Co 15.26). Ele veio para mostrar que aquele era o tempo em que os mortos ouviriam a voz do Filho de Deus; e os que a ouvissem viveriam (Jo 5.25).

Marta não sabia de nada disso. Tampouco sabia que o que estava para acontecer

prelucir a própria morte de Jesus — morte que conquistaria para ela a ressurreição, e também a de Lázaro. Ela não sabia como isso pesava sobre ele, e quão grande era a angústia até que tudo se cumprisse (Lc 12.50).

Mas o gentil silêncio de Jesus a tranquilizou.

Quando a triste convulsão de Marta passou, ela disse: “Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá”.

Jesus gentilmente levantou os olhos para Marta e a olhou com afetuosa intensidade. “Teu irmão há de ressurgir.”

Aquelas palavras vívidas fizeram reviver sua esperança. Será que ele queria dizer que...? Não. Ela não se permitia ter esperança quanto a esta vida. Não após quatro dias.

“Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia.”

Sim, Lázaro ressurgiria novamente no último dia. Marta não tinha ideia de quão profundamente Jesus ansiava por aquele dia. Mas ele estava querendo dizer mais do que aquilo.

E respondeu: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?”.

O poder com o qual Jesus falou fez reacender a fé na alma de Marta. Ela não tinha certeza do que tudo aquilo significava, mas como ele falou, era como se a própria morte estivesse sendo tragada (1Co 15.54). “Jamais alguém falou como este homem” (Jo 7.46).

Ela respondeu: “Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo”.

Sabemos como a história termina. Mas nos terríveis dias da agonizante enfermidade de Lázaro e no sombrio sofrimento dos dias que se seguiram à sua morte, Marta não sabia o que Deus estava fazendo. Ele parecia silente e alheio. Jesus não veio. É provável que ela soubesse que ele fora avisado. Ela estava confusa, desapontada, e sobrecarregada de tristeza.

Além disso, Jesus demorou precisamente porque ele amava Marta, Maria e Lázaro. Ele sabia que a morte e a ressurreição de Lázaro trariam indizível glória a Deus, e seus amigos iriam todos experimentar indizível alegria naquela glória. Aquilo faria todo o sofrimento pelo qual passaram parecer leve e momentâneo (2Co 4.17).

Deus somente ordena nosso profundo desapontamento e sofrimento para nossa maior alegria na glória que irá nos revelar (Rm 8.18). É crucial lembrarmos uns aos outros disso. Antes de saber o que Jesus está fazendo, as circunstâncias podem parecer totalmente contrárias. E somos tentados a interpretar a aparente inação de Deus como prova de que ele não nos ama, quando, na verdade, Deus está nos amando do modo mais profundo possível.

Assim, se você tem a alma angustiada, ouça Jesus perguntar com extrema afeição: “Crês isto?” (Jo 11.26).

“Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Também nós vamos contigo. Saíram, e entraram no barco, e, naquela noite, nada apanharam.”

João 21.3

20

QUANDO VOCÊ NÃO SABE

O QUE FAZER

PEDRO E A ESPERA

João 21.1-14

“VOU PESCAR.”

Pedro não sabia que outra coisa fazer. As últimas semanas tinham sido indescritivelmente intensas com o pesadelo da crucificação de Jesus e a inefável maravilha de sua ressurreição.

Agora, ele estava sentado com Tomé, Natanael, Tiago, João e dois outros. Eles estavam simplesmente esperando. Era desnorteante. Jesus não estava ali e não tinha dito a eles o que fazer em seguida.

Pedro costumava saber exatamente o que fazer: preparar as redes e o barco, pescar, pegar o que havia apanhado e vender no mercado. Pescar era um trabalho árduo e algumas vezes perigoso. Mas Pedro sabia o que o esperava. A lembrança daquela atividade familiar era confortadora.

Então, enquanto ele ainda não sabia o que fazer, pensou que podia muito bem fazer algo produtivo. Os outros responderam: “Também nós vamos contigo”. Pedro não era o único inquieto ali.

Eles pescaram durante toda a noite. Lançar e puxar a rede. E nada. Lançar e puxar. E nada. Tentaram o outro lado do barco. Nada. Mudaram o barco de lugar. Nada. Um pouco mais fundo. Nada. Um pouco mais raso. Nada. Onde estavam os peixes? Nada. De quem foi essa ideia de pescar? Podem ter deixado escapar palavras afiadas.

Quando o dia já estava nascendo, ouviram uma voz da costa. “Filho, tendes aí alguma coisa de comer?” Tiago respondeu exasperado: “Não”. “Lançai a rede à direita do barco e achareis.”

Num dia comum, aquilo teria sido irritante. Eles não reconheceram quem falava, mas aquela instrução era familiar. Já tinha acontecido (Lc 5.1-11). Pedro e João se entreolharam e então jogaram a rede. O peso repentino quase fez virar o barco. Não podia ser! Peixe! E eles eram grandes! Eles nem mesmo conseguiram pôr a rede no barco.

Os olhos de João estavam tão grandes quanto os peixes quando olhou para Pedro e disse: “É o Senhor!” Pedro manejou a rede com Natanael, vestiu a sua roupa, e lançou-se ao mar, deixando os outros puxarem a rede com os peixes.

Quando chegaram às margens, encontraram Jesus preparando um café da manhã para eles. Ele já tinha peixe! Graciosamente, e talvez com alguma provocação afetuosa, ele disse: “Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar”. Em seguida, serviu-lhes a refeição.

E então Jesus instruiu Pedro sobre o que fazer.

Esse é o Jesus que conhecemos, sempre servindo e liderando de modo gracioso seus desorientados discípulos. E como os seus discípulos do século 21 também ficam desorientados facilmente, é bom lembrarmos alguns princípios úteis desta história.

Primeiro, esperar em Jesus é uma experiência comum para os discípulos. Algumas vezes esperamos por direção. Em outras estamos presos em uma situação difícil e esperamos por libertação. Algumas vezes esperamos entender seus propósitos. Algumas vezes esperamos por sua provisão. O tempo e os propósitos de Jesus nem sempre são claros para nós, embora sempre sejam o melhor para nós. Assim, ele quer que nossa fé descansa na rocha da sua Palavra e não na areia das circunstâncias.

Segundo, quando não temos certeza do que fazer em seguida, como disse Elisabeth Elliot, “faça o que tem de fazer”.⁵ Sem dúvida os discípulos tinham

orado por direção durante aqueles dias, mas não receberam nenhuma instrução clara. Pescar simplesmente parecia uma boa ideia. Como descobriram, aquilo era exatamente o que o Senhor queria que fizessem. Jesus estava liderando-os, só que de um modo diferente. Enquanto faziam o que tinham de fazer, Jesus os encontrou e dirigiu.

Terceiro, Jesus está no controle total. Pedro e seus amigos eram pescadores experientes. Eles fizeram o melhor que podiam, e nada apanharam. Mas naquela manhã descobriram (novamente) que Jesus era soberano sobre as decisões deles, sobre o barco, o mar, os peixes e o tempo.

Quarto, Jesus está sempre nos servindo, mesmo quando não podemos vê-lo. Ele nos serve de todas as maneiras possíveis: pagando por nossos pecados (Hb 2.17), nos fazendo discípulos (Jo 15.16), ordenando peixes à nossa rede (Mt 4.19), servindo-nos uma refeição na praia (Fp 4.19) e levando-nos ao nosso lar eterno (2Tm 4.18). Jesus ama trabalhar por aqueles que nele esperam (Is 64.4).

Ao seguir Jesus há períodos de intensidade desconcertante e outros de espera desconcertante. Ele não quer que nos desesperemos em qualquer dessas situações. Ele está no controle em todos os casos. Quando não entender os caminhos dele, confie em sua Palavra.

E quando não tiver certeza do que fazer, faça o que tem a fazer.

5. Elisabeth Elliot falou e escreveu sobre esse tópico inúmeras vezes, mas um resumo útil de seus pensamentos pode ser encontrado em *Do the Next Thing*, disponível no site Back to the Bible (<http://backtothebible.org>).

“Simão, filho de João, tu me amas?... Apascenta as minhas ovelhas.”

João 21.17

21

JESUS ESCOLHE E USA

FRACASSADOS

PEDRO E A RESTAURAÇÃO

João 21.15-19

“SIMÃO, FILHO DE JOÃO, tu me amas?”

Pedro entristeceu-se. Sentado na praia após o café da manhã, Jesus tinha acabado de perguntar pela terceira vez se ele o amava. Pedro já havia respondido “sim” de todo o coração duas vezes. Que outra resposta ele queria?

Com essas perguntas, o Senhor estava pondo o dedo sobre uma ferida aberta no coração de Pedro. O fracasso de Pedro na noite da provação de Jesus foi simplesmente horrível. Na hora de maior angústia do seu Senhor, Pedro negou que até mesmo o conhecia. Esse pecado abalou Pedro até o mais íntimo de seu ser.

Jesus tinha predito que Pedro agiria daquele modo (Jo 13.38). Mas no aposento superior, finda a refeição pascal, com seus companheiros discípulos em volta, Pedro não acreditou naquilo. Ele ainda podia ouvir sua própria voz proclamando: “Por ti darei a própria vida” (Jo 13.37).

Ele não fazia ideia de quão fraco realmente era. Imaginava-se resistindo firmemente perante o Sinédrio lado a lado com Jesus, viesse o que viesse. Mas naquela noite, enquanto Jesus estava sendo sentenciado, Pedro o negou perante uma criada: “Não és tu também um dos discípulos deste homem? Não sou, respondeu ele” (Jo 18.17).

Não sou. Essas palavras atormentaram Pedro durante a noite. Ele, que supostamente era uma rocha (Mt 16.18), aquela noite estava em migalhas. Ele não era quem pensava que era. Então quem sou? Pedro jamais teve tão pouca confiança em si mesmo.

Então quando Jesus questionou o amor de Pedro pela terceira vez nessa manhã, Pedro entristeceu-se porque, talvez, o Salvador não confiasse mais nele. Ele tinha falhado. Mas o amava. Tudo o que ele podia fazer era apelar para a onisciência de Jesus: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo”.

E Jesus sabia. De fato, depois Pedro entendeu o que Jesus tinha feito naquela dolorosa conversa. Ele não tinha de modo algum duvidado do amor de Pedro. Antes, estava permitindo que Pedro confessasse seu amor tantas vezes quantas,

naquela noite terrível, havia vergonhosamente negado ao seu Senhor. A graça de Jesus foi esmagadora.

E o Senhor tinha uma palavra para Pedro. No futuro, haveria outra oportunidade de confessar seu amor publicamente sob grande custo. Então acrescentou: “Segue-me”.

Um grande amigo de Pedro escreveu posteriormente: “Todos tropeçamos em muitas coisas” (Tg 3.2). Isso é bem verdade.

A culpa por nossas falhas e pecados passados pode nos assombrar e inibir de muitas maneiras. Satanás adora nos emaranhar com os laços da condenação. Mas Jesus quer nos tornar completamente livres.

Quando Jesus nos escolheu para discípulos, ele anteviu nossas futuras falhas, tal como vira as de Pedro. Podemos nos surpreender com nossa própria depravação, mas Jesus não. Podemos não querer acreditar que podemos negar a Jesus pecando de um modo que contradiz tudo em que cremos. Mas Jesus sabe o que está em nós (Jo 2.25). É por isso que nos exorta, juntamente com Pedro: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41).

Jesus também ora por nós. Quando falhamos, devemos nos lembrar do que ele disse para Pedro antes daquela noite: “Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.32). Pedro iria pecar — de um modo terrível. Mas Jesus havia orado por ele.

E a oração de Jesus foi mais forte do que o pecado de Pedro, e mais forte do que o nosso pecado também. “Pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.25). E “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9).

E Jesus é o grande restaurador de fracassados que se arrependem. A palavra de Jesus a Pedro antes que este o negasse foi: “Quando te converteres [arrependeres], fortalece os teus irmãos”. E ali na praia ele novamente fez a Pedro o maior convite que qualquer um de nós pode receber nesta terra: “Segue-me”. O fracasso deveria ser deixado para trás. Havia serviço do reino a fazer, havia uma morte difícil a suportar, e havia uma vida eterna para ser desfrutada.

O fracasso de Pedro não o aniquilou. E o nosso também não deve acabar conosco. Há vergonhosos e terríveis tropeços no caminho de seguir a Jesus. E Cristo pagou por todos eles na cruz. Ele acertou nossas contas com o Pai e nos tornou inculpáveis com um livre dom de seu amor.

A igreja de Jesus Cristo é uma comunidade de fracassados perdoados. Em Pedro, Jesus nos mostra como ele pode transformar uma falha em uma rocha de força para a sua igreja. Fortalecido pelo Espírito de seu amado Senhor, Pedro se tornou um humilde, corajoso, sofredor e perseverante discípulo de Jesus.

E ele permanece um forte embaixador do evangelho do perdão para os mais fragorosos fracassos.

“Perguntou Zacarias ao anjo: Como saberei isto? Pois eu sou velho, e minha mulher, avançada em dias. Respondeu-lhe o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas-novas. Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que estas coisas venham a realizar-se; porquanto não acreditaste nas minhas palavras, as quais, a seu tempo, se cumprirão.”

Lucas 1.18-20

22

QUANDO UMA REPREENSÃO SE

TORNA UMA RECOMPENSA

ZACARIAS E A INCREDULIDADE

Lucas 1

O QUE ZACARIAS E ISABEL PODEM TER CONVERSADO após seus amigos terem deixado a cerimônia de registro na qual Zacarias miraculosamente recuperou a fala?

“Então... você vai me contar?”

Isabel estava prestes a estourar. Ela tinha esperado cerca de um ano para ouvir o que havia acontecido no templo.

Zacarias estava olhando com afeição para a criança que jazia no seu colo. “Bebê João, tem uma coisa que você precisa saber sobre as mulheres. Elas sempre querem detalhes!.” Zacarias lançou à esposa um olhar travesso.

“O Senhor libertou a sua língua, Zacarias. Ela precisa ser exercitada. Vá em frente!”

De certo modo, estar mudo por dez meses tinha tornado as coisas mais fáceis. Como alguém poderia descrever tais coisas? Aquele momento havia sido tão sagrado, e esmagador.

“Aquele dia foi como um sonho. Lembro-me de estar andando pelo templo. Carregava um sabor de alegria e temor na garganta. Eu havia sido escolhido pelo Senhor para interceder por Israel no Santo Lugar! Lembro-me de estar orando enquanto acendia o incenso. Então, repentinamente, havia um homem parado bem à minha direita! Não o vi chegar. Ele simplesmente estava lá! Fiquei tão assustado que quase deixei cair o fogo.”

“O anjo parecia com um homem?”

“Bem... sim. Eu acho. Mas eu nunca tinha visto um homem como aquele. É difícil de explicar.”

“Ele tinha asas como os anjos entalhados?”

Zacarias pausou. “Isso pode parecer estranho, mas eu não tenho certeza. A imagem que tenho dele não se parece com nada que eu possa imaginar. Mas a sua aparência é menos clara em minha memória do que as palavras que ele pronunciou — e quão subitamente me dei conta da minha pecaminosidade. Eu me senti impuro.”

“E o que exatamente ele disse?”

“Eu estava apavorado. Você sabe quanto nós somos avisados. Se os sacerdotes fizerem intercessão injusta podem ser feridos de morte. E, naquele momento, aquilo não parecia injusto. Então, a primeira coisa que ele disse foi: ‘Zacarias, não temas’. Suas palavras me deram força.”

Olhando para sua esposa em lágrimas, continuou: “Então ele disse: ‘A tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, a quem darás o nome de João’. Marido e mulher soluçaram em um misto de tristeza e alegria.

“Isabel, todos aqueles anos de oração. Eu parei de esperar. Mas Deus ouviu.” Isabel apenas balançou a cabeça com olhos fechados, chorosos.

Zacarias enxugou o rosto e sorriu para o filho. “Em ti haverá prazer e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor.”

“O anjo disse isso?”

Zacarias assentiu mexendo a cabeça. E “não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo”, e, olhando para Isabel, disse: “já do ventre materno”. Ambos estavam pensando em Maria e no estremecimento de João por causa do Milagre que ela carregava.

“E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado.”

“A profecia!”

“Sim. A profecia de Malaquias. Isabel, essas foram as últimas palavras que o Senhor falou ao nosso povo por meio de um profeta. Já se passaram quatrocentos anos de silêncio. Mas agora o Senhor está libertando a língua profética de Israel, começando com esse pequeno garoto. Deus está nos visitando novamente, dessa vez com o Messias! E nosso João será o precursor. Quem somos nós para que Deus nos permita ter parte dessa obra maravilhosa?”

Houve silêncio por um pouco.

Então Isabel perguntou: “Por que o anjo te deixou mudo?”

Zacarias suspirou. “Eu sou um pecador orgulhoso, Isabel. Achava que eu era um homem que cria na Palavra de Deus. Pensava viver por sua lei. Sentia desprezo pelos incrédulos. Embora nunca tivesse dito isso em voz alta, eu secretamente pensava que a minha fé poderia ser maior que a de alguns de nossos profetas e reis se simplesmente Deus falasse diretamente comigo, tal como fez com eles.”

“Bem, Deus me mostrou quem eu realmente sou. Sabe o que eu disse para o anjo? ‘Como saberei isto? Pois eu sou velho, e minha mulher, avançada em dias.’ Eu — que tanto ensinei sobre Abraão e Sara — duvidei de Deus quando ele enviou um anjo para me dizer que estava respondendo a minha oração. Você conhece alguém mais tolo do que eu?”

“Então o anjo disse: ‘Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas-novas. Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que estas coisas venham a realizar-se; porquanto não acreditaste nas minhas palavras, as quais, a seu tempo, se cumprirão’.”

“Deus foi muito gracioso em somente tirar de mim as palavras. Ele poderia tirar-me a vida.”

“O Senhor é gracioso, Zacarias. Esse é o nome que ele deu ao nosso filho.”⁶

Zacarias sorriu novamente para João. “Sim. Não é lindo? Deus tem me ensinado mais sobre sua graça nestes últimos dez meses de silêncio do que em todos os

meus anos falando. Até mesmo sua repreensão tem se tornado uma recompensa para mim. É tudo graça! Eu amo os caminhos de Deus, Isabel.”

O humilde pai então ergueu seu filho no ar. “E este garoto irá nos ajudar a ver que o Messias está chegando para mostrar as ternas misericórdias do nosso Deus em perdoar pecadores indignos — e até mesmo velhos sacerdotes incrédulos e orgulhosos.”

A graça de Deus para com seus filhos está intrincada em tudo o que ele faz por nós, mesmo quando nos castiga. “Deus sempre transforma suas repreensões em recompensas.”⁷

6. “João” é derivado do nome hebraico Yochanan, que significa “Iavé é gracioso” (<http://www.behindthename%20.com>)

7. Essa é citação de um excelente sermão de John Piper sobre a história de Zacarias intitulado: “Jesus Is the Horn of Salvation”, *Desiring God*, 14 de dezembro de 1980: <http://www.desiringgod.org/resource-library/sermons/jesus-is-the-horn-of-salvation/>.

“Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele.”

João 7.5

23

ESPERANÇA PARA NOSSOS

FAMILIARES DESCRENTES

OS IRMÃOS DE JESUS E O EVANGELISMO

João 7.5

VOCÊ TEM MEMBROS DA FAMÍLIA que não creem em Jesus? Se tiver, você está em boa companhia. Jesus também tinha. E penso que isso aconteceu para nos dar esperança.

De acordo com o apóstolo João, “nem mesmo os seus irmãos criam nele”. Isso é espantoso. Aqueles que tinham vivido com Jesus por trinta anos realmente não o conheciam. Nenhum dos irmãos de Jesus é mencionado como um discípulo durante seu ministério pré-crucificação. Mas após sua ressurreição e ascensão,

eles estão no aposento superior adorando-o como Deus (At 1.14).

Por que eles não criam? E o que causou a mudança?

A Bíblia não responde a primeira pergunta. Mas eu arriscaria dizer que era difícil ter Jesus como irmão.

Primeiro, Jesus não tinha ninguém que o igualasse em intelecto e sabedoria. Ele deixou maravilhados os mestres no templo quando tinha 12 anos (Lc 2.42, 47). Um irmão talentoso e pecador já pode ser alguém difícil de seguir. Imagine um irmão talentoso e perfeito.

Segundo, o extraordinário e consistente caráter moral de Jesus deve ter feito com que fosse algo irritante e estranho estar perto dele. Seus irmãos, tendo a Jesus por perto, podem ter se tornado cada vez mais conscientes de seus próprios pecados, de sua motivação egoísta e de seu comportamento, enquanto observavam que Jesus não demonstrava nada daquilo. Para pecadores, pode ter sido difícil conviver com ele.

Terceiro, Jesus foi amado de um modo único e profundo por Maria e José. Como eles poderiam não tratá-lo de modo diferente? Sabiam que ele era o Senhor. Imagine a extraordinária confiança e deferência que tinham para com Jesus à medida que ele crescia. Sem dúvida, os irmãos perceberam uma dimensão do relacionamento entre o filho mais velho e seus pais que era diferente da que eles experimentavam.

E quando partilhavam as histórias da família, era difícil encontrar algo que se equiparasse ao aparecimento de uma estrela no nascimento de seu irmão.

Jesus superava os seus irmãos em todas as categorias. Como alguém com uma natureza pecaminosa em ação não poderia se ressentir de ser ofuscado por um irmão tão fenomenal? A familiaridade gera desprezo quando o orgulho controla o coração.

Provavelmente, por trás destas palavras de Jesus, havia mais tristeza do que conhecemos: “Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa” (Mt 13.57).

Então, quando analisarmos o papel que o nosso fraco e trôpego testemunho desempenha para os membros incrédulos de nossa família, vamos nos lembrar de Jesus — nem mesmo um testemunho perfeito garante que nossos amados irão enxergar e abraçar o evangelho. Devemos nos humilhar e nos arrepender quando pecamos. Mas devemos também nos lembrar de que o deus deste século e o pecado interior é que cegam a mente dos incrédulos (2Co 4.4).

A história dos irmãos de Jesus pode realmente nos dar esperança para com os nossos queridos. No momento em que seus irmãos disseram que Jesus estava “fora de si” (Mc 3.21), deveria parecer muito improvável que eles se tornassem seus discípulos. Mas isso finalmente aconteceu! E não somente foram seus seguidores, mas também líderes e mártires na igreja primitiva. O Deus que disse: “Das trevas resplandecerá a luz”, resplandeceu em seus corações “para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de [seu irmão Jesus] Cristo” (2Co 4.6).

Então, ânimo! Não desista de orar pelos membros incrédulos em sua família. Não pense que a resistência deles é a palavra final. Eles ainda podem crer, e ser usados de modo significativo no reino.

E enquanto resistem, ou se aparentemente morreram incrédulos, podemos confiá-los ao Juiz de toda a terra, o qual será perfeitamente justo (Gn 18.25). Jesus não promete que cada pai, irmão ou filho de um cristão irá crer, mas ele faz a promessa dolorosa de que algumas famílias irão se dividir por causa dele (Mt 10.34-39). Podemos descansar nele quando isso acontecer.

É comovente ler a referência de Tiago ao seu irmão como “nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória” (Tg 2.1). Você pode imaginar o que essa frase significa para Tiago? O Senhor da glória dormiu ao lado dele, jantou na mesma mesa, brincou com seus amigos, falou com ele como um irmão, suportou sua incredulidade, pagou a dívida pelos seus pecados e o levou à fé.

Pode ter levado vinte a trinta anos de testemunho fiel e oração pelo Filho de Deus, mas o milagre ocorreu: seus irmãos creram. Que o Senhor da glória conceda a mesma graça para os nossos amados que são incrédulos.

Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito e andava passeando no terraço da casa real; daí viu uma mulher que estava tomando banho, ela era mui formosa.”

2Samuel 11.2

24

O SUCESSO PODE

SER PERIGOSO

O REI DAVI E O EGOÍSMO

2Samuel 11—12

COMO O REI DAVI TRAGICAMENTE descobriu, somos mais vulneráveis ao pecado quando estamos em posição de sucesso, quando somos admirados e prósperos.

Era novamente primavera. Davi amava as aconchegantes e perfumadas tardes de primavera no pátio do palácio. Mas esse ano o aroma das flores de amendoeira exalava profundo pesar.

Davi não tinha desejo de olhar para a casa vazia de Urias. Se ele simplesmente não tivesse olhado daquele modo um ano atrás! A memória palpitava de dor. Sua consciência o havia alertado a parar de olhar para Bate-Seba. Mas em sua inércia, induzida pelo desejo, ele sentia como se não pudesse se afastar.

Que autoengano patético! Achar que não podia se afastar. Ele jamais toleraria receber de alguém uma desculpa tão fajuta. Se Natã tivesse aparecido inesperadamente, ele teria conseguido se afastar? Ah!, sim! Não poria em risco sua preciosa reputação!

Mas ele demorou-se, sozinho, no terraço. E durante aqueles minutos, a indulgência pecaminosa se transmutou em um plano perverso e finalmente letal.

Davi chorou. Seu egoísmo lascivo e arrogante havia despido uma mulher casada de sua honra e assassinado o leal e valente esposo, bem como seu próprio bebê inocente. Bate-Seba estava agora entregue a uma profunda e desoladora tristeza.

E o rei estremeceu diante da sombria promessa do Senhor: “Não se apartará a espada jamais da tua casa” (2Sm 12.10). A destruição ainda não estava completa.

Como ele chegou àquele ponto?

Davi pensou novamente naqueles anos difíceis e angustiantes nos quais Saul o perseguiu por Horesa. Quantas vezes ele não se sentiu desesperado? Dependendo de Deus todos os dias para sobreviver. Ele ansiava por livramento e paz naqueles dias. Agora, aqueles lhe pareciam os melhores dias de sua vida.

Então vieram os anos tumultuados e inebriantes em que unificou Judá e Israel sob seu reinado e subjugou seus inimigos. E o clímax de tudo isso foi a promessa quase inacreditável de Deus de que estabeleceria o trono de Davi para sempre.

Algum homem foi alguma vez tão abençoado por Deus? Cada promessa feita a ele estava sendo mantida. Tudo o que Davi tocava florescia. Israel, enquanto nação, nunca havia estado tão viva espiritualmente, tão estável politicamente, tão próspera e tão segura militarmente.

E no auge desta prosperidade sem precedentes, Davi cometeu tão hediondo pecado. Por quê? Como pôde resistir a tantas tentações em perigos, dias difíceis e então ceder no ponto alto do sucesso?

Mal a questão acabou de formular-se em sua mente e ele já sabia a resposta: orgulho. Monstruoso e obcecado orgulho.

Honrado por seu Deus, um herói para o seu povo, um terror para os seus inimigos, rodeado de assistentes bajuladores e abundante audiência, a erva venenosa do culto de si mesmo havia crescido insidiosamente no coração de Davi. O humilde pastor que Deus havia arrancado por pura graça das colinas de Belém para servir como rei de Israel tinha sido sobrepujado em sua própria mente por Davi, o Grande, o salvador de sua nação — um homem cujo status de exaltação lhe concedia privilégios especiais.

Davi apertou o rosto entre as mãos ao relembrar toda a sua vergonha novamente. O corpo de Bate-Seba nada mais era do que um privilégio especial que ele havia decidido conceder a si mesmo. E ao fazê-lo, ele tinha se colocado acima de Deus, do seu ofício, da sua nação, da honra e vida de Urias, e do bem-estar de Bate-Seba — está acima de tudo. Davi sacrificou tudo para o ídolo de si mesmo.

Davi caiu sobre o rosto e chorou novamente. E derramou o seu coração contrito e quebrado perante Deus.

Mas profunda esperança brotou do profundo remorso sentido por Davi. Sabedor de que merecia a morte, ele maravilhou-se e adorou a Deus pela insondável profundidade da misericórdia encontrada nas palavras: “O SENHOR te perdoou o teu pecado; não morrerás” (2Sm 12.13). Isso tirou o seu fôlego. Essas palavras, essas boas-novas além da compreensão, chegaram antes que ele oferecesse qualquer sacrifício.

Esse era um amor que excedia todo o entendimento (Ef 3.19). Algo miraculoso estava acontecendo ali, algo muito mais poderoso do que o pecado terrível. Davi não tinha muita certeza de como aquilo funcionava. Mas ele queria que outros transgressores conhecessem os caminhos incrivelmente gratiosos de Deus (Sl 51.13-14).

O maior inimigo de nossas almas é o orgulho patologicamente egoísta no centro de nossa natureza caída. Se fizermos uma busca profunda o bastante, é isso que vamos encontrar alimentando os mais fortes desejos pecaminosos em nossos apetites.

E é por isso que a prosperidade pode ser tão perigosa, espiritualmente falando. Na adversidade, tendemos a ver mais claramente a nossa necessidade por Deus. Mas os períodos de sucesso podem conter nossos maiores perigos, porque somos muito facilmente levados a pensar de nós mesmos mais do que deveríamos (Rm 12.3). O orgulho exaltado é o que nos leva a usurpar o papel que pertence a Deus. Devemos estar alertas quanto ao perigo que subjaz às bênçãos.

E quando pecamos, não devemos evitar, mas correr rumo ao trono de graça (Hb 4.16). Deste lado da cruz nós agora sabemos completamente o que Davi não sabia por completo: Deus nos livrou de nossos pecados pondo-os sobre si mesmo. Somente na cruz iremos ouvir: “O SENHOR te perdoou o teu pecado; não morrerás” (2Sm 12.13). Jamais.

“Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer. Respondeu-lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço. Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, informou a Jesus: Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?”

João 6.5-9

25

MAIS DO QUE SUFICIENTE

FILIFE E A PROVISÃO

Mateus 14.13-20; Marcos 6.30-44;

Lucas 9.10-17; João 6.1-14

FILIFE PÔS SUA CESTA CHEIA de restos de pão sobre a grama. Ele endireitou as costas cansadas e visualizou a enorme multidão de pessoas felizes e satisfeitas. Era difícil de assimilar o que tinha acabado de acontecer.

André deixou cair sua cesta ao lado da de Filipe, suspirou, e apoiou-se no ombro dele: “Muito bem, Filipe! Você os alimentou, tal como Jesus instruiu. Mas eu diria que você sobre-estimou a quantidade de pão”.

Com um sorriso confuso, Filipe respondeu: “Não, eu sobre-estimei o custo! Pensei que o pão nos levaria à falência. Pensava que realmente tínhamos que conseguir a comida”.

“Verdade. Mas quem imaginava que o almoço de um garoto seria mais do de suficiente para o maior banquete ao ar livre de Israel?”

“Quantos pães ele tinha?”

“Cinco.”

“E quantos pães você acha que distribuímos?”

“Não faço ideia. Nunca vi tanto pão em minha vida. Havia facilmente mais de cinco mil pessoas aqui.” André fez um cálculo silencioso. “Talvez vinte mil?”

Filipe balançou a cabeça deslumbrado:

“Isso sem contar o peixe”.

“Eu sei. Levariam semanas para que eu e Pedro capturássemos toda aquela quantidade. E à medida que eu os distribuía comecei a pensar: de onde todo esse peixe está vindo?”

“E de onde veio?”

“Bem, o garoto tinha dois peixes, certo? Sabemos de onde aqueles peixes vieram. Algum pescador os apanhou, vendeu no mercado, a mãe do garoto os comprou, preparou, e enviou com ele. Mas devemos ter distribuído uns dez mil deles! Filipe, de onde aqueles peixes vieram? Ninguém os apanhou, ou vendeu, ou comprou. Ninguém os preparou. Eles simplesmente apareceram!”

Filipe respondeu abismado: “Eu nem sequer pensei sobre isso”.

André catou um pedaço de peixe em sua cesta. “Olhe, este peixe tem olhos. Tem guelras e barbatanas. É um peixe de verdade! Mas ele alguma vez nadou? Alguma vez usou esses olhos e nadadeiras? Ele alguma vez viveu? Deus o capturou no mar, o preparou, e deu a Jesus um segundo antes que ele os entregasse a nós? Ou ele simplesmente os criou naquele instante?”

Filipe baixou a vista à sua cesta. “O mesmo acontece com este pão. Deus apanhou a cevada em algum campo no mundo e instantaneamente a tornou em pão, ou ele falou e o trouxe à existência totalmente pronto?”

Ambos olhavam para Jesus, maravilhados. André disse: “Seja o que for que ele tenha feito, está além da compreensão. Filipe, podemos ter sido os primeiros a

comer o pão miraculoso desde quando caiu pela última vez no deserto”.

Filipe citou Moisés: “O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás” (Dt 18.15).

Então, virando-se para André, disse: “Ele é Aquele que primeiro me chamou (Jo 1.45). Eu o vi transformar água em vinho (Jo 2.1-11). Eu o vi curar como ninguém antes havia feito. E, contudo, sou tão lento para ouvir; tão lento para crer. Quando ele me perguntou sobre como alimentar a multidão, eu nem mesmo pensei que o seu poder fosse capaz de resolver tudo. Apenas vi quão pouco dinheiro tínhamos e achei impossível. Não sou melhor do que a geração de Moisés, que viu milagres e mais milagres e rapidamente se esqueceu do poder de Deus no momento seguinte em que encarava um novo obstáculo”.

“Estou no mesmo barco que você, Filipe. Eu sou aquele que perguntou: ‘O que são cinco pães de cevada e dois peixinhos para tanta gente?’”

“André, não quero esquecer este momento. Ele foi capaz de fazer cinco pães e dois peixes mais do que suficientes para cinco mil pessoas. Ele trouxe a provisão à existência por meio de sua voz. É por isso que ele nos diz para não estar ansiosos acerca de nossas necessidades, tais como comida ou roupas (Mt 6.25), mas ‘buscar o reino de Deus e a sua justiça’ crendo que ‘todas essas coisas nos serão acrescentadas’ (Mt 6.33). Por favor, me lembre disto na próxima vez em que algo parecer impossível.”

Todos os quatro evangelhos apresentam o episódio em que Jesus alimenta cinco

mil pessoas, porque Deus quer que você creia que ele “pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra” (2Co 9.8). Se você realmente crer nisto, seu temor cessará.

“Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus.”

João 9.2-3

26

OS PROPÓSITOS DE DEUS

PODEM SER OPOSTOS

À NOSSA PERCEPÇÃO

O CEGO DE NASCENÇA E O SOFRIMENTO

João 9

ESTAVA SENTADO ALI, a escória da sociedade, no capacho do céu na terra. Um triste desprezado implorando a condescendente misericórdia dos piedosos transeuntes que entravam e saíam do templo. Se achasse misericórdia o bastante

por hoje seria capaz de se alimentar.

Aquele homem era cego. Havia nascido desse modo. E a culpa era dele. Enquanto era ainda um feto, aquele homem havia pecado no ventre de sua mãe contra o Todo-Poderoso. Ou então seus pais pecaram trazendo sobre ele maldição. Qualquer que fosse o caso, estava sofrendo uma punição justa.

Aqueles que tinham sido fetos justos passavam e às vezes lançavam uma moeda em sua mão. Isso os fazia merecer até mais favor divino.

Veja que, na Lei e nos Profetas, Deus não explicou exatamente por que um pecador sofre mais do que outro. Alguns teólogos deduziram que o sofrimento de uma pessoa deve resultar de uma ofensa pessoal, específica contra Deus.

É interessante que os três amigos de Jó (2.11) chegaram a essa mesma conclusão a respeito do sofrimento dele. Deus mesmo teve de dizer a eles: “Vós não dissestes de mim o que era reto” (Jó 42.8). E aqui estava prestes a ocorrer uma repreensão semelhante.

Os discípulos de Jesus tinham aprendido com aqueles teólogos. E ver o homem cego na escadaria do templo fez surgir uma questão que os deixava perplexos. Felizmente, eles tinham a honra singular de ter Deus o Filho, a plenitude da deidade habitando em forma corpórea (Cl 2.9), andando com eles, de modo que poderiam dirigir a ele a dúvida.

“Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”

Deus o Filho parou e olhou para aquele homem. Então deu uma resposta que transformaria o conceito que tinham em mente e afetaria o futuro de milhões de pessoas: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus”.

Você consegue ouvir os discípulos prendendo a respiração? Você também prendeu a sua?

Deixe-me afirmar novamente o que Jesus disse: aquele homem estava cego porque Deus o fez cego com o propósito de demonstrar nele o seu poder (Êx 4.11). Sua cegueira nada tinha a ver com o pecado pessoal de seus pais. O propósito da enfermidade daquele homem não era punir, mas proclamar. E simplesmente ninguém sabia daquilo até aquele dia.

A resposta de Jesus desmantelou um opressivo sistema teológico. Ela tirou dos frágeis ombros quebrados o fardo da culpa pela doença e o pôs nos ombros do Deus onipotente. Os homens podem se digladiar com esse problema. Quando o fizerem, deixe-os lutar com Deus, não com quem foi acometido.

E quando Jesus falou aquelas palavras, ele entendia todas as implicações envolvidas. Era um profundo oceano de implicações. Jesus sabia o que aquele momento de proclamação tinha custado em termos do sofrimento daquele homem.

Todos aqueles anos o homem e seus pais tinham agido sob a impressão de que Deus tinha trazido juízo sobre eles por alguma razão desconhecida. Todos aqueles anos eles tinham suportado o desprezo das pessoas. Imagine como deve ter sido a infância daquele homem. Imagine os insultos, as indignidades, injúrias, pobreza, solidão e o isolamento de outras crianças. Por quantas horas ele chorou? Quantas súplicas por misericórdia ele proferiu? Sem esperança de

receber educação formal. Sem esperança de se casar. Ele tinha uma opção vocacional: mendigar. Sua vida tinha sido muito difícil.

E, de acordo com Jesus, esse havia sido o plano de Deus. Isso valia a pena? Já veremos, se Deus permitir.

Após sua afirmação bombástica, Jesus cuspiu no chão, fez lodo com sua saliva, pôs sobre os olhos do homem, e disse: “Vai, lava-te no tanque de Siloé” (v. 7). O homem saiu, lavou-se, e voltou vendo!

Naquele momento tudo mudou. Ah!, o poder da Palavra! A luz brilhou naqueles olhos escuros. Um cérebro que nunca tinha processado estímulos ópticos recebeu a habilidade imediata de interpretar um mundo visual.

Porém, ainda mais revolucionárias foram as repercussões daquele ato, o homem deixou de ser percebido como um objeto da ira de Deus, para ser um objeto da graça de Deus! Aqueles que sempre acreditaram que ele era “nascido todo em pecado” (v. 34), agora descobriram que Deus o tinha feito cego a fim de mostrar misericórdia a ele e pronunciar juízo sobre aqueles que confiavam em sua autojustiça religiosa. “Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos” (v. 39).

Então, isso valia a pena — sofrer tanto durante décadas para proclamar a glória da graça de Deus? Tudo dependia do que Deus daria a ele em retorno. Deus o amou de tal maneira que deu seu único Filho para que, crendo nele, aquele homem não percesse, mas tivesse a vida eterna (Jo 3.16). O que aquele homem recebeu foi muito mais do que uma milagrosa cura física de sua enfermidade, foi o ainda mais milagroso perdão de todos os seus pecados (Mt 9.5-8) e uma vida eterna na presença de Deus, onde a plenitude de alegria e prazer nunca acaba (Sl 16.11). O que Deus lhe concedeu em retorno foi um dom que valeria por dez mil

anos de cegueira.

Sejamos muito cuidadosos ao interpretar os propósitos de Deus no sofrimento — seja o nosso ou o sofrimento alheio. Muitas vezes não conseguimos enxergar qualquer propósito redentivo. Podemos até pensar ou sentir que é juízo de Deus, ou apenas as engrenagens de um cosmo que funciona de modo cego e aleatório.

O cego de nascença nos lembra de que as nossas percepções e os propósitos de Deus podem ser coisas muito diferentes, e até mesmo opostas. Se estivermos inclinados à desconfiança, é melhor desconfiarmos de nossas percepções. Ele também nos lembra que quando Jesus finalmente revelou o verdadeiro propósito daquela enfermidade, tal propósito foi mais glorioso do que jamais imaginávamos e sua recompensa foi tão indiscutivelmente melhor que não restou nenhum vestígio de amargura, mas somente gratidão transbordante.

“Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer.”

Lucas 24.13-16

27

OS OLHOS QUE JESUS

PRIMEIRO ABRIU

CLEOPAS E A DESILUSÃO

Lucas 24.13-35

ERA UMA TARDE DE DOMINGO. Cleopas e seu companheiro saíram pelo portão ocidental de Jerusalém em direção a Emaús. E estavam claramente tendo uma discussão intensa.

Com cerca de dez minutos de jornada, um estranho que estava andando próximo a eles repentinamente perguntou: “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?”.

Eles simplesmente pararam e se entreolharam, boquiabertos. A execução de Jesus era praticamente a única coisa de que se falava em Jerusalém. Ela fora o trágico clímax de uma semana de controvérsia, confrontação e intriga política.

Talvez fosse prematuro falar em “clímax”. Uma nova reviravolta tinha surgido naquela manhã. O corpo de Jesus havia sumido. Nenhuma instrução havia sido emitida pelo Sinédrio ou pelos romanos. Havia rumores de uma ressurreição. Os moinhos de fofoca estavam girando a toda velocidade.

Cleopas disse: “És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?”.

O homem respondeu: “Quais?”.

“O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo.”. Cleopas pausou, claramente sentindo a profundidade desse fato, então continuou: “Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel”.

Ele rapidamente enxugou os olhos e começou a caminhar novamente. “Mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam. É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele

vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram.”

Eles andaram em silêncio por um minuto. Então o estranho disse a última coisa que eles esperavam ouvir: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!” Cleopas olhou confuso para o estranho. Então o homem olhou bem nos olhos de Cleopas e disse: “Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?”.

Pelas duas horas seguintes esse homem misterioso percorreu toda a Escritura com Cleopas e seu amigo e explicou todas as referências ao Cristo. E, enquanto explicava, o fogo da fé que havia sido extinto no Gólgota reviveu e incendiou-se com uma esperança que conheciam bem: a esperança de que Jesus era de fato o Cristo. Seria de fato verdade? Jesus ressuscitou?

E quem era esse homem que tão magistralmente dava sentido a tudo, embora no princípio parecesse totalmente deslocado? Havia nele algo peculiar... era como se o conhecessem de algum lugar, só não atinavam qual seria.

O sol baixava no oriente à frente deles quando chegaram a Emaús. O estranho deu toda a indicação de que pretendia passar adiante. Então os dois discípulos revividos, quase desesperados, imploraram para que permanecesse ali ao menos por aquela noite. E ficaram sobremodo felizes quando ele assentiu.

No jantar o homem pegou um pão, o partiu, e deu a cada um deles um pedaço. Tão logo o pão chegou às suas mãos, reconheceram quem ele era. Os dois ficaram pasmos. E Jesus desapareceu.

Por que você acha que esses dois homens estiveram “impedidos de reconhecer” a Jesus por tanto tempo? A chave, creio eu, está no verso 25. Jesus os chamou de “néscios” e “tardos de coração para crer” nas Escrituras. Essa incapacidade externa de reconhecer a Jesus espelhava a incredulidade interna quanto ao que as Escrituras revelavam sobre ele.

Ora, Jesus tinha toda a intenção de ajudá-los a vê-lo. Mas note a prioridade da revelação de Jesus: antes de abrir seus olhos físicos, ele se propôs a abrir os olhos de seu coração. Por quê? Porque era crucial para Jesus que esses homens andassem “por fé e não pelo que vemos” (2Co 5.7).

Jesus sabia que entre a sua ressurreição e o pleno estabelecimento de seu reino haveria a era da igreja. Sua ascensão estava próxima. Isso significava que esses dois homens, todas as demais testemunhas de sua ressurreição e cada geração de crentes não teria sua presença corpórea para prova e orientação. Teriam de descansar em sua Palavra “viva e eficaz” (Hb 4.12) para “iluminar o caminho” (Sl 119.105). Após a ascensão, Jesus apenas seria visto através do testemunho inerrante registrado nas Escrituras e no testemunho imperfeito dos seguidores cujos olhos do coração foram abertos.

Quando Deus ordena que as coisas aconteçam de modo contrário às nossas expectativas (Cleopas não esperava que Jesus morresse), esses são momentos nos quais somos tentados a duvidar de sua Palavra — perder a fé — e, como resultado, perdê-lo de vista. Mas não poder vê-lo não significa que ele não está bem ali andando conosco. Podemos simplesmente não reconhecê-lo. Incredulidade cega. Nesse momento não se deve negligenciar a Palavra. Antes, é aí que mais precisamos dela.

É quando realmente ouvimos a Jesus que ele nos ajuda a reconhecê-lo novamente.

“Respondeu Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.”

João 13.7

28

“O QUE EU FAÇO

NÃO O SABES AGORA”

PEDRO E A SANTIFICAÇÃO

João 13.1-11

PEDRO ASSISTIU JESUS CHEGANDO-SE A ELE, lavando os pés dos outros discípulos.

Aquela já estava sendo uma páscoa bem confusa. Jesus estava estranhamente sobrecarregado, quase às lágrimas todo o dia. A atmosfera durante a ceia estava carregada de uma expectativa sinistra.

Pedro tinha se acostumado a ver e ouvir de Jesus coisas imprevisíveis. Mas o que Jesus estava fazendo agora era errado. Ele era a última pessoa na sala que deveria estar lavando pés.

Em toda a sua vida, Pedro fora ensinado que os pés eram os membros mais desonrados do corpo. Eles geralmente estavam sujos, grudentos e eram os que mais tinham contato com as coisas que a Lei declarava impuras.

Fora do círculo familiar imediato, os pés eram lavados pelos escravos e servos — preferencialmente não judeus, a fim de que ninguém do povo pactual estivesse sujeito a tal humilhação.

E jamais se insultava uma pessoa honrada estirando os pés para ela.

Mas ali estava o Messias, o mais honrado judeu que já andou sobre a terra, vestido como um escravo comum com uma toalha em volta da cintura querendo tratar dos pés sujos de seus discípulos. De jeito nenhum! Pedro é quem deveria estar lavando os pés a Jesus.

Quando se aproximou de Pedro, Jesus sorriu para ele e chegou-se aos seus pés. Pedro os arrastou para trás. “Senhor, tu me lavas os pés a mim?” (Jo 13.6).

Jesus amava Pedro. A Pedra nunca fazia nada, de certo ou errado, sem entrar naquilo — ou, nesse caso, ficar de fora — com os dois pés. Jesus sabia o que Pedro estava pensando. Então, replicou: “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (v. 7).

Pedro simplesmente não estava disposto a submeter Jesus àquela desonra, por isso disse: “Nunca me lavarás os pés” (v. 8).

O semblante de Jesus se tornou firmemente sério: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (v. 8).

O choque daquela afirmação abalou Pedro por um instante. Ele estava tentando preservar a honra do seu Mestre. Mas o que Jesus estava basicamente dizendo a ele era: a menos que você me permita carregar sua desonra, sua impureza, você não pode ser meu discípulo.

Bem, mesmo sem entender o que tudo aquilo significava, Pedro não deixou dúvidas sobre sua confiança e amor por Jesus: “Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (v. 9).

Alegria irradiava dos olhos e do sorriso de Jesus. E enquanto lavava os pés a Pedro, disse: “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo” (v. 10).

Então ele parou por um momento e olhou nos olhos de Pedro. Aquele discípulo amado não tinha consciência de estar prestes a enfrentar os três dias mais difíceis, sofridos e gloriosos de sua vida. Ele iria se beneficiar desta garantia: “Vós estais limpos”.

Então seus olhos se voltaram para os pés de Pedro, retornando à lavagem. “Mas não todos” (v. 10).

Duas observações sobre essa passagem:

Primeira, passamos grande parte da vida cristã confiando em Jesus agora e compreendendo-o depois. Jesus geralmente não via necessidade em explicar do começo ao fim por que estava fazendo alguma coisa deste ou daquele modo. E como Pedro, quando algo nos parece errado, somos tentados a fazer objeções à vontade do Senhor.

Deus entende e é paciente com a nossa confusão e até mesmo com a nossa resistência ou sofrimento. Mas ele quer que confiemos nele e não murmuraremos ou o questionemos com incredulidade (Fp 2.14). Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos (Is 55.8). Seu propósito em fazer acontecer ou não certas coisas geralmente está além do nosso alcance — e talvez gerações à nossa frente.

Assim, durante tais períodos, precisamos nos lembrar das palavras de Jesus a Pedro: “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois”.

Segunda, Jesus está realizando em nossa vida a obra algumas vezes confusa — e noutras muito dolorosa — de santificação. Ele está lavando os nossos pés. Não apenas nos lavou, removendo completamente a culpa por nossos pecados em sua obra de purificação na cruz, mas em amor nos mantém perdoados (1Jo 1.9) e disciplinados para que partilhemos de sua santidade (Hb 12.10-11).

Mais importante para Deus do que entendermos os seus propósitos em uma ação específica de sua providência é que confiemos em seu caráter. Assim, vamos juntos continuar a confiar no Senhor de todo o nosso coração e não nos estribar

em nosso próprio entendimento (Pv 3.5). Porque um dia, por fim, iremos compreender. E iremos, com grande alegria, proclamar: “Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras” (Sl 145.17).

“E o senhor de José o tomou e o lançou no cárcere, no lugar onde os presos do rei estavam encarcerados; ali ficou ele na prisão.”

Gênesis 39.20

29

PERMANECENDO FIEL

QUANDO AS COISAS VÃO MAL

JOSÉ, A PERSEVERANÇA

Em algum momento durante Gênesis 39.20-23

OS CAPÍTULOS 37–41 DE GÊNESIS CONTAM somente os pontos altos e baixos da escravidão e prisão de José no Egito. Mas ele gastou pelo menos doze anos até tornar-se, repentinamente, Primeiro-Ministro egípcio. E durante esse período terrivelmente solitário e desolado, as coisas pareciam estar indo de mal a pior. Imagine o que José pode ter experimentado próximo ao nono ano dessa jornada.

As trevas haviam engolido a luz novamente. José temia a noite naquela fétida prisão egípcia. Era difícil lutar contra a desesperança implacável enquanto esperava escapar dela pelo sono.

Um dia monótono após o outro transcorria sem qualquer sinal de mudança. Um desespero peculiar se ascendeu em seu peito. Sua juventude estava escorrendo pelas grades de sua cela. Ele perambulava em sua alma. José queria gritar.

Na escuridão, com os punhos sobre a cabeça, ele clamava novamente a Deus por libertação.

E recordava. Era a memória que mantinha sua esperança viva e a amargura de lado. Ele repassou as histórias de Deus que o encheram de espanto enquanto era criança. Deus tinha prometido a Abraão, seu bisavô, um filho de sua esposa estéril. Mas o fez aguardar agonizante vinte e cinco anos até lhe dar seu avô Isaque. E Deus prometeu à sua avó Rebeca que seu filho mais velho, tio Esaú, serviria ao seu irmão gêmeo mais novo, seu pai, Jacó. Mas Deus misteriosamente costurou o engano humano e imoralidade ao seu plano a fim de que ele acontecesse.

O sorriso de Jacó encheu a mente de José. Ó, pai! Ele cobriu a boca para abafar seus soluços. Já haviam se passado nove anos desde a última vez que viu aquele rosto amado. Tornaria a vê-lo? O pai ainda estaria vivo?

Sentiu algo rastejando por sua perna. Num sobressalto, limpou-se daquilo com a mão. Abanou seu tapete. Um calafrio percorreu sua espinha. José odiava

aranhas.

Deitado no chão, José lembrou-se de como seu pai Jacó tinha caído na teia de manipulações de seu tio Labão por vinte longos anos. Contudo, Deus foi fiel à sua palavra e finalmente livrou Jacó e o trouxe novamente como um homem rico à terra prometida.

E então vieram aqueles sonhos estranhos que teve. Eles haviam sido extraordinariamente poderosos, diferentes de todos os outros sonhos que já teve antes ou depois. Teve sentimentos ambivalentes acerca deles. Eles provavelmente eram a razão de ele estar agora em uma prisão no Egito. A inveja que seus irmãos tinham do favor de seu pai se tornou homicida quando inferiram que José também possuía o favor de Deus.

Gritos distantes fazem José saber que outra briga está acontecendo nas celas. Isso o fez ser grato por estar em uma cela privada, um favor recebido quando se tornou auxiliar do carcereiro.

Ele sorriu de ironia perante tal “favor”. Favor em uma prisão... Seus irmãos iriam adorar saber disso. Ele parecia estar bem distante do que os seus sonhos prenunciavam.

No entanto, tão tolo quanto eles pudessem parecer agora, José não poderia abalar a profunda convicção de que Deus queria transformar tais sonhos em realidade. E ele não podia negar o estranho padrão que tinha visto no trato de Deus com os seus antepassados. Deus fez promessas maravilhosas e então ordenou o tempo e as circunstâncias para que cooperassem de tal forma a cumprir o que parecia impossível de se cumprir. Assim Deus agiu.

A linha comum que José traçou por todos os acontecimentos, a única coisa que Deus parecia honrar e abençoar mais do que qualquer outra, era a fé. O seu bisavô Abraão creu na palavra de Deus. O seu avô Isaque creu na palavra de Deus. A sua avó Rebeca creu na palavra de Deus. Seu pai Jacó creu na palavra de Deus. Todos eles creram mesmo quando parecia que a palavra

de Deus não se tornaria verdade. E todos eles viram a fidelidade de Deus às suas promessas, a despeito das circunstâncias e de suas próprias falhas.

Uma paz movida pela fé fez cessar o fogo da ansiedade no peito de José. “Creio em ti, Deus meu”, ele sussurrou. “Como meus antepassados, irei esperar por ti. Não tenho ideia de como estar em uma prisão egípcia tem a ver com os teus propósitos. Mas vou continuar honrando a ti aqui onde me pusestes. Faz acontecer aquilo que prometestes, quando achares por bem. Sou teu. Usa-me!”

É tentador olhar para o relato bíblico e ver José somente como um homem de caráter e realizações heroicas. Mas Deus não quer que nos esqueçamos dos longos e desesperadores anos de silêncio que José suportou.

Imagine o sofrimento com a traição de seus irmãos, a separação de seu pai, o horror da escravidão, a sedução e falsa acusação da esposa de Potifar, e o desespero que ele sentiu enquanto sua juventude era gasta na prisão.

Algumas vezes a fidelidade a Deus e à sua Palavra põe-nos em uma situação em que as circunstâncias só pioram. É então que o conhecimento das promessas de Deus e de seus caminhos se torna crucial. A fé na graça futura de Deus para nós

é o que nos sustem nesses momentos desesperadores.

Todos nós amamos o final feliz da história de José. E devemos amar mesmo, porque a vida de José é o prenúncio de uma realidade celestial. Deus enviou o seu Filho para morrer e ressuscitar a fim de que seus filhos fossem “verdadeiramente livres” (Jo 8.36). Aproxima-se o dia em que aqueles que são fiéis, até à morte (Ap 2.10), ouvirão: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.21).

Nossa circunstância atual, conquanto triste ou malsucedida, não é o fim da história. São capítulos de uma história muito maior que realmente tem um final feliz para sempre.

“Era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus.”

João 1.40

30

SERVINDO NO LUGAR SEM

DESTAQUE EM QUE DEUS TE PÔS

ANDRÉ E A HUMILDADE

Vários textos

“ANDRÉ. AH!, VOCÊ É O IRMÃO DE SIMÃO Pedro, não é?”

André deveria estar acostumado com aquilo. Até mesmo o Novo Testamento o apresenta como “o irmão de Simão Pedro” (Jo 1.40). A sombra de Pedro encobria André desde o começo.

Ele é mencionado doze vezes pelo nome no Novo Testamento. Em dez das ocorrências seu nome aparece junto ao de Pedro, e geralmente como irmão de Pedro. Por outro lado, quase uma centena e meia de menções são feitas ao nome de Pedro, além de ele estar entre os autores do Novo Testamento.

É interessante perceber que André tinha o currículo mais impressionante com o qual alguém poderia começar. Ele havia sido discípulo de João Batista, assim, ele trazia mais treinamento teológico e experiência prática de ministério ao time do que Pedro. Não somente isso, mas havia sido um dos primeiros discípulos de Jesus (Jo 1.35-40). De fato, foi André quem saiu e “achou primeiro o seu próprio irmão, Simão” e o levou até Jesus (Jo 1.41).

No entanto, já neste primeiro contato se tornou claro que Jesus tinha planos a respeito de Simão que seriam diferentes dos que tinha para André. Antes de Simão ter dito ou feito qualquer coisa, Jesus lhe deu o nome de Cefas (Pedro), a rocha (Jo 1.42).

Pedro era “feitura dele, criado em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andasse nelas” (Ef 2.10). Sabemos de muitas de tais boas obras, porque Deus as deixou registradas.

Mas André era igualmente feitura de Deus. Ele também havia sido criado em Cristo Jesus para as boas obras que Deus de antemão preparou. Só que Deus escolheu não dar às obras de André a mesma preeminência que deu às de Pedro. E por isso André servia à sombra de Pedro.

Será que isso nunca o incomodou? Ele alguma vez se sentiu preterido quando Jesus incluiu o nome de Pedro, e não o dele, em coisas como a ressurreição da menina (Mc 5.37) ou a transfiguração (Mt 17.1)? Será que ele e Pedro alguma vez chegaram a andar juntos e conversar sobre por que os irmãos Tiago e João,

ao menos em boa parte do tempo, pareciam funcionar como uma unidade com Jesus, diferentemente de Pedro e André? Não sabemos. Mas considerando os debates recorrentes entre os discípulos sobre qual deles seria o maior (Mc 9.34), é bem plausível.

Contudo, André tinha em seu tutor João Batista um grande exemplo do que é servir à sombra de outrem. André tinha aprendido de João que “o homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3.27). João tinha visto o aparecimento de Jesus e o seu próprio declínio em preeminência e disse com uma fé repleta de alegria: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30).

E esse é o clamor de cada verdadeiro discípulo. Seguir a Jesus é algo que de maneira alguma diz respeito à nossa preeminência. Diz respeito à preeminência de Jesus. Como os doze apóstolos, somos inclinados a perder isto de vista muito facilmente.

Quando Deus dá a um discípulo cinco talentos, a outro, dois, e a outro, um, ele tem suas razões (Mt 25.15). Muito provavelmente essas razões são diferentes das que imaginamos (Is 55.9). Mas ele sabe o que está fazendo. Podemos confiar nele.

Ora, contente-se com o que tem (Hb 13.5) e seja fiel com aquilo que recebeu (Mt 25.21). Humilha-te sob a mão do Deus Todo-Poderoso, confiando que ele te exaltará no momento adequado e da maneira adequada (1Pe 5.6).

Seja como André. Esse servo sem destaque foi fiel, obediente, solícito, confiável, disposto e corajoso. A tradição diz que ele continuou a pregar o evangelho e a plantar igrejas até ser martirizado por crucificação por volta de 60 d.C.

Sirvamos no lugar sem destaque que Deus nos colocou com a mesma fé humilde, abundante e cheia de alegria.

“Ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas. E veio ali uma mulher possesa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe:
Mulher, estás livre da tua enfermidade.”

Lucas 13.10-12

31

O DIA DA SUA LIBERTAÇÃO

ESTÁ DECRETADO

A MULHER POSSESA E O SOFRIMENTO

Lucas 13.10-17

ELA SE ARRASTOU PELA SINAGOGA PARA OUVIR O MESTRE que curava, esperando contra toda a esperança. Veja, esteve “possesa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se”.

*Dezoito anos. Quantas de suas lágrimas Deus recolhera em seu odre (Sl 56.8)?
Quantas de suas orações em suas taças (Ap 5.8)?*

Dezoito anos de sofrimento. Uma lenta flama de sofrimento crônico queimava em sua alma. Ela estava perdendo os movimentos que uma vez já tivera. Havia sofrido a indignidade de ser ofendida e desprezada. Havia sofrido com a suspeita de que o seu corpo estava se curvando com o peso do juízo divino.

Sabia ela que sua aflição era satânica (v. 16)?

Deus sabia. Ele sabia, muito melhor do que ela, tudo quanto aquela mulher sofria. E Deus permitiu que Satanás a afligisse por um longo período. Longo, ao menos, para criaturas presas ao tempo, cujas vidas mortais se medem em décadas, não em milênios (2Pe 3.8).

Por quê? Raramente encontramos respostas a tais perguntas.

Mas temos uma rara resposta na história desta mulher. De repente, em uma pequena sinagoga, a graça de Deus a inunda na compaixão de

Deus o Filho: “Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou” (Lc 13.12-13).

Foi simplesmente assim. Dezoito anos de escravidão e com um olhar, uma palavra e um toque, o mar de seus sofrimentos fora dividido. Ela teve seu êxodo.

Aquele era o dia que Deus havia decretado para sua libertação.

Todos aqueles anos difíceis de sofrimento para descobrir que sua dor tinha sido predestinada como parte na revelação do Messias a Israel. Deus não havia sido lento em mostrar sua compaixão; ele havia sido paciente (2Pe 3.9). Isso valeu a pena? Ela “dava glória a Deus” (v. 13).

A compaixão de Jesus e o sofrimento dessa mulher também tinham um propósito de longo alcance. Se você descobrisse, tal como essa mulher, que a sua aparente insignificante aflição adquiriu um significado além do que você imaginaria possível e resultou em “alegria indizível e cheia de glória” (1Pe 1.8) para você e uma multidão de pessoas, isso não valeria a pena? Sente-se e prenda a respiração, porque vale, e está prometido a você (2Co 4.17).

E essa compaixão era poderosa. Quando o chefe da sinagoga alegou que aquele ato de misericórdia violava o dia de sábado, ele foi repreendido pelo Senhor do sábado:

Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? Por que motivo não se devia livrar deste cativo, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos? Tendo ele dito estas palavras, todos os seus adversários se envergonharam. Entretanto, o povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava (Lc 13.15-17).

Não dava para ver todos os adversários que ali foram envergonhados. Sim, o chefe da sinagoga e provavelmente alguns dos fariseus foram humilhados. Porém Satanás ainda mais. Aquela mulher tinha estado num cativo que fora desarmado e derribado com uma palavra de compaixão. Um terrível prenúncio da aproximação de uma derrota que o inferno lutava para impedir.

E um santo prenúncio da aproximação do livramento final para todos aqueles que amam o Senhor: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21.4).

Neste mundo, as lágrimas, luto, choro, sofrimento ou morte nada têm de inusitado. “O mundo inteiro jaz no Maligno” (1Jo 5.19). Inusitada é a derrota de tais coisas.

Agora você pode dizer com Jó: “A minha queixa é de um revoltado, apesar de a minha mão reprimir o meu gemido” (Jó 23.2). Pode dizer com Moisés: “Volta-te, Senhor! Até quando? Tem compaixão dos teus servos. Alegra-nos por tantos dias quantos nos tens afligido, por tantos anos quantos suportamos a adversidade” (Sl 90.13-15).

Mas você precisa saber que, como aquela mulher incapacitada, a compaixão paciente, poderosa e cheia de propósitos de Deus em Cristo está se aproximando como uma implacável torrente. O dia da sua libertação está decretado. E virá com uma alegria repentina. Todo adversário será envergonhado. Cada lágrima será enxugada. E os dias em que ele te fará feliz cobrirão de glorioso e feliz esquecimento aqueles dias em que você suportou a adversidade (Rm 8.18).

“Dois anos mais tarde, Félix teve por sucessor Pórcio Festo; e, querendo Félix assegurar o apoio dos judeus, manteve Paulo encarcerado.”

Atos 24.27

32

JESUS MERECE ISTO?

PAULO E O HEDONISMO CRISTÃO

Em algum momento durante Atos 24—25

POR TRÁS DAS OBJEÇÕES INTELECTUAIS ÀS AFIRMAÇÕES de Jesus geralmente há receios velados. Imagine uma conversa entre Paulo e Jônatas, um amigo de Paulo da época em que ele ainda não era cristão, que visitou o velho apóstolo durante os seus dois anos na prisão de Félix em Cesareia.

Jônatas foi escoltado até a cela escura na qual seu velho amigo olhou para ele de uma pequena mesa coberta de pergaminhos. O ar abafado cheira-va a mofo.

Jônatas tentou não demonstrar seu choque.

Paulo olhou intrigado por um momento e, em seguida, seus olhos se abriram em reconhecimento. “Jônatas?” Ele deixou apressadamente a mesa para abraçar seu amigo. O cheiro de Saulo era pior do que o mofo, pensou Jônatas.

“Aqui”, disse Paulo retirando alguns pergaminhos de uma cadeira e puxando-a. “Sente-se.”

Tendo se acomodado, Jônatas disse: “Então, é esse o seu conceito de férias no Mediterrâneo?” Paulo sorriu. Era aquela mesma risada sonora e saudável de que Jônatas se recordava e sentia falta.

“Bem-vindo à Cesareia marítima, a joia da Palestina! Minha vila, contudo, é pouco portentosa.” Os dois sorriram sem nada falar por um momento. Então Paulo disse: “É bom ver você novamente, Jônatas”.

“E o que aconteceu com você, Paulo? Envelheceu antes do tempo. Está andando como o meu pai.” Paulo sorriu novamente. Ele sempre apreciou a franqueza de Jônatas.

“Onde você conseguiu essa cicatriz horrível perto do olho?”, Jônatas perguntou. Paulo disse: “Levei uma pedrada na cabeça em Listra”.⁸

“Você foi apedrejado?”, exclamou Jônatas. “Saulo! O que fizeram com você?”

“Bem, depois que o sacerdote de Zeus...”

“Não, eu não entendo como você pode ter sido apedrejado. Mas posso imaginar. Preciso saber o que aconteceu com você. Não nos falamos há mais de vinte e cinco anos.” Os olhos de Jônatas marejaram. “Mas éramos amigos. Você estava entre os mais próximos. Algumas das minhas melhores recordações são as horas que gastamos debatendo política e a Mishná.”

“Que eu sempre vencia!”

“Sim, mesmo quando eu não deixava!” Os dois riram. A antiga piada minorou o constrangimento.

“A última vez que eu e você estivemos juntos foi justamente após o Concílio que lhe comissionou para que fosse a Damasco. Lembra? Você estava muito irado com a seita dos nazarenos. Eu tentei fazer com que você seguisse o conselho de Gamaliel.⁹ Mas você estava inflexível. ‘Não podemos deixar este veneno se espalhar!’, foi o que me disse. Então o que soube em seguida foi que um grupo estava se juntando para matar você porque você estava agora espalhando o veneno em Damasco!”

“Você sabe o que me aconteceu?”, perguntou Paulo. “Claro”, disse Jônatas. “Sua história é notória. Mas, Paulo... e isto?”, Jônatas girava o dedo referindo-se à cela.

“O quê?” Os olhos de Paulo tinham a intensidade penetrante de sempre.

“Isto não te deixa um tanto transtornado? Você teria se tornado um líder no Sinédrio. Mas em vez disso gastou décadas vagando o império meio como zelote, meio como fugitivo pregando como um louco a Jesus. E isso lhe custou tudo. Você perdeu a sua fé, sua carreira promissora, seus amigos, sua juventude. Você não tem família, nem casa, nem dinheiro. Agora você é um prisioneiro de Roma, Saulo! E se alguma vez voltar a Jerusalém será um homem morto. Sua vida foi tragicamente desperdiçada.”

“E é por isso que eu estou aqui. Antes que você... parta, preciso perguntar: Jesus merece isto, Saulo?”

Paulo orou silenciosamente, e então respondeu: “Minha vida teria sido tragicamente desperdiçada — se Jesus não tivesse ressurgido dos mortos. Se o corpo de Jesus foi roubado, como o seu Concílio alega, eu sou um tolo — o mais infeliz de todos os homens” (1Co 15.19).

“Porém, Jônatas, se Jesus ressurgiu, então eu não perdi a minha fé, mas a encontrei. Então minha carreira tem sido maravilhosa. Então eu tenho família e amigos por toda a Ásia Menor. Se Jesus ressuscitou, se estou fazendo a vontade dele, se ele está provendo tudo o que eu realmente necessito e conduzindo-me em segurança ao seu reino celestial, que necessidade tenho eu de dinheiro ou casas ou liberdade?”

“Então, a questão realmente é: Jesus realmente ressurgiu dos mortos, Jônatas? A resposta determina se eu estou desperdiçando minha vida em uma prisão romana ou se você está desperdiçando a sua em uma respeitável sociedade judaica.”

Jônatas esteve quieto por um minuto, e então suspirou: “Não sei. A história do roubo do corpo se enfraqueceu com o tempo. Não posso ver por que os discípulos de Jesus sofreriam tanto por uma mentira que lhes traria tão pouco

proveito. Então há o caso dos milagres. E há o seu caso. Não sei o que dizer da sua vida. Você crê em Jesus de um modo como eu jamais cri no judaísmo. Mas, Saulo, honestamente, temo examinar sua questão a fundo. Se eu começar a crer na ressurreição de Jesus irei perder tudo. Isso é assustador. Não sei se eu posso fazer... isso”. Ele gesticulou com o dedo novamente.

Os olhos de Paulo se enterneceram enquanto suas palavras se fizeram duras. “Então, Jônatas, você se importa menos com Deus e a verdade do que com segurança e conforto. O seu medo de perder tais coisas alimenta a sua incredulidade. Jesus certa vez disse: ‘Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?’ (Mt 16.25-26). Por isso preciso perguntar: a sua segurança e conforto merecem isso, Jônatas?”

“Pare de olhar para o que você irá perder se Jesus ressuscitou dos mortos, e comece a olhar para o que você irá ganhar!” O rosto cansado de Paulo se tornou radiante. “Irei responder a sua pergunta: sim! Jônatas, Jesus merece muito mais do que isto! Perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo (Fp 3.8). Venha e veja!”

A liberdade de seguir a Jesus começa ao ver-se a recompensa. Quando a visualizamos, os custos deixam de ser dispendiosos. “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6).

8. Veja Atos 14.19-23.

9. Veja Atos 5.34-39.

“E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.”

Mateus 27.19

33

O PODEROSO E PRAGMÁTICO

PEÃO DA PROVIDÊNCIA

PÔNCIO PILATOS E AS AUTORIDADES

Domingo pela manhã, após os eventos de João 18—19

PÔNCIO PILATOS É UM ícone do poder mundano. Ele é competente e calculista, pragmático e visa a sua autopreservação. Mas toda a sua esperteza e vida demonstram que “a Palavra está acima de todos os poderes terrenos, e não permanece em razão deles”.¹⁰

Imagine uma conversa após o café da manhã entre Pilatos e sua esposa, Prócula,¹¹ no domingo que se seguiu à crucificação de Jesus, logo após receber a

notícia de que a tumba estava vazia.

“Você está novamente quieta esta manhã, Prócula. Ainda ruminando sobre o galileu?”

“Não consigo me livrar desta sensação sinistra de que alguma coisa está para acontecer em razão de sua execução. Meu sonho foi tão perturbador, tão vívido.”

“Bem, não posso governar segundo os sonhos supersticiosos de uma mulher.”

“Ele era homem justo. Você não deveria tê-lo sentenciado à morte.”

“Não o sentenciei! O Sinédrio o sentenciou!”

“Você pronunciou o julgamento.”

“Sim, e não tive escolha, Prócula! Vimos o caso. Ele blasfemou uma lei judaica, eles o queriam morto, e me usaram para fazê-lo. Fiz tudo que estava em meu poder para livrá-lo.”

Prócula persistiu com voz suave: “Estava em seu poder livrá-lo”.

Pilatos pressionou a palma de sua mão contra a testa e cerrou sua mandíbula, suprimindo seu temperamento volátil.

“Você sabe o que eu quis dizer! Eu disse a eles três vezes que não encontrei culpa naquele homem. Tentei entregá-lo a Herodes. Tentei açoitá-lo para que eles se acalmassem. E nada. Só a morte os satisfaria. Eu até mesmo dei à multidão a chance de escolher entre libertar um assassino confesso ou Jesus, e quem eles escolheram? O assassino!”

Olhando para sua mulher, Pilatos disse com exasperação: “O que você esperava que eu fizesse?”

“Que não condenasse o justo. Você não deveria fazer justiça no tribunal de Roma?”

“Não! Eu deveria me certificar de que a Judeia não traz problemas para Tibério!”

“Mesmo se isso significasse ignorar a verdade?”

“Verdade”, zombou Pilatos. “Verdade de quem, Prócula? Do Sinédrio? De Tibério? Do seu sonho? Do galileu? A verdade é que ele está morto. Dei a ele toda chance de refutar as acusações, mas você sabe o que ele me disse? ‘Para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade’ (Jo 18.37). E sabe qual era a verdade dele? Que ele era o rei de algum reino fora deste mundo. Bem, aparentemente o Sinédrio parecia pensar que essa verdade era uma mentira perigosa.”

“Você acha que ele era perigoso?”

Pilatos suspirou e tomou um gole de vinho. “Não sei. Ele não era como os fanáticos zelotes. Não houve discurso de crítica contra Roma. Ele dificilmente disse alguma coisa a esse respeito. Ele nem mesmo parecia irado. Se ameaçou alguém, penso que foi ao Sinédrio. Sei reconhecer quando algo está errado. Um julgamento à meia-noite, uma demanda por crucificação imediata. Não tinha nada que ver com uma lei santa. Era questão de poder. Caifás queria se livrar de um problema.”

“Você também queria se livrar de um problema?”

Os olhos de Pilatos flamejaram de ira. “Haja paciência, Prócula, eu tenho problemas maiores para me preocupar do que com esse Jesus. Meu problema é César. Aquela aglomeração de gente teria se tornado em tumulto se eu tivesse libertado Jesus. Tumultos em Jerusalém sempre acabam com alguns judeus mortos, e eu não poderia arriscar ter mais sangue judeu em minhas mãos justo agora sem sofrer um inquérito de Tibério.”

“E, de repente, eu tinha o sumosacerdote fingindo lealdade a César e questionando publicamente a minha lealdade. Se eu o tivesse libertado, você pode imaginar a alegria deles em relatar a Tibério que eu estava disposto a tolerar um rival de César? Quando tudo estava dito e feito, minha escolha era entre César e um galileu delirante. E a decisão era óbvia para mim.”

Naquele momento um servo entrou no aposento. “O que é?”, perguntou Pilatos.

“Marco Antônio deseja vê-lo, senhor.”

“Marco? Tão cedo pela manhã? Não pode ser algo bom. Mande-o entrar.”

O jovem oficial adentrou o recinto.

“Do que se trata, Marcos?”

“O galileu, senhor. Ele desapareceu.”

Pilatos era um homem com uma sabedoria pragmática mundana. Ele provavelmente se via como uma pessoa realista. O que era irônico, porque ele enxergava a realidade de forma totalmente equivocada. Ele parecia ver Jesus como um peão descartável em um jogo de xadrez político, quando na realidade ele mesmo era o peão e Jesus o Rei.

É crucial lembrar-se disto quando, por causa de Jesus, nos encontramos à mercê de poderosas autoridades terrenas (no governo, trabalho, família ou religião) que “buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus” (Fp 2.21). Seus interesses egoístas podem mesmo nos trazer aflição. Mas a Bíblia é clara: o que eles fazem por mal, Deus converterá em nosso bem (Gn 50.20).

Lembre-se das palavras de Jesus a Pilatos: “Nenhuma autoridade terias sobre

mim, se de cima não te fosse dada” (Jo 19.11). O mesmo é verdade a nosso respeito. Aqueles que estão em autoridade sobre nós estão ali pelo decreto de Deus, e prestarão contas a ele.

Mas, para nós “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39).

10. Tradução literal de trecho do hino “Castelo Forte”, de Martinho Lutero, 1529.

11. Mateus 27.19 é a única referência à esposa de Pilatos no Novo Testamento. A tradição cristã a chama de Prócula ou Cláudia.

“Passadas estas coisas, saindo, viu um publicano, chamado Levi, assentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e, deixando tudo, o seguiu.”

Lucas 5.27-28

34

“SEGUE-ME”

LEVI E A GRAÇA

Lucas 5.27-32; Mateus 9.9-13; Marcos 2.13-17

A ÚNICA COISA QUE NOS QUALIFICA para sermos seguidores de Jesus é que somos pecadores que necessitam da graça. O pecador é o único tipo de pessoa que Jesus chama, como o apóstolo Levi (Mateus) descobriu.

Levi olhou para Jesus e os outros onze discípulos em volta do círculo da fogueira. Que estranha escola rabínica, ele pensou. Não era exatamente a nata da cultura acadêmica. Esse mestre, sem qualquer treinamento teológico formal,

tinha um grupo heterogêneo de discípulos que pendia para uma maioria de pescadores.

Mas ele se via como o mais estranho dos excêntricos.

Levi tinha sido publicano, coletor de impostos. Isso significava que tinha essencialmente trabalhado para Roma. E significava que tinha sido considerado um traidor pela maioria dos seus vizinhos. “Publicanos e pecadores” eram sinônimos.

Quem inventou o sistema oficial romano de coleta de impostos foi um gênio. O sistema foi criado para encorajar a coleta corrupta. Enquanto Roma recebia a quantidade prescrita para determinada região, os coletores ficavam livres para reter tudo que tivessem recolhido a mais. Podiam-se conseguir quantias vultosas por meio da ação financeira ambiciosa, sem ética, e sem princípios. E quanto mais corrupto o coletor, mais alienado ele se tornava de seu próprio povo, e assim cada vez mais dependente da continuação do governo romano.

Era uma difícil escolha vocacional. A renda do coletor era considerável e ao mesmo tempo segura. Não era tão vulnerável quanto outros negócios às flutuações dos mercados locais ou ao capricho das estações chuvosas. Mas exigia alguém disposto a encarar um tipo diferente de aridez: o respeito social. Quando Levi se tornou publicano, ele sabia que estava trocando sua reputação por segurança financeira. A partir daí, ele manteve uma distância prudente da sociedade da sinagoga e fez amigos dentro da casta dos “pecadores”.

Então chegou o melhor e mais estranho dia de sua vida.

Levi ouviu sobre o mestre Jesus. Praticamente todos estavam falando dele. Havia relatos de milagres impressionantes. As pessoas estavam tentando decifrar suas parábolas.

E agora Jesus havia chegado à cidade! Levi tinha a esperança de ouvi-lo pregar, mas estava atolado com o serviço. Os coletores de impostos não ousavam decepcionar seus gerentes regionais.

Sentado na coletoria, Levi tinha visto uma multidão agitada se aproximando. A experiência tinha lhe ensinado a manter a cabeça baixa e parecer ocupado para evitar fazer contato visual com os que o desprezavam.

Mas a agitação tinha parado bem ali. Levi podia sentir os olhos das pessoas sobre ele. Ele ouviu os sussurros pedindo silêncio. Levantou o olhar com cautela. Um vívido jovem homem estava perante ele. Levi soube imediatamente tratar-se de Jesus.

Fez-se um nó de nervosismo em sua garganta. Ele se preparou para receber uma repreensão rabínica.

Mas o que Jesus disse foi: “Segue-me”. A multidão suspirou e os pedidos de silêncio tornaram-se um zunido coletivo motivado pela surpresa. Levi estava sentado, petrificado. Claramente, Jesus estava falando com ele. Mas o que ele queria dizer?

A expressão de Jesus tornou-se mais séria e ele acenou com a sua mão. Ele queria que Levi o seguisse literalmente — naquele mesmo instante!

Uma tormenta de pensamentos rodopiava na cabeça de Levi. E quanto à coletoria? Todos aqueles registros... Para onde Jesus estava indo? Será que ele iria para longe? Mas a clareza imediatamente começou a engolir toda aquela confusão: Jesus queria dizer desistir de tudo e segui-lo. Jesus o queria para discípulo.

Jesus me quer? Por acaso ele sabe... Então, repentinamente, ele percebeu que Jesus sabia.

Ele se encheu de uma felicidade e alegria que jamais experimentara. Por muito tempo tinha achado (e haviam dito para ele) que Deus não tinha nada a ver com ele. Mas agora parecia que, por meio de Jesus, Deus havia falado com ele diretamente. E a despeito do fato de que abandonar seu posto de coleta certamente custaria o seu trabalho, Levi chocou-se ao se dar conta do profundo desejo de, voluntariamente, abrir mão de sua segurança financeira para seguir a Jesus — esse mestre que ele nem sequer conhecia. Era algo inexplicável e irresistível.

Então ele pôs sua pena na mesa, levantou-se, e simplesmente seguiu a Jesus. Levi nunca se sentiu tão livre em sua vida inteira.

Agora, passado um ano, sentado em volta do fogo, aquilo tudo voltava, fazendo Levi se lembrar de quão estranhos, maravilhosos e misericordiosos são os caminhos de Deus. Quem teria imaginado que, dentre todo o povo, ele arrancaria um coletor de impostos de seu posto e o designaria discípulo do tão esperado Messias de Israel? E agora muitos cobradores de impostos e pecadores engrossavam as fileiras dos seguidores de Jesus.

Ser um pecador era a única qualificação que Levi possuía para se juntar ao grupo dos discípulos de Jesus. Cristo veio chamar pecadores ao arrependimento (Lc 5.32). Levi estava doente, enfermo pelo pecado, e Jesus, o Grande Médico, o curou (Lc 5.31).

Por causa disso, Levi ofereceu um banquete em sua casa e convidou os seus amigos pecadores para conhecer Jesus. E muitos o seguiram (Mc 2.15).

Jesus não nos chama por causa de nossa justiça ou talentos. Ele nos chamou quando estávamos mortos em nossos pecados (Ef 2.1) e cegos pelo deus deste mundo (2Co 4.4). Ele nos chamou quando tudo o que tínhamos eram necessidades.

E mesmo agora que somos seus discípulos, todos os pecadores redimidos ainda possuem verdadeira necessidade dele. Ele é a Videira e nós os ramos; sem ele, nada podemos fazer (Jo 15.5). Ele nos supre com o Espírito (Gl 3.5) para que sirvamos somente na força e graça que Deus supre (1Pe 4.11).

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.8-10).

Nunca deixamos de seguir a Jesus. Cada dia é um novo convite para crer, nos regozijar e responder ao seu inexplicável e irresistível convite.

“Volta para casa e conta aos teus tudo o que Deus fez por ti.”

Lucas 8.39

35

QUANDO SEGUIR A JESUS

SIGNIFICA VOLTAR PARA CASA

O GERASENO E SUA MISSÃO

Lucas 8.26-39

TENDEMOS A PENSAR EM SEGUIR A JESUS como trocar aquilo que conhecemos por algo que não nos é familiar. Mas, algumas vezes, como no caso do endemoninhado geraseno, o chamado mais difícil é para voltar para casa.

Pela primeira vez, em muito tempo, ele estava no pleno controle de sua mente. Podia pensar! Nada de ira, temor, tormento. Mas paz, como um mar tranquilo. Ele simplesmente queria estar vestido.

Mas a coisa mais incrivelmente maravilhosa de tudo era o seu senso de limpeza. Sua alma estava limpa.

O homem que vivia nos sepulcros de Gadara olhou para Jesus novamente. Sua mente lúcida refletia sobre as palavras “Filho do Deus Altíssimo”.

Quem diria que o Filho de Deus se parecia com qualquer outro homem judeu? Ele não era muito grande e nem especialmente distinto. Em sua fúria demoníaca, o homem dos sepulcros tinha posto para correr homens de muito maior força física.

Eram, de fato, seus demônios que tinham reconhecido Jesus. “Filho de Deus” foi o termo. O que foi que eles viram? Em todos os seus anos atormentados, ele nunca sentiu nada como o terror que o traspassara quando viu Jesus sair do barco. Era o terror de um condenado. Ele pensava que já estava vivendo no inferno. Agora estava em dúvida.

Livre dos demônios, nada do que tinha experimentado chegava perto da segurança e paz que sentiu por simplesmente estar próximo de Jesus. Apenas conhecia Jesus há algumas horas, mas já havia determinado ser seu discípulo por toda a vida. Viver com ele seria o céu na terra.

O homem olhava para Tiberíades. As carcaças de porcos banhavam a costa e vagavam à deriva, no mar. Tremia ante essa lembrança perturbadora. Ele sentiu a

mão tranquilizadora de Jesus sobre o seu ombro.

Um barulho fez todos eles olharem de volta para a colina. Uma pequena turba de pessoas estava se aproximando, e os criadores de porcos lideravam o grupo. Dava para ouvir o tom alarmado de suas vozes.

Uns poucos homens passaram a vigiar o rebanho morto e flutuante. Mas o restante parou a poucos metros de distância. Todos suspiraram ao olhar para o homem que vivia nos sepulcros que, por sua vez, reconheceu a maioria deles.

Ele costumava ver o medo em seus olhos. Mas essa era uma ocasião diferente. Enquanto um dos porqueiros recontava o que havia acontecido, olharam fixamente para o homem, e em seguida para Jesus. Era Jesus que eles temiam.

O murmúrio da multidão tornou-se um apelo aflito: “Por favor, vá embora! Não queremos mais problemas aqui!” Alguns já estavam correndo de volta para a cidade. Durante anos aquele homem dos sepulcros, caserna de milhares de demônios, havia sido aterrorizado. E agora estava ali alguém ainda mais poderoso. Qualquer que fosse a mágica que esse Jesus possuísse, queriam distância dele.

O homem dos sepulcros sentiu-se confuso e triste. Não conseguia entender! Jesus não tinha nada a ver com os demônios. O poder de Jesus era limpo, santo. Jesus era cheio de brandura. Eles estavam tirando conclusões erradas. Se apenas pudessem ouvir o que ele tinha a dizer...

Mas Jesus disse a Pedro que aprontasse o barco. Iria partir! Não iria se explicar. O homem levantou-se e disse: “Senhor, por favor, deixe-me ir contigo. Seguir-te-

ei para onde fores! Farei o que for necessário!”.

Jesus olhou intensamente para ele por um momento sem nada dizer. Então pôs sua mão consoladora novamente sobre o ombro daquele homem e disse: “Volta para casa e conta aos teus tudo o que Deus fez por ti”.

As palavras “volta para casa” devem ter apertado o coração daquele homem. O lar para ele não era um lugar caloroso, cheio de recordações amáveis.

Era um lugar de memórias tão tenebrosas e sofridas que provavelmente o fazia querer escapar delas e nunca voltar.

Mas, algumas vezes, seguir a Jesus significa ser mandado de volta para um lugar no qual experimentamos desolação e angústia indescritível. A ideia de retornar evoca o medo de nossos antigos demônios e das pessoas que nos conheceram tal como éramos. Mas Jesus nos manda de volta porque é lá que a graça de Deus em nossa vida brilhará de forma mais intensa.

O que Jesus quer que saibamos é que sua salvação e proteção se estendem às nossas mais antigas e horríveis assombrações. Se ele pode romper as cadeias de morte que Satanás tinha posto sobre nós e nos libertar, então pode também redimir os locais de nossa antiga escravidão e fazê-los vitrines da onipotente graça de Deus.

Não tema. O bom Pastor andará contigo e te protegerá na estrada escura (Sl 23.4). Declare agora quanto Deus já fez por ti. Você está sendo enviado porque há outras pessoas em sepulcros que precisam ser libertas.

Sobre o autor

Jon Bloom é co-fundador e presidente do ministério Desiring God e encontra grande alegria em ajudar outros a crerem em Jesus e terem prazer nele. Bloom e sua esposa, Pam, vivem em Mineápolis com seus cinco filhos